

Jacirema Cléia Ferreira

Encontrando a *Mulher*:
A Psicanálise do Self na Abordagem de um Singular Plural

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Área de concentração:
Psicologia Clínica

Orientadora: Prof^a Livre Docente
Tânia Maria José Aiello Vaisberg

São Paulo
2004

Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca
e Documentação do Instituto de Psicologia da USP

Ferreira, J. C.

Encontrando a mulher: a psicanálise do self na abordagem de um singular plural./ Jacirema Cléia Ferreira. – São Paulo: s.n., 2004. – p. 213

Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Clínica.

Orientadora: Tânia Maria José Aiello Vaisberg.

1. Psicanálise 2. Mulheres 3. Jogo do rabisco 4. Winnicott, Donald Woods, 1896-1971 5. Enquadres diferenciados I. Título.

Encontrando a *Mulher*:
A Psicanálise do Self na Abordagem de um
Singular Plural

Jacirema Cléia Ferreira

Banca Examinadora

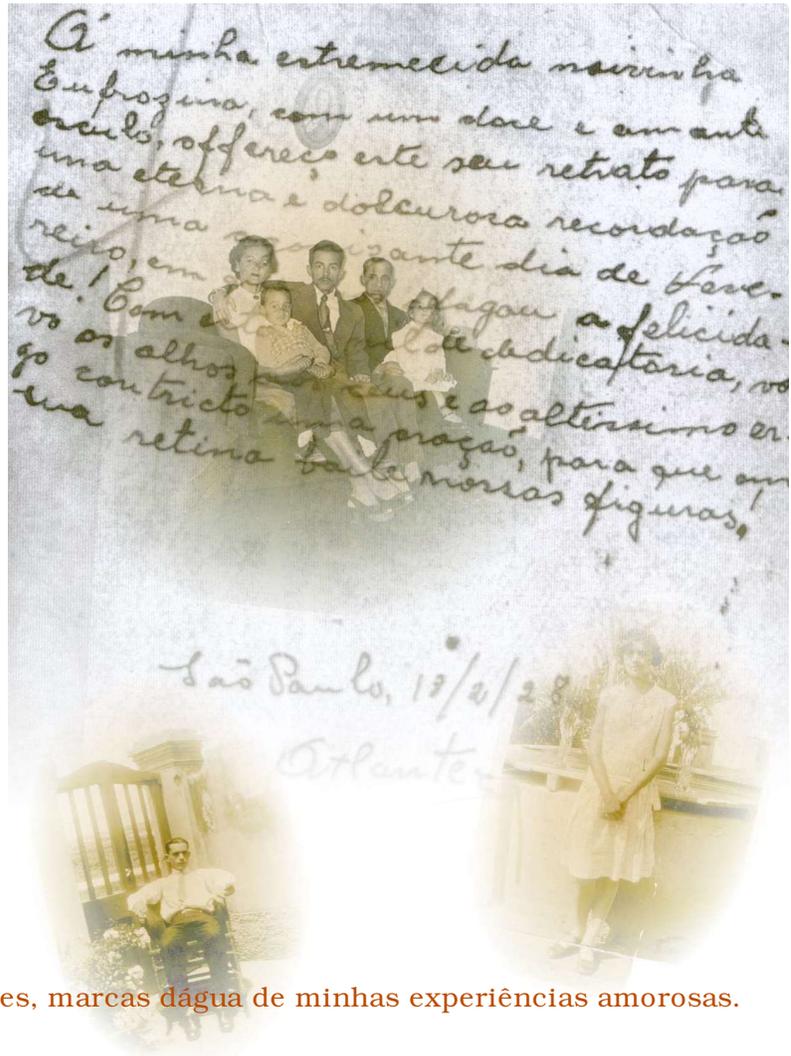
Tânia Maria José Aiello Vaisberg

Tales Afonso Muxfeldt Ab´Sáber

Maria Christina Lousada Machado

Dissertação defendida e aprovada em: 31/05/2004.

Frontispício



Histórias familiares, marcas d'água de minhas experiências amorosas.

A meu pai que, ao batizar-me poeticamente, insuflou-me o amor pela prosa e verso.



A minha mãe, que tanto amou sem saber.

Dedicatória

A meus analistas
Wulf H. Dittmar, minha gratidão por sua fé nesta empreitada,
muito antes de eu me reconhecer capaz.
A Marlene Rozenberg, pelo acompanhamento terno e respeitoso.

Tributo

À minha orientadora Tânia Vaisberg, sensível maestrina que, com sua batuta experiente, regeu todos os compassos desta composição, acolhendo com o mesmo respeito acordes harmônicos ou dissonantes e, sobretudo, aclamando os improvisos, reconhecendo-os como espontâneas expressões de minha personalidade. Só mesmo um poeta para condensar o que de maior com ela aprendi.

Palavra prima
Uma palavra só, a crua palavra
Que quer dizer
Tudo
Anterior ao entendimento, palavra.

(...) Palavra boa
Não de fazer literatura, palavra
Mas de habitar
Fundo
O coração do pensamento.
Chico Buarque

Agradecimentos

Para o alcance deste sonho, no qual residem sentidos ainda ignorados, inúmeras pessoas colaboraram. Como é impossível citá-las todas, quero ao menos registrar que certos gestos, embora esporádicos e ainda que seus autores permaneçam anônimos, mantêm-se gravados em meu coração. Quanto as mais intensas e assíduas companhias afetivas, é imperioso reportar.

Aos amigos:

Sueli Galli Soares por seu apreço inestimável.

Sylvia Leal, fiadora de minhas esperanças, pela companhia no decorrer deste trajeto.

Ao Tales Ab´Sáber, cuja ambiência *suficientemente boa* favoreceu-me o acesso às dimensões inusitadas da dramática humana.

À Vera Mencarelli, pela leitura e revisão carinhosas de minhas produções e pelo inestimável incentivo.

À Maria Christina Vargas Lemos, por sua tolerância com minhas indisponibilidades e pela presença inabalável.

A Roberto Girola, pela afetuosa interlocução em momentos aflitivos.

À Vânia Fietz que soube se manter presente, a despeito da distância física.

A Carlos Augusto, pela sensível leitura das entrelinhas.

À Ana Lúcia Paolillo, pela constância da amizade.

A Alex Shankland, pelas cálidas mensagens enviadas da fria Inglaterra.

A Heitor de Macedo, pelo *holding* imperativo em tempos instáveis.

À Solange Fecuri por sua ternura estimulante.

À Dulce Dias Saad, pelo encanto de Monteiro Lobato que permeou minha infância.

A Nivaldo Spanghero pela requintada encadernação, primorosa como sua amizade para mim.

À Maria Alice, pelo zelo às rotinas domésticas, que me possibilitou a tranquilidade necessária à gestação da escrita.

Aos colegas da *Ser e Fazer*: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo pelos fecundos debates. À Maria Christina Lousada Machado, por sua presença viva e leal e à Yára Bastos Corrêa, pelas supervisões.

Às profissionais da biblioteca do Instituto de Psicologia da USP: Angélica, Célia e à sua diretora Maria Imaculada, pelo atendimento impecável. À Arlete e Olívia, das Secretarias da Pós-Graduação, por sua eficiência e acolhimento essenciais.

A Gilberto Safra pelo generoso compartilhamento de sua experiência clínica. À Miriam Debieux Rosa e Anna Maria Loffredo, pelo incitamento à publicação de minhas idéias. A Alberto O. Advíncula Reis, por ter me conduzido à Tânia.

À Carolina e à Maratonista, singulares expressões da *fisionomia coletiva* do viver amoroso, pelos valiosos encontros.

Às pacientes, cujas histórias afetivas habitam estas páginas e inspiraram esta dissertação, com as quais transitei por delicadas regiões da dramática humana, meus sinceros agradecimentos. Às colegas com as quais tenho exercitado o *estilo clínico serefazer* : Viviane Rossi, Fátima Domingues e Delvana Di Bello, pela riqueza das vivências. Às inominadas mulheres de meu tempo, que de algum modo motivaram a minha escrita, minha reverência.

A minha família

A meu irmão-pai, José Carlos, pelo carinho incentivador.

A Paulo e Graça Nacaratto, meus sobrinhos, pela determinação exemplar.

A Daniela Cristina, sobrinha-neta que tanto se preocupa com o sofrimento humano, minha admiração.

À Sirlei Huler, se mais não fosse, por ter gerado o Cauê, adorável criança cuja existência colore meus dias de alegria.

A Maria Isabel, mãe devotada comum, *in memoriam*.

E, afinal, ao Jairo, todo meu amor, por seu olhar complacente e o profundo crédito em minhas potencialidades, pelas incontáveis criações conjuntas ao longo dos anos e todas as noites insones dedicadas aos meus projetos. E, agora, no término desta trajetória, por suas belas ilustrações neste meu sonho que se espalha para a realidade compartilhada.

Sumário

	Página
Resumo	viii
Abstract	ix
Résumé	x
I. Breviário.	01
II. Circunscrições.	04
III. Veredas: Palmilhando o Imaginário Feminino	07
IV. Expedições Contemporâneas: Parodiando as Consultas Terapêuticas	23
V. Cartogramas.	38
VI. Encontros com Mulheres.	44
VII. Provisões.	55
VIII. Travessias: o Espaço Potencial.	61
IX. Transicionalidade e Experiência Compartilhada.	80
X. Viver ou Descrever?	83
XI. Prenúncio.	86
XII. Encontro: Uma Primeira Mulher.	88
Primeiras Narrativas.	
<i>Falsos Brilhantes.</i>	90
<i>Flashes de Esperança.</i>	93
Histórias de Carochinha.	93
Meninos dos Olhos.	96
<i>Rugas de Impressões.</i>	99
<i>Arranha-Céus.</i>	101
Ambiências Ilusórias.	103

<i>Avon chama... O "Toque" de Despertar.</i>	109
Espaços Inabitados.	110
Bancarrota Amorosa.	112
<i>Pistas Escorregadias.</i>	116
Bastidores da Notícia.	117
<i>Out-Door: Fantasias Cor-de-Rosa</i>	121
Sensualidade Desnuda.	124
XIII. Intermezzo.	129
XIV. Reencontros.	135
XV. Um Segundo Encontro: <i>Carolina.</i>	138
A Dor Guardada.	141
Uma Simples Infância.	145
Olhos de Tanto Amor.	147
A Dor de Todo Este Mundo.	149
Eu bem que Avisei, Vai Acabar.	152
O tempo na Janela.	153
Só Carolina Não Viu.	155
Uma festa Acabou.	157
Uma Estrela Caiu.	165
O Pranto Nada Vai Ajudar.	176
O Barco Está Partindo.	179
XVI. Desfecho.	190
XVII. Referências.	208

ILUSTRAÇÕES	Página
Frontispício: Acervo Pessoal.	ii
Capítulo I.	1
Capítulo III. Níobe Ferida - Detalhe - 1906, Camille Claudel.	7
Capítulo IV. A Faunesa de Joelhos - Detalhe - 1884, Auguste Rodin.	23
Materialidades	37
Capítulo V. A Danaide - Detalhe - 1884-85, Auguste Rodin.	38
Capítulo VI. A Catedral, s/data, Auguste Rodin.	44
Capítulo VII. Aurora - Detalhe - 1890, Auguste Rodin.	55
Capítulo VIII. A Fortuna - Detalhe - 1900, Camille Claudel.	61
Iluminuras - Criação: Jairo Celso Ferreira	64/75
	77/79
Capítulo IX. A Espuma - Detalhe - 1901, Camille Claudel.	80
Capítulo XII.	
Encontro: Uma Primeira Mulher - Montserrat Gudiol.	88
Ambiências Ilusórias - Montserrat Gudiol.	103
Ambiências Ilusórias - Montserrat Gudiol.	107
Bancarota Amorosa - Montserrat Gudiol.	112
Bastidores da Notícia - Montserrat Gudiol.	117
Sensualidade Desnuda - Montserrat Gudiol.	124
Sebastião Salgado - Êxodos	128
Capítulo XV. Acervo Pessoal.	137/145
Capítulo XVI.	
O Abandono - Detalhe - 1905, Camille Claudel.	190
A Suplicante - Detalhe - 1889, Camille Claudel.	192
O Deus que Voou - Detalhe - 1894, Camille Claudel.	201
L'Amour qui passe - 1885 - Auguste Rodin.	203
Fugit Amor - 1881-1887 - Auguste Rodin.	207

Imagens / Fontes

<p>CAMILLE CLAUDEL Publicação Pinacoteca do Estado, 1997, Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Estado de São Paulo.</p>
<p>AUGUSTE RODIN Publicação Pinacoteca do Estado, 2001, Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Estado de São Paulo, por ocasião da Exposição <i>A Porta do Inferno</i>. <i>Auguste Rodin, Esculturas e Desenhos</i>, Taschen Editores, Lisboa, Portugal, 1997.</p>
<p>MONTSERRAT GUDIOL www.artelibre.net/ARTELIBRE1/GUDIOL</p>
<p>SEBASTIÃO SALGADO <i>Êxodos</i>. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000. 432 p.</p>

R e s u m o

O presente trabalho tem como objetivo a pesquisa psicanalítica do imaginário da mulher contemporânea sobre a *experiência amorosa feminina*. Estabelece, metodologicamente, um enquadre investigativo diferenciado a partir de um uso paradigmático do Jogo do Rabisco de D. W. Winnicott, que permite a concepção de um conjunto de pranchas figurativas de situações cotidianas. O diálogo entre a pesquisadora e a *personalidade coletiva Mulher* realiza-se pela abordagem de duas entrevistadas. As narrativas emergentes, onde se entrelaçam histórias inventadas e lembranças pessoais, favoreceram a *criação/encontro* de um campo psicológico não consciente. Neste campo se evidencia que, em certas modalidades de vínculo, formas regredidas de dependência emocional são mascaradas por manifestações amorosas e eróticas. Em termos do imaginário coletivo da atualidade, esta perspectiva torna possível entender que a exaltação do sofrimento amoroso da mulher acoberta o não reconhecimento de dificuldades existenciais vinculadas a aspectos de *self* não plenamente realizados.

Palavras-Chave: 1. Psicanálise 2. Mulheres 3. Jogo do Rabisco 4. D. W. Winnicott, 1896-1971 5. Enquadres Diferenciados.

Abstract

Meeting The Woman: The Psychoanalysis of the Self to Approach a Singular Plural.

The object of the current work is the psychoanalytic study of the *feminine loving experience* held within the imagery of contemporary women. It methodologically establishes a differentiated investigative setting from the paradigmatic use of the Squiggle Game by D. W. Winnicott, which allows the making of a set of cards depicting daily life situations. The dialogue between the researcher and the *persona of the collective Woman* is developed along two separate interviews. The emerging narratives, where made up stories and personal memories are entwined, favored the *creation/encounter* of a non-conscious psychological field. This field made it clear that in some kinds of links, regressed ways of emotional dependence are masked by loving and erotic demonstrations. In terms of the collective imagery of the present days, this point of view makes it possible to understand that the exaltation of women's love related suffering, covers up the not acknowledged existential difficulties related to aspects of the *self* which have not been totally fulfilled.

Key Words: 1. Psychoanalysis 2. Women 3. Squiggle Game, 4. D. W. Winnicott, 1896-1971 5. Differentiated Settings.

Résumé

Rencontrant la femme:

La Psychanalyse du Self dans l'abordage d'un Singulier Pluriel

Ce travail a comme but la recherche psychanalytique de l'imaginaire de la femme contemporaine sur l'expérience amoureuse féminine. Établissant, avec méthodologie, un cadre d'investigation différencié à partir de l'emploi paradigmatique du Jeu du Griffonnage de D.W Winnicott, permet de concevoir un ensemble de planches figuratives de situations quotidiennes. Le dialogue entre investigateur et *personne collective Femme* se réalise avec deux personnes en rendez-vous. Les récits qui émergent, où s'entrelacent des histoires inventées et des souvenirs personnels, favorisent la *création/rencontre* d'un champ psychologique non conscient. Dans ce champ, il devient évident que, dans certaines modalités de liens, des formes régressives de dépendance émotionnelle sont masquées par des manifestations amoureuses et érotiques. En ce qui concerne l'imaginaire collectif de l'actualité, cette perspective rend possible comprendre que l'exaltation de la souffrance amoureuse de la femme cache la non reconnaissance de difficultés existentielles liées à des aspects du *self* pas complètement réalisés.

Mots clés : Imaginaire collectif, Expérience amoureuse, Jeu du Griffonnage, D.W.Winnicott, Cadres différenciés

Breviário



Na origem desta pesquisa, inúmeras histórias amorosas de mulheres se enovelam. De umas, apenas, ouvi dizer, de outras, pessoalmente, fui ouvinte. Há, também, as forasteiras, de países e de épocas, das quais tive notícia por filmes ou livros, e tantas, que nem sei, que se mesclam à própria raiz familiar. Nascidas em lares, condições e terras, as mais diversas, fixaram-se em minha memória por um traço em comum: são relatos tocantes, coloridos por um intenso padecer, reminiscências de desastrosos amores.

A partir destas lembranças, foi sendo concebida esta investigação. Propus-me, por intermédio de encontros, a verificar se a questão do sofrimento, como aspecto do viver amoroso da mulher contemporânea, surgiria vinculada à figura feminina e, em caso afirmativo, qual seria sua especificidade. Além disso, pretendia averiguar sua relevância no cotidiano de hoje, a forma como o padecer seria descrito, a eventual diferença relacionada às figuras femininas e masculinas, contemplando, segundo minha compreensão de encontro inter-humano, não apenas a expressão verbal, mas toda a gestualidade presente. Em suma, meu intento era realizar um estudo psicanalítico de busca do campo psicológico não consciente (BLEGER, 1963/1989)¹ das expressões da *Mulher*² sobre o tema do sofrimento na esfera amorosa. Como, porém, *conversar* com a *Mulher* a partir de uma perspectiva investigativa psicanalítica rigorosa?

Para cumprir o objetivo da pesquisa e favorecer as conversas com a *Mulher*, foi criada uma estratégia investigativa que implicou a elaboração de *sete pranchas*, nas quais figuram algumas cenas cotidianas da atualidade: situações profissionais, em família ou em momentos de lazer, mulheres de faixas etárias diferentes e uma figura masculina. Esta diversidade pretendeu desfocar, ligeiramente, o tema de meu estudo, para que a questão *viver amoroso de mulheres* permanecesse em parte oculto. Esta estratégia

¹. Reportamo-nos às concepções de Bleger, para o qual o campo psicológico está implicado nas três áreas de expressão da conduta: a saber, a área mental, a corporal e a da atuação no mundo externo, diferenciadas, desta maneira, apenas para atender às necessidades de estudo e intervenção. À área mental ou simbólica é reservado o nome de *campo da consciência* e para o conjunto das áreas corporal e de atuação o nome de *campo psicológico* propriamente dito. Assim, traçada esta distinção, pode-se deduzir que, para o autor, todo campo psicológico é, por definição, não-consciente.

². Em consonância com o pensamento blegeriano, que nos guia, as entrevistadas foram tomadas como representantes representativos de uma personalidade coletiva e, em decorrência deste argumento, farei sempre referência à *Mulher*, de forma generalizada.

idealizava favorecer narrativas fluidas e as mais espontâneas possíveis das participantes referentes às personagens e circunstâncias apresentadas.

Estas pranchas foram imaginadas como uma *intermediação* para as *conversas* com a *Mulher*, como forma de abordar a *personalidade coletiva*³ a partir do uso paradigmático do *Jogo do Rabisco* de Winnicott e utilizadas, neste contexto específico, com a finalidade de estudar as manifestações simbólicas de sua subjetividade. A palavra *personalidade* me parece precisa, porque evita um entendimento objetivante do coletivo, transformando-o em *coisa*. Estou me referindo à experiência emocional humana em âmbito coletivo, seguindo indicações de Bleger (1963/1989).

Elucido, afinal, que minha investigação é alicerçada no solo dos encontros e de narrativas superpostas, tomadas – à maneira de Benjamim (1936/1996) – como uma *forma artesanal de comunicação*, na qual se privilegiava, mais do que a verossimilhança do fato, o sentido próprio à comunidade da qual emanou.

³. O aprofundamento de nossas investigações conduziu ao abandono da expressão *sujeito coletivo*, anteriormente empregue, tendo em vista evitar o uso de quaisquer termos que conotem a permanência num registro representacional dissociado do plano existencial.

Circunscrições

Durante anos, o profundo amor pela literatura e o contato íntimo com os textos de Clarice Lispector levaram-me a colecionar, na memória, inúmeros fragmentos de livros que me atraíam pela extrema acuidade da autora em captar, com sensibilidade refinada, as angústias humanas. Em seus personagens, podemos encontrar reproduzidos, à perfeição, os inevitáveis percalços da trajetória existencial. Com o passar do tempo, duas de suas protagonistas ganharam especial destaque. Da particularidade coincidente em suas histórias, ambas mulheres, em encontros e desencontros afetivos, gradualmente se delineou a proposta de uma pesquisa psicanalítica voltada ao estudo do viver amoroso de mulheres.

Macabéa e Lóri,⁴ ao descobrirem um par, revelam-se outras. As ressonâncias desse acontecimento foram tratadas ao longo das narrativas, permeadas de dor e de uma certa surpresa. Espantavam-se pela autonomia do outro, que nem sempre correspondia aos anseios próprios, frustrando expectativas e negando a realização do desejo com a premência que lhe é característica. As criações de Lispector constituíram-se como autênticas experiências emocionais, produção cultural que, de acordo com a concepção

⁴. *Macabéa* é uma retirante nordestina de poucos recursos, privada tanto financeira como afetivamente. Sofre de maneira intensa, conforme sintetiza numa frase "... eu me dão o tempo todo... dentro, não sei explicar" (*A hora da estrela*, LISPECTOR, C. 1977/1988, p. 72). Sua afeição de companhia é tamanha que, diante da impossibilidade de ter um cão, dedica-se a criar pulgas. E de semelhante desatino e apego, será toldado seu encontro com Olímpico de Jesus. *Lóri*, em contrapartida, viveu sempre em abundância. Contudo sua vida é igualmente trespassada por um imenso vazio, advindo de um profundo distanciamento de si mesma. É descrita pela narradora como alguém que perdeu a vantagem da dor como aviso e sintoma. Uma frase pode fornecer uma dimensão aproximada de seu padecimento: "... podia estar a um passo da morte da alma, a um passo desta já ter morrido, e sem o benefício de seu próprio aviso-prévio" (*Uma aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*,

de Safra (1999), adquiriu os contornos de um objeto de *self*, presentificando expressivos aspectos de meu ser. Segundo o autor, há outros tipos de objeto – étnicos, líricos – resultantes ou não da produção humana, cuja função é idêntica, “... encarnar o estilo de ser do indivíduo no mundo sensorial” (p. 131). Em um impecável texto, Safra (1996) descreveu como uma vassoura facultou a uma andarilha um intercâmbio com a cultura e a sociedade da qual estava alijada. O uso desse objeto, tornando habitável as calçadas da rua, preservou sua dignidade, avivando a concepção de um espaço de alojamento, imprescindível para a manutenção de um senso de humanidade, ainda que em condições precárias de existência. Em outro exemplo, uma panela de cobre – objeto oferecido a uma paciente por sua analista – reconectou uma velha senhora à sua etnia, possibilitando o resgate dos aromas e temperos de seus ancestrais e o reencontro com sua linhagem biográfica e sua criatividade esmaecida. A vassoura e a panela, ambos símbolos de *self*, apresentam, de acordo com o autor, uma forma singular de ser, sentir ou existir do indivíduo.

Esta perspectiva assinala como determinados objetos seriam escolhidos para articulação de aspectos do *self* no próprio campo cultural. O símbolo do *self*, segundo Safra (1996), apresenta o estilo de ser do indivíduo. E esta apresentação pode se dar tanto por uma imagem como por um objeto colhido da materialidade. Assim, minha profunda ligação com *Macabéa* e *Lóri* transformou-se em um movimento investigativo, um apelo no sentido de voltar-me para as mulheres de meu tempo. Definiu-se, por fim,

LISPECTOR, C. 1969/1982, p. 143). A partir do encontro com Ulisses, sua rota existencial é alterada substancialmente.

sob forma de uma busca colocada como um projeto de pesquisa: *o de conhecer o imaginário coletivo de mulheres sobre o viver amoroso.*

Minha intensa vinculação, quase irreproduzível em palavras, com as sofridas histórias dessas mulheres, assemelha-se a uma experiência estética, pois descreve um denso sentimento de comunhão evocado por um objeto, que nos religa à aspectos fundamentais do próprio *self*. Seu sentido global é inapreensível, constituindo tarefa para toda uma existência, conforme relatou Safra (1999), acerca do significado que a bigorna do avô paterno ocupou em seu percurso.

Meu fascínio pela literatura é perpassado pelas reminiscências das descobertas encantadoras das aventuras de Emília, Narizinho, do Visconde de Sabugosa e do Marquês de Rabicó, magistralmente escritas por Monteiro Lobato. Mais alguém é emoldurado pela figura de meu pai, debruçado sobre a escrivaninha, na lida com os sinônimos para suas palavras cruzadas.

Veredas: Palmilhando o Imaginário Feminino.

Em sua trama, Penélope enredou o desejo de muitos homens, transformando-os em submissos escravos de seu tecer. Por



fidelidade ao seu sentimento por Ulisses, durante anos, iludiu seus pretendentes, aguardando o regresso de seu amado. Ao longo do dia, trançava as esperanças e durante a noite, desenredava a descrença para, ao raiar da manhã, novamente recomeçar o trabalho de espera.

Nos poemas da *Odisséia*⁵ encontramos um relato minucioso dos estratagemas concebidos por

Penélope para refrear os impulsos amorosos dos *cento e oito nobres pretendentes* à sua mão. Nenhuma das virtudes dos candidatos se comparava, porém, no coração da soberana de Ítaca, às qualidades de seu amado ausente. Transcorreram vinte anos, desde sua partida para a Guerra de Tróia, metade desse período tendo sido dispendido na longa trajetória de retorno, o qual, como rezava a tradição dos heróis, foi repleto de inúmeros contratempos e feitos memoráveis.

⁵. Tanto a *Odisséia* como *A Ilíada* são de autoria de Homero, universalmente considerado como o fundador da poesia épica e o maior e mais antigo dos poetas gregos (ap. séc. X – a.C.).

Penélope, na descrição de Homero, era detentora de uma fértil imaginação, atributo que lhe possibilitou arquitetar os mais diversos ardis para postergar a decisão de contrair novas núpcias. Ressalto aqui a tradição patriarcal vigente que interditava o reinado à mulher, forçando-a a escolher um substituto para o soberano desaparecido. Frente à impossibilidade de qualquer outro adiamento, elaborou seu mais engenhoso artifício: comprometeu-se a efetuar a escolha, tão logo terminasse de tecer a mortalha para seu sogro Laerte. Durante três anos, ludibriou uma vez mais os incautos, durante as noites desfazendo, pacientemente, as malhas desta manta.

Depois de muitas peripécias, Ulisses chega à pátria. Alcança o palácio coberto de andrajos e sua esposa, apiedada de sua frágil aparência, defende-o da chacota e ofensas de seus rivais, embora sem reconhecê-lo. Com a ajuda de seu filho, o rei desafia a todos para uma disputa, mas, vencendo-os, precisará ainda ultrapassar a prova final: a resistência de Penélope que, ainda ignorante de sua identidade, reluta em aceitá-lo como consorte. O ponto culminante na cena de reconhecimento entre Penélope e seu amado, a prova definitiva oferecida pelo regente de Ítaca é a precisa descrição da feitura do leito conjugal, detalhes que somente seu próprio dono estaria em condições de descrever. É essa evidência que dissipa totalmente a descrença de Penélope, mais do que as manifestações de força demonstradas pelo viajante (BRANDÃO, 1987).

Esta e as demais façanhas fizeram-na despontar como o símbolo perfeito da fidelidade conjugal, na concepção do autor da *Odisséia*. Algumas de suas qualidades tais como, a perseverança, a credulidade na volta de

Ulisses, sua resoluta fidelidade, a honradez dos princípios e a irrestrita dedicação ao amado – a despeito de todos os indícios desfavoráveis – foram objeto de incontáveis elegias ao longo dos séculos. Segundo concebemos, alguns traços dessas narrativas permeiam, significativamente, a construção do imaginário coletivo de nossos tempos, sobretudo no tocante à decantada capacidade feminina de espera.

Assim como o de Penélope, inúmeros relatos impregnam as paredes de meu consultório. Recuperando as queixas destas mulheres e a julgar pelo imaginário coletivo que se faz presente em produtos da cultura ocidental, poucos acontecimentos parecem ser tão assustadores para a mulher,⁶ quanto a *ameaça* de ruptura do vínculo com o ser amado. Sublinho *ameaça*, pois a simples perspectiva é, muitas vezes, suficiente para provocar um grande penar, gerando as mais diversas conseqüências, de acordo com a constituição subjetiva de cada uma.

Fragmentos de casos afluem à memória: da primeira paciente *Joana*⁷ que, frente ao anúncio de uma separação, começou a sofrer de alucinações de conteúdo paranóico. Todos à sua volta tornaram-se implacáveis perseguidores, engendrando os ardis mais pérfidos para prejudicá-la. Como um incêndio em tempo de estiagem, o medo, inicialmente circunscrito ao ambiente familiar, alastrou-se; abrasando seu território profissional,

⁶. Vale a pena ressaltar, contudo, que também os homens se desesperam ante o prenúncio da perda de um vínculo expressivo em suas vidas, conforme exposto em uma mesa redonda promovida pela Faculdade Presbiteriana Mackenzie a respeito das disputas de guarda, as quais, segundo Vaisberg (2000), têm como campo psicológico não consciente a *paixão frustrada*.

⁷. Em algumas criações poéticas de Chico Buarque, sensível ledor da dramática existencial das mulheres, encontrei inspiração para rebatizar as três pacientes apresentadas. Joana, a personagem principal da peça teatral *Gota D'água*, cuja trajetória relembra a mítica feiticeira Medéia traída por Jasão, Carolina a que guarda tanta dor em seus olhos fundos e afinal,

queimando a relação com os poucos amigos e chamuscando o contato com a mãe. Nem os filhos foram preservados: no auge do desespero, construiu uma pira e sacrificou-os também: para vingar-se do abandono do marido, acusou-o de tê-los molestado sexualmente, submetendo-os, sem piedade, a sucessivos interrogatórios e a uma série de exames de corpo de delito. Nenhuma evidência foi encontrada.

De outro teor era o padecimento de *Carolina*. Chegou à terapia pelas mãos do companheiro, ansioso por adaptá-la à nova realidade: depois de anos como amantes, passaram a compartilhar o mesmo teto. A mudança, entretanto, foi somente domiciliar, pois *César*⁸, além de manter sua ligação com a *ex-mulher* e os filhos, inclusive arcando com todas as despesas, apartava *Carolina* de seu convívio profissional e círculo de amigos.

Em contrapartida, ofereceu conforto material, atendendo todos os seus pedidos no que tangia ao aspecto financeiro. Em bancarrota afetiva, ela exorbitava nos gastos, numa tentativa de compensar o déficit interno. Preenchia os dias em uma tediosa seqüência de visita aos *shoppings centers* – para comprar roupas, sapatos, jóias ou para alterar loucamente a cor dos cabelos – mas permanecendo sempre insatisfeita com o resultado obtido. Ao despotismo dele, *Carolina* respondia no mesmo tom. Perseguiu-o por todos os lugares, telefonava, com insistência, para sua empresa, revistava seus ternos à procura de algum indício de traição, assaltava as gavetas para surrupiar dinheiro extra, dirigia, distraidamente, para ocasionar-

lolanda, que não é mais que mais que uma canção e que me veio assim de forma tão caudalosa.

⁸. A escolha dos nomes fictícios masculinos merece também um comentário. Selecionei *César*, em função da sonoridade coincidente com o prenome verdadeiro.

lhe prejuízos. Sua vida era apenas *ele*: o que fazia, com quem conversava, a que horas retornaria, o que pensava, sentia ou reagia.

Tornara-se a tal ponto prisioneira que, durante um período, concordou em satisfazer uma antiga fantasia do companheiro para participar de uma orgia, desde que o jogo obedecesse a sua regra: que fossem duas mulheres para deleitá-lo, cabendo a ele atuar unicamente como espectador. Naquela *performance*, ele tornava-se o excluído, o que assistia passivamente a cena, sem poder interferir. Imobilizaria-o, e, neste ato, sua própria paralisia estaria representada. Ultrajou-se e se sentiu violentada depois de cada episódio. Ao mesmo tempo, vangloriava-se: aqueles fugidios momentos forneciam-lhe a ilusão de que era seu o domínio: acompanhava, com avidez, o olhar de *César* tentando adivinhar o menor deslize de seu desejo. Essa montagem, todavia, encenava sua tragédia pessoal: acreditando, piamente, que o ultraje lhe fora imposto à revelia, ela era o próprio algoz, agente ativa de sua humilhação.

Outro palco, diverso drama. *Iolanda* apaixonou-se por *Rômulo*⁹ e viveram um romance tórrido. Doze anos mais velho, ele era casado e tinha duas filhas. Depois de muita relutância, decidiu romper com a esposa, para iniciar uma nova vida. Pouco durou a resolução. Uma culpa enorme em relação às meninas fez com que retomasse o casamento. Foi neste momento que *Iolanda* procurou atendimento, pois não conseguia dormir, sofria terríveis enxaquecas, tomava vários calmantes, estava em vias de ser

⁹. Com os nomes dos gêmeos romanos Rômulo e Remo procurei apresentar *a cara e a coroa de uma mesma moeda* afetiva, análoga à indisponibilidade tanto de um como do outro namorado de *Iolanda*. Curiosamente, na realidade, ambos têm nomes de apóstolos, também de origem italiana.

despedida de um trabalho bem remunerado. Sua existência estava um caos, uma vez que perdera o contato com seus amigos durante o período em que se relacionara com *Rômulo*, dedicando-se de forma exclusiva a ele durante os poucos períodos livres. Com a ruptura, não tinha aonde se agarrar, um tormento infundo permeava seus dias, fazia um brutal esforço para levantar-se e conseguir desempenhar, minimamente, suas funções.

Após um longo período, encontrou *Remo*. Solteiro, seis anos mais jovem, parecia disposto a investir num compromisso. O contato mais próximo revelou o contrário. Os impedimentos de *Remo* eram de outra ordem, gerando uma suspeita que apontava para as escolhas de *Iolanda* e para suas impossibilidades de estabelecer laços. Insegura e contaminada pelas reminiscências da relação passada, *Iolanda* passou a exercer estreita vigilância sobre os passos de *Remo*. Insistia tanto que ele quase cedeu, o vínculo começou a ficar estável, com apresentação mútua de familiares. Súbito, *Remo* retrocedera, revelando uma total inaptidão para assumir qualquer pacto. Outro rompimento, nova crise, mais amena que a primeira, entretanto. Na ocasião, *Iolanda* passou a refletir sobre sua implicação na história, mas ainda se manteve a incógnita principal, traduzida numa interrogação: seria *anormal* querer fazer *tudo* junto? seria *errado* gostar de passar *todo* o fim de semana com o namorado? Sendo bom, porque *não*?

Iolanda não possuía entretenimento algum. Quando o eleito se ausentava, sua vida tornava-se ocupada, tão somente, pelas longas horas que restavam até o regresso dele. E, quando a ausência era resultado de uma separação mais delineada, era o desespero, a ansiedade que lhe tolhia a garganta, impedindo a respiração. Era usual irromper num pranto

descontrolado, clamando contra o destino impiedoso, blasfemando contra Deus, culpando os pais e o mundo por seu fracasso. Perdia-se inteiramente, até encontrar novo objeto. Tal como nas histórias de *Lóri* e *Macabéa*, o ponto convergente destas três sínteses era o sofrimento de mulheres, derivado das relações amorosas.

Levando em conta que trataremos do sofrimento no imaginário coletivo de mulheres urbanas, universitárias e de classe média, não podemos deixar de aludir o segmento das revistas femininas, notando-se, mesmo mediante um exame superficial, o considerável relevo destinado aos assuntos associados ao relacionamento amoroso.¹⁰

Pensamos ser também adequada a menção de duas celebridades femininas, cujas biografias se entrelaçam às imagens que povoam o imaginário social. Para tanto, dentre os artistas, selecionamos o trágico percurso de Camille Claudel,¹¹ talentosa escultora que se apaixonou pelo mestre Rodin e que, segundo referido por Delbée (1982/1988), ao ser abandonada após cerca de 10 anos de uma conturbada ligação, aos poucos perdeu o contato com a realidade, sendo confinada durante 30 anos de sua existência a um hospício, até sua morte, com 79 anos de idade. O renomado artista, além das amantes esporádicas, manteria um vínculo de

¹⁰. Interessante trabalho, nesta linha, foi realizado por Denise Alves (1985) que apresentou, na década de oitenta, uma dissertação de mestrado do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, na qual procedeu a rigoroso estudo de revistas de grande tiragem dirigidas aos públicos feminino e masculino. Sua pesquisa permitiu perceber o quanto as expectativas do homem e da mulher diferiam em termos da vida amorosa, resultando no encontro desencontrado entre Don Juan e Cinderela. O trabalho foi publicado com o título *O desencontro marcado: a velha-mulher-nova e o machão-moderno* (Vozes, 1985, Petrópolis-RJ).

¹¹. Utilizamos como fonte-referência uma das biografias disponíveis em Português, *Camille Claudel, uma mulher*, de Anne Delbée (1982/1988). Esta autora pesquisou, durante alguns anos, a vida da escultora, tendo dirigido também uma peça intitulada *Une femme*, no

mais de cinqüenta anos com Marie-Rose Beuret, com quem viria a se casar, semanas antes dela morrer. Essa companheira submissa era considerada por Rodin como guardiã de sua obra. Para ela, em uma de suas longas estadas com Camille, certa feita escreveu: “Penso em ti e fico tranqüilo, o meu trabalho está nas tuas mãos, não o umedeças em demasia e acaricia-o com teus dedos”.¹² Em 1890, Rodin entalhou o *Busto de Rose*, então com 36 anos, mas em seu rosto severo, segundo a fonte referida, podiam ser identificados os traços de seu tormento interior. Entrementes, permaneceu ao lado do escultor, chamando-o de *mestre* até o final de seus dias.

Uma carta de Camille, escrita já em seu exílio no Asilo de Montdevergues, constitui um pungente relato de sua desvalia, mescla de profunda lucidez acerca de seu papel na vida do artista, de revolta em virtude do silêncio de Rodin frente ao questionamento dos críticos quanto à autoria das obras dela e do desvario que anuviava e distorcia suas percepções.

... É realmente forte demais!... E me condenar à prisão perpétua para que eu não reclame! Tudo isso no fundo sai do cérebro diabólico de Rodin. Ele só tinha uma idéia, a de que ele morrendo eu tomasse impulso como artista e me tornasse maior do que ele: ele precisava manter-me em suas garras depois de morto, como em vida. Era preciso que eu fosse infeliz com ele morto como o fui com ele vivo. Ele venceu em tudo, ponto por ponto, quanto a ser infeliz, de fato o sou!... Eu me aborreço muito com esta (...) escravidão (DELBÉE, 1982/1988, p. 317).

Théâtre du Rond-Point/Jean Louis Barrault, acolhida com grande entusiasmo pelo público e pela crítica.

¹². Este trecho de uma carta de Rodin, bem como as informações seguintes, foram extraídas da apresentação de Gilles Néret a uma publicação portuguesa, dedicada às esculturas e desenhos do escultor (Taschen Editores, 1997, p. 63).

Ninguém sabe ao certo, mas supõe-se que Rodin, ao executar a obra intitulada *Grande mão crispada com figura implorante*¹³ em 1890, pensaria em seu rompimento com Camille. Nesta escultura impressionante se vê um torso diminuto de mulher em posição de súplica, diante de uma enorme mão crispada e ameaçadora que parece a ponto de massacrar a figura feminina. Consta que essa mão teria despertado a atenção de especialistas em cirurgia, em virtude da precisão com a qual Rodin transpôs, para o mármore, a tensão dos músculos, dos tendões e das articulações. O que nesta época despertou admiração, porém, no início de sua carreira foi objeto de repúdio, uma vez que Rodin foi acusado de moldar suas esculturas diretamente sobre o corpo humano, tal a vivacidade extraordinária transmitida por elas. Segundo Néret (1997), referindo-se à renomada obra *O pensador*, o que distingue Rodin de seus antecessores ilustres é o modo como ele, por intermédio da contração de cada músculo, numa réplica muito próxima a do corpo humano, traduziu o esforço do pensamento, tornando tangível o trabalho do espírito.

E, dos grandes palcos, elegemos Maria Callas¹⁴ – a grande diva – provida de um talento ímpar e dotada de uma enorme aura carismática. A talentosa soprano, consoante circulava na mídia da época, seduziu vários homens, terminando, porém, por sucumbir aos encantos de Onassis, o qual depois de usufruir durante alguns anos das benesses de sua corte, passou a humilhá-la, muitas vezes frente aos próprios amigos.

¹³. Taschen Editores, 1997, p. 76.

¹⁴. Estes comentários foram inspirados pelo livro *Maria Callas: a mulher por trás do mito*, de Arianna Stassinopoulos Hutchinson (1981/1996), fruto de uma pesquisa realizada durante quatro anos.

Pouco antes da morte do ex-presidente dos EUA, o milionário conheceu Jackie, convidou-a para um cruzeiro e, depois disto, cultivaram permanente relação amigável. Após o assassinato de Kennedy, Onassis teria se encantado com a também carismática aura que circundava a viúva, passando a cortejá-la. Durante todo este intervalo de tempo, mantinha, paralelamente, o vínculo com Callas. Depois de outra temporada a bordo de seu iate, decidiu casar-se com Jackie, informando seus filhos e a família de sua futura esposa. A tarefa de notificar Maria Callas foi delegada aos jornalistas.

Quando seu casamento naufragou, contudo, foi nos braços da grande soprano que Onassis buscou conforto, usando-a na medida de sua conveniência. Bastante sofrida, Callas pouco a pouco perdeu a voz até encerrar sua carreira artística. O golpe final, em 1974, foi a morte de Aristo, como ela carinhosamente chamava seu eterno amado, segundo relato de amigos. Os últimos três anos de sua vida foram de uma incrível solidão, durante os quais vagou de uma cidade a outra. Em 1977, aos 53 anos, morreria acompanhada apenas de seus empregados.

São, portanto, numerosas as narrativas acerca do universo amoroso de mulheres e sua relação com o sofrimento, presentes na clínica, bem como em vivências que permeiam nosso cotidiano: histórias que circulam no imaginário social são veiculadas pela mídia, ou das quais somos espectadoras em um salão de beleza.

Vale a pena sublinhar, entretanto, o quanto a exploração deste assunto, por vários meios de comunicação, demonstra, a nosso ver, como certos tipos de histórias malfadadas suscitam um certo tipo de fascínio do

qual o imaginário social se alimenta e pode ser induzido a reproduzir, em termos de conduta. Comportamento que talvez vise encobrir dificuldades existenciais com raízes mais profundas.

Sob este foco, começamos a conjecturar se a mulher *sofredora* por amor – face às expressivas transformações ocorridas nos últimos séculos em termos da participação ativa da mulher nos mais diversos setores da sociedade e de suas inegáveis conquistas nos mais variados âmbitos - seria obsoleta nos tempos atuais. Esta proposição deve ser compreendida considerando-se um imaginário coletivo, fruto de uma determinada sociedade e que atendeu a fins culturais e ideológicos específicos. Assim sendo, acreditamos ser lícito indagar quais seriam as figurações substitutas valorizadas na contemporaneidade, verificando qual a relevância da *experiência amorosa* para a *Mulher* e se o sofrimento, ainda hoje, como faceta do viver amoroso, seria enaltecido, em termos de imaginário coletivo.

Como vínhamos frisando, pelo fato das expressões do sofrimento serem social e historicamente condicionadas, acreditamos que a condição feminina vigente deva ter originado novos jeitos de padecer. O que torna inadiável, a nosso ver, um maior detalhamento dos movimentos psicológicos envolvidos nessa experiência no século XXI. Afinal, na cultura moderna as mulheres mostram-se cada vez mais atuantes, desempenhando múltiplos papéis em sua jornada diária e sofrendo grande pressão, externa e interna, para a maximização de seus potenciais nos mais variados setores.

Do sexo feminino têm sido exigidas atuações – profissionais e pessoais – que, do ponto de vista do observador, beiram à perfeição. Do ponto de vista do indivíduo, porém, deixam muito a desejar, pois,

respondendo, com freqüência, às expectativas sociais por um desempenho irretocável, distanciam-no cada vez mais da possibilidade da expressão autêntica de sua personalidade. Semelhante conduta,¹⁵ de maneira inegável, perpassa sua relação com o entorno, influenciando na constituição, manutenção e continuidade de seus laços afetivos, em geral.

Cabe destacar que nossa opção pelo estudo do sofrimento amoroso, como dimensão da vida de mulheres, não significa que desconsideremos que também os homens podem sofrer em virtude de perdas e frustrações amorosas. Estamos plenamente cômicas de que a sensibilidade à importância dos vínculos amorosos não é prerrogativa do sexo feminino, como bem atesta o exercício clínico diário. O que, certamente, se verifica, são tanto expectativas divergentes com respeito ao relacionamento amoroso, de acordo com a pesquisa citada de Alves (1985), como uma diferente ênfase dedicada ao assunto entre a população masculina e feminina. Realce derivado presume-se, do fato de as mulheres terem, provavelmente por razões culturais, maior facilidade na admissão de problemas na área afetiva.

Se nos voltarmos à experiência clínica e, portanto, aos aspectos não manifestos do problema, verifica-se que, na atualidade, a busca de psicoterapia em função de queixas amorosas independe do sexo. É oportuno realçar que a procura por atendimento psicoterapêutico é feita de forma diferente por cada classe social, bem como os diferentes grupos da

¹⁵. Cabe esclarecer, desde já, dois aspectos essenciais: primeiro, nosso uso do conceito de conduta, cujo estudo se faz “em função da personalidade e do inseparável contexto social, do qual o ser humano é sempre integrante”, estudamos a conduta em qualidade de processo e não como *coisa*, quer dizer, *dinamicamente*, de acordo com Bleger (1963/1989,

sociedade contemporânea, que é altamente complexa, representarão diversamente a sua freqüência numa psicoterapia.

Em decorrência destas ponderações, temos adotado o critério de considerar, em nossas pesquisas, a existência de um sofrimento *humano*, derivado da singularidade existencial de cada um.¹⁶ Desta maneira, não estando restrito ao sexo do indivíduo diria respeito à assunção de determinada conduta, lembrando que, segundo o preceito de Bleger (1963/1989, p. 144), a manifestação de qualquer conduta é sempre a *melhor*, no sentido de ser a mais adequada às possibilidades momentâneas daquela pessoa, incluindo-se aí tanto a normalidade como a patologia.

Temos, pois, pautados pelas variadas fontes citadas, levado em conta que a figura da mulher sofredora e abandonada circula com maior freqüência no imaginário social, mesmo a clínica apresentando outra realidade nos dias de hoje. Ao mesmo tempo, mantemos em perspectiva o fato dos representantes do sexo masculino serem tidos, tradicionalmente, como mais *contidos* na expressão de seus afetos.

Estas duas constatações, contudo, não podem nos cegar para a evidência de que foram os homens a imortalizar, em inesquecíveis canções, as famosas *dores de cotovelo*, que também influenciam o imaginário

p. 25). E segundo, nosso entendimento da psicanálise como ciência humana que compartilha com as demais ciências o mesmo objeto de estudo, o fenômeno humano.

¹⁶. Estas reflexões conduziram à elaboração de alguns trabalhos nos quais procuramos abordar, à luz da psicanálise winnicottiana, as várias falhas do suprimento ambiental entremeadas a relatos de acontecimentos clínicos (FERREIRA, J. C.; VAISBERG, T. M. J. A. 2003a, 2003b, 2004a). Procuramos, além disso, atentar para as narrativas do sexo masculino, no que se refere às vicissitudes de seu percurso maturacional, relativas à constituição dos laços afetivos primitivos (FERREIRA, J. C., VAISBERG, T. M. J. A. 2004b) .

coletivo.¹⁷ Os sambas-canções antigos transmitiam com justeza a desvalia derivada pelo desamor, a consternação do ciúme e a tristeza do abandono, transformando em poesia até mesmo o terrível desejo de vingança. Lupicínio Rodrigues, autor brasileiro da década de 20 e precursor do gênero, soube como ninguém traduzir as amarguras do viver amoroso. Na letra de *Vingança* ele se regozija ao tomar conhecimento da decadência de uma mulher que o decepcionou.

... Eu gostei tanto quando me contaram, que lhe encontraram chorando e bebendo na mesa de um bar. E que quando os amigos do peito por mim perguntaram, um soluço cortou sua voz, não lhe deixou falar. O remorso talvez seja a causa do seu desespero, você deve estar bem consciente do que praticou, (...). Mas enquanto houver força em meu peito, eu não quero mais nada. Só vingança, vingança, vingança aos santos clamar, você há de rolar como as pedras, que rolam na estrada, sem ter nunca um cantinho de seu, pra poder descansar (LUPICÍNIO RODRIGUES, 1949).

Em outra música, *Nervos de Aço*, consagrada pelo esquecível Jamelão, primeiro, e depois imortalizada na voz de Paulinho da Viola, Lupicínio buscava a cumplicidade do ouvinte, perguntando:

... Você sabe o que é ter um amor, meu senhor, ter loucura por uma mulher? E depois encontrar esse amor, meu senhor, nos braços de um tipo qualquer? Você sabe o que é ter um amor, meu senhor, e por ele quase morrer? (LUPICÍNIO RODRIGUES, 1936).

Os exemplos se multiplicaram, já que de suas mais de 600 composições, Lupicínio teve cerca de 150 gravadas, inclusive por expoentes

¹⁷. Devo à minha orientadora, Tânia Vaisberg, a lembrança deste valioso manancial de potencialidades poéticas que se reflete no imaginário coletivo: o cancionário popular brasileiro.

do cenário musical contemporâneo, como Caetano Veloso, Elis Regina, Zizi Possi e outros.

Na familiaridade que o compositor demonstra com as experiências narradas em suas letras pensamos ter encontrado um ponto de tangência com a nossa maneira de compreender certas formas de comunicação de acontecimentos humanos. Como pode ser reconhecida em suas biografias, a fonte de inspiração de Lupicínio era sua própria experiência amorosa, o poeta narrava suas desventuras quase sempre *em primeira pessoa*, imprimindo-lhes um tom coloquial – e confessional – que cativava o homem comum, aquele que freqüentava cabarés, padecia de desilusões similares e vivia de impasses amorosos mal resolvidos. Assim, a peculiaridade de sua vivência ganhava vulto e ressoava coletivamente. Graças à sua sensibilidade inaugurou-se um estilo musical atípico, depois absorvido pela Bossa Nova: as letras nas quais os homens se mostravam capazes de entregas apaixonadas.¹⁸ Por outro lado, em termos do imaginário social vigente naquela década eram músicas que apresentavam uma concepção machista da realidade, uma vez que nelas são sempre as mulheres as traidoras, algozes e insensíveis, sob cujos ombros recaía a responsabilidade por todo o infortúnio masculino. Como qualquer generalização, poderia ser tão nociva como a inversa, na atualidade, que rotula, de saída, os homens como *insensíveis, infiéis ou indisponíveis*.

¹⁸. Pesquisa Internet. Entrevista *O Pasquim*, originalmente publicada em *Origem: O Som do Pasquim: Grandes entrevistas com os Astros da Música Popular Brasileira*. 2ª ed., Rio de Janeiro: CODECRI, 1976, p. 65-76 e comentário Artur da Távola, originalmente publicado em *O dia*, de 12 de outubro de 1999, por ocasião do 25º aniversário da morte de Lupicínio Rodrigues.

Foram, portanto, estes recortes, sínteses e reflexões alguns dos incitadores de minha imaginação, que resultaram na escolha de percorrer as sendas e veredas do imaginário coletivo de mulheres, elegendo, como *mediação* para meus encontros com elas, minhas pranchas-rabisco.

Acredito que a abordagem da temática do *viver amoroso* e das adversidades que dele eventualmente decorrem, entendidas como um dos modos humanos de sofrer na vida, consistiria um rico veio a ser explorado, podendo resultar numa compreensão mais acurada desse tipo específico de desgosto humano. Em termos da prática clínica, eventualmente traduzir-se-á como perspectiva de maior acolhimento a pacientes com análoga problemática existencial.



Expedições Contemporâneas: Parodiando as Consultas

Terapêuticas

Aos poucos, esboçou-se, portanto, a idéia de promover encontros com mulheres, de uma determinada faixa etária e formação acadêmica, com a finalidade de verificar, no que se refere ao imaginário coletivo, sua concepção sobre o viver amoroso e as agruras da vida feminina moderna.



Para atender à finalidade proposta, inspiramo-nos nas *consultas terapêuticas* de Winnicott, uma vez que, nelas, o autor apresenta uma maneira de entrar em um contato profundo com a experiência. Neste caso específico, tratar-se-ia de usar

as consultas terapêuticas para abordar a *personalidade coletiva*¹⁹ tendo em vista estudar manifestações simbólicas de subjetividades coletivas. Para nós, esse ponto é decisivo, no que se refere a distinguir claramente os encontros realizados de *conversas de ônibus* (1971a/1984).²⁰ Winnicott, com

¹⁹. No *Ser e Fazer*: Laboratório do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Vaisberg (1999) tem orientado pesquisas sobre o que veio a denominar *personalidade coletiva*. Trata-se de conceito concebido à luz da formulação de Bleger (1963/1989) acerca da conduta humana como fenômeno passível de ser, psicanaliticamente, estudado em âmbitos individuais e coletivos. Em consonância com sua concepção de homem, cuja natureza é reconhecidamente sócio-cultural, para Bleger a expressão individual – ainda que tributária da singularidade produzida pela história pessoal – deve ser sempre compreendida como representativa dos grupos aos quais pertence. Descarta-se vigorosamente, à luz desse postulado, a noção do mito do homem isolado.

²⁰. Winnicott descreve essa idéia do seguinte modo: “... se alguém simplesmente ouve a história de uma pessoa sentada próxima à outra numa viagem de ônibus, se houver qualquer espécie de privacidade, a história começará a evoluir. Pode ser apenas um longo caso de reumatismo ou uma injustiça no escritório, mas o material já está lá para uma

sua extraordinária capacidade de utilizar situações mundanas para transmitir enunciados de suma importância sublinha, segundo nossa leitura, que de qualquer encontro inter-humano decorrem associações semelhantes a uma consulta terapêutica. A linha demarcatória centra-se no fato de, numa *conversa de ônibus* não se estar, determinada e profissionalmente, dedicado à tarefa de usar a comunicação oferecida. Nesta circunstância, de acordo com o autor, o material apresentado se torna vago e entediante (1971a/1984).

Foi assim que, nos moldes do *Jogo do Rabisco*, utilizado por Winnicott, imaginamos uma *intermediação* para as nossas conversas com a *Mulher*,²¹ entendendo-a como "... simplesmente um meio de se conseguir entrar em contato com a criança..."²² (1971a/1984, p. 11). Por outro vértice, mantínhamos em pauta a observação de Bleger, de que:

... Toda conduta refere-se sempre a outro. A relação com as coisas é sempre um derivado da relação com as pessoas, das relações interpessoais; os objetos são sempre mediadores que se carregam das qualidades das relações humanas... (1963/1989, p. 80).

consulta terapêutica. A razão por que isso conduz a lugar algum é simplesmente porque, na ocasião, não se está intrinsecamente dando de modo deliberado e de um modo profissional à tarefa de usar o material apresentado e por isso o material oferecido no ônibus se torna difuso e enfadonho" (1971a/1984, p. 15).

²¹. Lembramos ao leitor que nossa referência à *Mulher* advém de estarmos considerando as entrevistadas como representantes representativos da *personalidade coletiva* feminina. Procedimento análogo tem sido utilizado pelo professor Lefèvre na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, como recurso metodológico rigorosamente fundamentado, ainda que não se proponha uma abordagem psicanalítica (LEFÈVRE, LEFÈVRE e TEIXEIRA, 2000).

²². Ou com qualquer indivíduo, como Winnicott destacou em várias ocasiões.

Desta forma, nosso singular *Jogo do Rabisco*, visando a eventual emergência de temas associados ao sofrimento, é composto de sete pranchas,²³ especificamente elaboradas para este trabalho, cujas imagens carregam um pouco da trajetória das mulheres de nossos tempos. Entendemos este recurso desde a perspectiva epistemológica contemporânea, que considera os métodos *apresentativos*²⁴ como instrumentos adequados de investigação no campo das ciências humanas, capazes de fornecer valioso material expressivo. Apreciado a partir da perspectiva metodológica psicanalítica, tal material permite a apreensão do campo psicológico não consciente a partir do qual se organiza o imaginário coletivo (BLEGER, 1963/1989).

A concordância com a crença de Bleger (1963/1989) sobre o fato dos fenômenos humanos serem, de maneira infalível, também sociais, permitiu-nos iluminar e ampliar nossas reflexões sobre o acontecer clínico. Sob esta égide, a abordagem clínica não se restringe ao âmbito individual, tornando possível seu uso no estudo e/ou intervenção em expressões humanas coletivas, como bem atestam os acurados estudos desenvolvidos no *Ser e Fazer*. Laboratório do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em cujo bojo vem se produzindo pesquisas voltadas ao aprofundamento de temas relacionados ao nosso foco de interesse, a saber, a compreensão dilatada do acontecer clínico como um encontro inter-humano, independente

²³. **Anexo na página 37.** As pranchas *apresentam*, na precisa acepção que o termo assume no pensamento winnicottiano, algumas circunstâncias do cotidiano atual: reuniões de trabalho, lazer em família, uma jovem sozinha, alguns operários da construção civil, uma mulher e um homem na maturidade. **O original das pranchas é em formato A4.**

²⁴. A partir do texto *Encontros Brincantes* (VAISBERG, CORRÊA e AMBRÓSIO, 2000), passamos a adotar o termo *apresentativo-expressivo*, tendo em vista enfatizar o uso de

de o paciente ser uma pessoa, atendida de forma individual ou em grupo, ou uma *personalidade coletiva* (VAISBERG, MACHADO E AMBRÓSIO, 2003).

Este enfoque, embora mantenha em pauta a evidência indubitável do coletivo ser composto por indivíduos, considera as pessoas presentes como representantes de determinadas unidades sociais (BARUS-MICHEL, 1987). Estas considerações nos levaram a adotar expressões tais como: *fisionomia coletiva*,²⁵ *personalidade coletiva*²⁶ ou *singularidade plural* para enfatizar um coletivo concreto – constituído de mulheres, jovens ou idosos – que vivem sob as mesmas condições existenciais, num determinado momento histórico. Em suma, sublinha-se a vigência soberana do acontecer humano como experiência viva e real, desconsiderando, de forma decisiva, as abstrações que possam adulterar o ser. Acompanham-nos, também, as reflexões de Politzer (1928/1998) relativas ao traço distintivo da pesquisa freudiana em relação ao sonho. Diferentemente de seus antecessores, Freud vincula seu *sentido à pessoa*, ao eu. Segundo as próprias palavras de Politzer:

... O que caracteriza a maneira como Freud aborda o problema do sonho é que ele não efetua uma abstração. *Ele não quer separar o sonho do sujeito que o sonha; ele não quer concebê-lo como um estado em terceira pessoa, não quer situá-lo num vazio sem*

materialidades como objetos mediadores que favorecem a *expressão* de aspectos não-acontecidos ou dissociados do *self*.

²⁵. Expressão *criada-encontrada* por Machado e Vaisberg (2003). Para as autoras, o estudo das manifestações simbólicas de grupos humanos permite a captação de seus vestígios em uma *fisionomia coletiva*, na qual se reflete uma enorme gama de expressões de sofrimento do coletivo pesquisado.

²⁶. Temos utilizado ambas as expressões para enfatizar o foco de nossa investigação: as manifestações simbólicas *da personalidade coletiva Mulher* acerca do sofrimento amoroso. Atentamos para a face do imaginário voltada ao registro existencial e não apenas àquela restrita ao vértice representacional.

*sujeito.*²⁷ É ligando-o ao sujeito de quem o sonho é que ele quer dar-lhe seu caráter de fato psicológico (1928/1998, p. 60, grifos nossos).

Nossa referência à *Mulher*, um coletivo concreto, está, pois, alicerçada nestes preceitos. Seguindo as indicações de Politzer, quando faz referência à psicologia em primeira pessoa, aventuramo-nos a refletir sobre *uma primeira pessoa coletiva*, esperando que as considerações metodológicas de nossa investigação possam contribuir para o delineamento de outras pesquisas clínicas que visem a conduta de diferentes *fisionomias* ou *personalidades coletivas*.

É oportuno, ainda, ressaltar a existência de estudiosos de outras ciências humanas, além da Psicologia, que vem fazendo uso da abordagem clínica, apoiados em consistente lastro teórico, como por exemplo, Gaulejac (1987) e D'Allones (1999). Para Vaisberg (2003), a Psicologia, embora verse sobre o mesmo fenômeno sobre o qual se debruçam os historiadores, sociólogos e antropólogos, tem sua especificidade na consideração do *sentido emocional das condutas humanas*. E, como tal, faz-se:

... Psicologia do indivíduo e do coletivo faz-se psicologia de condutas simbólicas, de atos e gestos, bem como de fenômenos que se expressam em termos corporais. Faz-se psicologia ao considerar o campo experiencial humano, em suas dimensões conscientes e não conscientes (p. 8).

²⁷. Lembramos que o termo *sujeito*, para Politzer, refere-se à pessoa concreta, levando-se em conta tanto o registro representacional como o existencial.

Partilhamos ainda da convicção de Bleger (1963/1989), de que qualquer fenômeno é por demais complexo para que seja abordado em sua totalidade. Para estudá-lo é necessário recortar um setor de suas relações e enfocá-lo de forma sistemática em função das circunstâncias inerentes a esse preciso enquadre.²⁸ O autor, em virtude de existirem numerosos enquadramentos para o estudo da conduta, ocupa-se somente daqueles mais importantes na psicologia contemporânea.²⁹ Para nossos propósitos, faremos uso da conceituação de *enquadramento dramático*, reconhecendo sua afinidade com nossa proposta de procedermos a um estudo do imaginário coletivo de mulheres urbanas, universitárias e de classe média, sobre o viver amoroso e as eventuais expressões de sofrimento dele derivadas, pretendendo favorecer a instauração de um ambiente propício à comunicação emocional.

Como *enquadramento dramático*, compreende-se:

... O estudo da conduta em termos de experiência, de acontecer ou de acontecimento humano, quer dizer, dentro do mesmo nível de integração no qual realmente ocorre; implica, portanto, em manter a descrição e o estudo da conduta no nível psicológico (1963/1989, p. 108).

²⁸. Vale a pena observar que o termo *enquadre* foi introduzido no campo psicanalítico por Bleger em um capítulo do livro *Simbiose e Ambigüidade* (BLEGER, 1968/1988). Porém, anteriormente (1963, p. 92-110) o autor já o havia adotado para se referir a toda empreitada de estudo no campo das ciências humanas, aí incluída a psicanálise.

²⁹. Para uma descrição pormenorizada, ver BLEGER, J. *A psicologia da conduta*, 1963/1989, 2. ed.

Esperamos ter elucidado, de maneira satisfatória, que o nosso uso das *consultas terapêuticas* criadas por Winnicott deve-se ao fato desse *procedimento*³⁰ possibilitar a emergência de material específico e de interesse relevante, uma vez que o interlocutor (ou paciente):

... Logo começa a sentir que a compreensão pode talvez ser acessível e que a comunicação a um nível profundo pode se tornar possível (1971a/1984, p. 15).³¹

Sob esta ótica, presta-se perfeitamente à nossa proposta de obter associações dos indivíduos frente aos rabiscos/pranchas, mediante artifício metodológico, apreendidas como manifestações simbólicas, imaginações e crenças, da subjetividade coletiva. Cabe esclarecer que o fato de nos permitirmos usar as *consultas terapêuticas* como fonte inspiradora de nosso trabalho associa-se intimamente à nossa concordância com o postulado de Bleger acerca da pesquisa em ciências humanas. Insere-se aí, evidentemente, a psicanálise que, como salienta Vaisberg (2002a)³² volta-se, de modo primordial, para uma finalidade clínica amplamente

³⁰. É preciso ressaltar que Winnicott relutava em utilizar o termo técnica, primeiro, em virtude de não haver casos iguais e, em segundo, pelo fato de existir, nas consultas terapêuticas, um intercâmbio muito mais livre entre o terapeuta e o paciente do que num tratamento psicanalítico puro (WINNICOTT, 1971a/1984, p. 9). Concordando com o autor, temos adotado o uso dos termos *procedimentos* ou *estratégias clínicas* visando à ênfase tanto na personalidade de quem desenvolve a modalidade de atendimento como no acontecer humano em curso.

³¹. Embora não se aplique a este contexto, não podemos deixar de mencionar a ênfase de Winnicott acerca do lugar especial da consulta terapêutica e da exploração da primeira (e, às vezes, única) entrevista. Ao longo dos anos, Winnicott observou que, freqüentemente, as crianças sonhavam com ele na noite anterior à consulta e que, surpreendentemente, ele se percebia adequando-se a noções preconcebidas sobre si mesmo. Dessa percepção emergiu, gradualmente, o conceito de *objeto subjetivo*.

³². *A representação como escudo: a visão metapsicológica*, São Paulo: 2002a, mimeo.

compreendida, independente de qual seja o âmbito de seu exercício, individual ou coletivo. A autora sublinha, ainda, o fato da clínica ser, sobretudo, “compromisso com o humano” (p. 79).

Nesse aspecto, a *consulta terapêutica* é um dos melhores exemplos de estabelecimento de um campo dialógico, que supera a proposição de dispositivos objetivantes e positivistas. Vale recobrar a insistência de Bleger no abandono de teorizações que lançam mão de intrincados aparelhos e mecanismos para referir o fenômeno humano, exigindo drástica cisão entre campo experiencial e teórico. O *enquadre dramático* blegeriano é em tudo oposto, sendo definido, por Vaisberg (2002a), como: “... o uso de experiências humanas para explicar e compreender outras experiências humanas, sem apelo a forças ou aparelhos” (p. 80).

Imbuídos destes postulados, que comungam de uma proposta de plena permanência junto ao próprio acontecer, ao apresentar as figurações à *Mulher*,³³ demandávamos uma narrativa sobre as cenas ali esboçadas, apegando-nos à sua função mais arcaica, enaltecida por Benjamim (1936/1996), num texto valioso: a de instaurar um fértil campo intercambiante de experiências. Desta forma compreendida essas *conversas* tampouco se comparam aos diálogos num elevador, a uma troca de cumprimentos entre transeuntes ou a de notícias numa condução, situações prosaicas nas quais está em jogo apenas o lidar com a proximidade do estranho, cotidianamente enfrentado na vida urbana. O uso que estamos propondo das narrativas, todavia, é o avesso da banalidade, denunciada por

³³. Em acordo com nossa proposta, lembramos que nossa menção à *Mulher*, refere-se à singularidade coletiva para a qual voltamos nossa atenção. Trata-se, vale realçar, de uma

Benjamim. Sua representante-mor é a *informação*, responsável pelo gradual abandono de uma forma expressiva de comunicação em favor de um célere e esvaziado escambo de dados, que distancia as pessoas de si mesmas e dos outros, transformando os vínculos em patéticos arremedos. Nossa intenção, pois, é a de preservar nos encontros e resgatar, das narrativas, estes princípios essenciais ao respeito ao *ethos* humano.³⁴

A assunção desses conceitos nos distancia, definitivamente, das conversas corriqueiras, já que se trata de dialogar seriamente com a *personalidade coletiva*. É digno de nota ainda o fator *surpresa*, cume das consultas terapêuticas, constituído pelo exato instante no qual se configura a questão-chave do paciente. Fica registrada nossa crença de a *personalidade coletiva* também poder se surpreender na pessoa dos indivíduos que são, no momento do encontro, seus representantes representativos. A experiência da surpresa é um ponto de particular interesse, muitas vezes destacado por Winnicott, que se preocupava, nos parece, em orientar os praticantes de psicanálise para as condições necessárias à contextura desse delicado acontecer:

Nesse trabalho, o consultor ou especialista não precisa tanto ser arguto quanto capaz de proporcionar um relacionamento humano natural e de livre movimentação dentro do *setting* profissional, enquanto que o paciente gradualmente se *surpreende* com a produção de idéias e sentimentos que não estiveram anteriormente integrados na personalidade total. Talvez o principal

singularidade trans-individual, fenômeno que é mais do que a *soma* dos indivíduos que a compõem.

³⁴. Conforme o Professor Safra vem destacando, tanto no LET (Laboratório de Estudos da Transicionalidade – PUC-SP), como nas aulas ministradas no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da USP, as transformações em curso na sociedade – relativas à violação e desrespeito aos valores mais essenciais à existência, à desconsideração aos ancestrais e ao esquecimento das tradições – têm como resultado um *esfacelamento do*

trabalho que se faça seja da natureza da integração, tornada possível pelo apoio no relacionamento humano, mas profissional – uma forma de sustentação (*holding*) (1964-1968/1994, p. 230).

O trabalho que ora realizamos, inscreve-se, vale relevar, em um percurso que vem sendo realizado por outros pesquisadores, do *Ser e Fazer* do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Prof^a Livre Docente Tânia Vaisberg, desde meados da década de oitenta. Trata-se de uma produção inicialmente motivada pelas condições de vida concreta do psiquiatrizado e pelas propostas da reforma psiquiátrica brasileira que, entretanto, gerou um lastro metodológico passível de ser utilizado com rigor na abordagem clínica de diferentes coletivos, como é o caso da presente investigação.

Assim, numa leitura detida dos artigos dos pesquisadores associados ao *Ser e Fazer* pode-se notar um movimento que deveria presidir um trabalho genuinamente científico, na acepção mais rigorosa e precisa da palavra. Neles, revela-se uma disposição ao questionamento constante, a emergência de elaborações teóricas inéditas, a interlocução com pensadores da atualidade e a disposição incansável para a pesquisa em novas fontes, além da criação êxitosa de novos enquadres clínicos afinados à demanda contemporânea.

Além desses atributos soberanos, nas reuniões sistemáticas promovidas pelo Laboratório dedicadas a atividades clínicas e de pesquisa, pode-se notar uma genuína preocupação com o sofrimento humano, escopo que permeia, ainda que de maneira implícita, toda a argumentação teórica

ethos humano, fonte de angústias e intensos sofrimentos que vêm assolando os pacientes

dos coordenadores do grupo. Em suma, o refinamento das reflexões acerca do desenvolvimento do humano é valorizado e estimulado, por meio de vívidas narrativas dos mais diversos acontecimentos clínicos, que favorecem, como diz Benjamim (1936/1996), a instauração de um espaço propício a um precioso compartilhamento de experiências.

Num indispensável tributo a essa fertilidade produtiva, julgamos oportuno, antes de iniciarmos jornada própria, retroceder, mesmo que de forma sintética, aos passos já empreendidos pelos investigadores precedentes. Para tanto, é essencial realçar a particularidade distintiva que reveste a extensa produção do *Ser e Fazer* de uma riqueza incalculável: as desejáveis alterações teóricas, pouco a pouco introduzidas no decurso do tempo, são procedentes de uma busca de absoluto rigor metodológico. Resultantes desta qualidade rara, os textos nos permitem acompanhar as sutis mudanças de pensamento, vislumbrar os pontos críticos, compartilhar das dúvidas e sedimentar nossas próprias percepções. Tais características representam um admirável estímulo para nós, pesquisadores preocupados com problemas de tal magnitude, impulsionando-nos à busca de subsídios para uma depuração cada vez maior do conhecimento das vicissitudes do humano, encarnadas no acontecer vital. As entrelinhas da produção, ao mesmo tempo em que revelam uma acurada coerência teórica, deixam transparecer, aqui e acolá, uma inquietude que prenuncia desenvolvimentos vindouros, oriundos, certamente, tanto de uma busca constante de aprimoramento conceitual, como de uma preocupação genuína com as demandas da clínica. A conjugação desses elementos tem em vista,

com uma frequência assustadora (Safra, 2001).

fundamentalmente, o atendimento *suficientemente bom* às necessidades dos pacientes que acorrem às oficinas psicoterapêuticas do Ser e *Fazer*.³⁵ Esta característica perpassa desde os trabalhos orientados pelo conceito representacional, buscando-se, lá, o substrato afetivo emocional inconsciente de acordo com o qual a representação se estrutura. Na formulação atual, mais precisa em termos teóricos, no que tange a uma maior fidelidade ao pensamento winnicottiano, pensa-se em termos de experiência emocional de indivíduos e de coletivos. Dentre os trabalhos inspirados pelas modalidades diferenciadas de atendimento é válido citar o artigo de Vaisberg (2002b). O texto apresenta uma aguda argumentação teórica entrelaçada a relatos clínicos, ilustrando vivamente formas criativas e psicanaliticamente fundamentadas de fazer *uso* tanto das consultas terapêuticas, como do jogo do rabisco de Winnicott, ao mesmo tempo em que nos brinda com uma lúcida exposição de conceitos cunhados pelo autor. No que se refere a intercâmbios institucionais, como uma pequena mostra do reconhecimento externo, citamos também o artigo de Vitali, Vaisberg e Oliveira (2002) fruto de um trabalho demandado por equipes de saúde

³⁵. Este serviço voltado à comunidade é vinculado ao Ser e Fazer: Laboratório do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Ao longo da semana são atendidas crianças, adolescentes e adultos, em diversas oficinas, nas quais são disponibilizados materiais mediadores: arranjos florais para adultos e/ou pacientes neurológicos, papel artesanal para adultos, teatro de espontaneidade para adolescentes, fantoches, rabiscos e outras brincadeiras para crianças, tricôs, panos e linhas para gestantes e velas artesanais para pacientes soropositivos de um programa de saúde pública. O objetivo psicoterapêutico desses atendimentos psicológicos é a *promoção de um ambiente capaz de favorecer a ocorrência de experiências mutativas*. A partir de 1997, foi disponibilizado à comunidade mais um serviço: *Ser e Criar*, atendimento à Gestante e à Mãe, também inspirado no pensamento winnicottiano. Esse serviço deu origem a uma sensível dissertação de mestrado, publicada sob o título: *Tempo de gestar: encontros terapêuticos com gestantes à luz da preocupação materna primária* (GRANATO, 2002). Com admirável acuidade, a autora intercala clínica e teoria, contemplando o leitor com uma indispensável reflexão sobre o conceito de *preocupação materna primária*, cujo bojo revela ora uma rigorosa pesquisadora, ora uma sensível poeta.

voltadas ao atendimento em ambulatórios de cuidados paliativos, cuja vida diária com a morte e as limitações decorrentes de enfermidades graves ocasiona extenso sofrimento emocional. Para este atendimento coletivo, fez-se uso do enquadre intitulado consultas terapêuticas coletivas, utilizando-se o Desenho-Estória com Tema como mediação facilitadora.

Extrapolando fronteiras, ressaltamos o trabalho de Tardivo e Vaisberg (2001), no qual se apresenta o resultado parcial de um projeto mais amplo de pesquisa interventiva, realizada na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, no Estado do Amazonas. Foi solicitado, inicialmente, a um grupo de 30 jovens, constituído de moças e rapazes com idade variando entre 15 e 19 anos, que desenhassem *Um jovem em São Gabriel da Cachoeira nos Dias de Hoje*; a seguir deviam escrever, em uma outra folha, associações. Segundo as autoras, foi possível perceber nitidamente, por intermédio da comunicação emocional estabelecida com estes dois coletivos o surgimento de:

... Dois campos psicológicos distintos,³⁶ que são “os lugares em que vivem” estes jovens: “o campo da cidade deteriorada” e o “campo da harmonia do mundo natural”. De certa forma, este segundo grupo parece mais harmonizado com suas raízes étnicas e culturais no sentido de que mantém, imaginariamente, a mesma referência espacial e ambiental de seus antepassados, levando-nos a pensar que recebem um amparo social maior. No entanto, não é difícil perceber que os desenhos retratam as duas faces de uma mesma moeda: a falta de perspectivas confiáveis no futuro aculturado e urbano (p. 34).

³⁶. Compreendemos o *campo psicológico* como aquele vivido pelo ser humano no qual estamos clinicamente interessadas, concebido segundo os preceitos de Bleger (1963/1989).

A referência a este artigo é fundamental, na medida em que oferece subsídios rigorosos e precisos para a realização de estudos em âmbitos coletivos, resultado de uma trajetória de pesquisa que, notadamente, se dedicou a este tipo de intervenção clínica, efetivada por intermédio da disponibilização de procedimentos facilitadores da expressão subjetiva por meio dos quais foram abordadas práticas³⁷ e manifestações simbólicas de subjetividades grupais.³⁸ Esta visão permite o atendimento de demandas articuladas e organizadas em função da experiência de sofrimento que atinge coletividades humanas (TARDIVO E VAISBERG, 2001).

Em nosso caso particular – vale mais uma vez grifar – as narrativas de cada mulher entrevistada serão consideradas como associações de idéias da *pessoalidade coletiva Mulher*, tendo sido, por isso, de extrema valia a recorrência a estudos análogos.

³⁷. Práticas coletivas, de acordo com Bleger (1963/1989) dizem respeito ao fenômeno humano que se expressa na área de atuação no mundo externo, em âmbito sócio-dinâmico ou grupal. Reconhecido como acontecer humano é focado consoante a perspectiva psicológica.

³⁸. As manifestações simbólicas de subjetividades grupais são o fenômeno humano visto a partir da perspectiva psicológica, na área simbólica ou mental da conduta (BLEGER, 1963/1989).

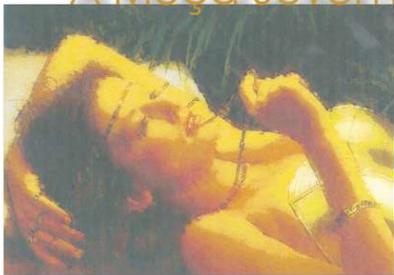


O Homem só

Reunião I



A Moça Jovem

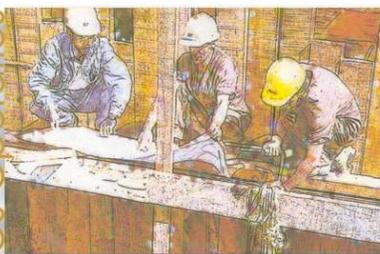


Mulher Pensativa

Reunião II



Os Operários



A Família



Cartogramas³⁹

A licerçadas na proposição de Winnicott (1971b/1975, p. 138) de que somente a fidelidade à tradição – seja qual for o campo cultural – viabiliza o surgimento do novo, desejamos clarificar nossa *inspiração* nas *consultas terapêuticas* e nosso *uso* da idéia do rabisco como um paradigma. Nesse momento, é imprescindível aprofundarmos as questões subjacentes à adoção de um enquadre diferenciado⁴⁰ como *estratégia metodológica de investigação*,⁴¹ pois:

³⁹. Mapa ou quadro em que se representam, por meio de pontos, figuras, linhas, colorido, previamente convencionados, um fenômeno quanto à sua área de ocorrência, importância, movimentação e evolução (FERREIRA, A. B. H., 1986).

⁴⁰. Modalidade de atendimento desenvolvida pelos profissionais vinculados ao *Ser e Fazer*: Laboratório do Instituto de Psicologia da USP, cujo traço distintivo é o oferecimento de *materialidades mediadoras*, conjugado a um modo peculiar do terapeuta presentificar-se, fundamentado no *manejo do setting*. Este procedimento é norteado por um uso não interpretativo do método psicanalítico (síntese elaborada a partir do Projeto Temático FAPESP, VAISBERG, 2002c). Vale sublinhar que os atendimentos realizados nas diversas oficinas do Laboratório referido inspiram-se, basicamente, na concepção genial *winnicottiana* de apresentação de objeto ao bebê pela mãe. A apresentação de objetos mediadores *criados-encontrados*, transposta para um encontro humano num enquadre diferenciado, responde às necessidades expressivas do paciente e favorece o surgimento de efeitos terapêuticos.

⁴¹. Julgamos pertinente registrar nossa concordância com Politzer, em sua compreensão do *método psicanalítico* como método clínico interpretativo, assentado no pressuposto de que

... A integração entre a originalidade e a aceitação da tradição como base da inventividade parece-me mais um exemplo, e um exemplo emocionante, da ação recíproca entre separação e união (1971b/1975, p. 138).

Seguindo essa indicação, apresentaremos as características essenciais das *consultas terapêuticas*, buscando esclarecer a partir de onde a criatividade nos impeliu a um vôo independente.

Em síntese, segundo Lescovar (2001), a *consulta terapêutica* traduz-se como uma probabilidade de intervenção psicológica cujo objetivo é a busca de favorecimento de um tempo, um espaço e uma relação humana especial nas quais a questão mais expressiva do paciente possa emergir, por intermédio do contato terapêutico. Esse fenômeno é marcado pela mutualidade da surpresa entre analista e paciente. Um diferencial desses atendimentos centra-se no fato de serem realizados, no máximo, dois ou três encontros. Este ensejo ímpar orienta o terapeuta no sentido de usar o tempo da forma o mais vantajosa possível e a disponibilizar estratégias clínicas apropriadas.

Outra feição, a destacar, diz respeito ao fato das consultas terapêuticas trazerem, originalmente, em seu bojo, a intenção diagnóstica,⁴²

toda conduta tem sentido. Associa-se, em decorrência, à busca do sentido emocional do fenômeno humano. É distinto, portanto, do preceito positivista, experimentalista, etc. Neste enfoque, o *enquadre diferenciado* é uma das alternativas de concretização deste método, designado por nós como *estratégia metodológica de estudo*, uma variante do *enquadre de estudo* preconizado por Bleger (1963/1989).

⁴². Nunca é demais demarcar com clareza o distinto sentido que o termo *diagnóstico* alcança na concepção winnicottiana. À guisa de ilustração, citamos dois exemplos: No artigo datado de 1959-1964/1990 (p. 114-127), ele coloca sagazmente a questão diagnóstica em termos da extensão da ameaça – quando relativa a partes do objeto, considera que se trata de um caso de neurose, ao passo que a psicose consiste na ameaça

respondendo a uma *demanda* clara, seja dos pais, das instituições de ensino ou, até mesmo, da própria criança. Realçamos, porém, a visão de diagnóstico no campo *winnicottiano* como um *acompanhamento sensível de uma dada situação humana, em que há sofrimento*. O terapeuta, segundo esta concepção, é aquele que permanece ao lado, acompanhando, mas *verdadeiramente presente*, respeitando os ensinamentos de Winnicott de que nem mesmo a mais douda *técnica* materna substitui a presença viva da mãe (1965a/1994). Isso implica em poder tolerar, até mesmo, o caos, sem a necessidade de organizá-lo rapidamente com formulações intelectuais.⁴³

Afinal, como Winnicott apreciava dizer:

... Seja o que for que aconteça, é o acontecer que é importante (1965b/1994, p. 246).

Segundo esta concepção teórico-clínica, não se trata jamais de realizar uma avaliação segundo o paradigma sujeito-objeto. Para Winnicott, cada um dos pacientes:

... Tem esperanças de obter mais do que um diagnóstico, cada um espera que uma necessidade seja atendida, mesmo que a ajuda só possa ser fornecida em relação a determinado detalhe ou a determinada área da imensa extensão de sua personalidade... (1964-1968/1994, p. 231).

ao objeto todo. Em outras palavras, ansiedade de castração, no primeiro caso e de aniquilamento, no segundo. Em outro texto, de 1962a/1990 (p. 152-155), ele assegura que seu trabalho é guiado, desde o início, por um diagnóstico e que, durante sua continuidade, sua elaboração persiste, só que, dessa feita, incluindo o nível individual e social.

⁴³. Desejamos, com esta afirmação, destacar o valor da presença viva do analista para que o paciente possa sentir-se livre para comunicar sua real necessidade, nos moldes dos ensinamentos de Winnicott. Concordamos com o autor, quando salienta: "... O absurdo organizado já constitui uma defesa, tal como o caos organizado é uma negação do caos. O terapeuta que não consegue receber esta comunicação empenha-se numa tentativa vã de descobrir alguma organização no absurdo, em conseqüência de que o paciente abandona a área do absurdo, devido à desesperança de comunicá-lo" (1971c/1975, p. 82).

Esse trabalho especializado é permeado pela teoria de que o paciente, criança ou adulto, terá, em relação à primeira entrevista, uma credulidade na possibilidade de obtenção de auxílio e uma confiança naquele que o oferece (WINNICOTT, 1964-1968/1994). Segundo o autor, a consulta terapêutica proporciona ao paciente uma oportunidade extraordinária à comunicação de:

... Tendências emocionais específicas que têm forma atual e raízes que remontam ao passado ou se entranham profundamente na estrutura da personalidade do paciente e de sua realidade interior pessoal (WINNICOTT, 1964-1968/1994, p. 230).

Em decorrência, ao psicoterapeuta compete o fornecimento de um *setting* adequado a essas necessidades, considerando-se, porém, as amplas implicações de tal formulação, assinaladas por Winnicott, pois:

... *Os estágios iniciais jamais serão verdadeiramente abandonados*, de modo que ao estudarmos um indivíduo de qualquer idade, poderemos encontrar todos os tipos de necessidades ambientais, das mais primitivas às mais tardias. Ao cuidar de crianças, ou a realizar uma psicoterapia, é necessário estarmos sempre atentos à idade emocional *do momento*, de modo a podermos fornecer o ambiente emocional adequado (1988a/1990, p. 179).

Além disto, o traço típico do encontro cunhado como *consultas terapêuticas*, salientado pelo próprio autor, que o distingue de uma

interlocução banal num ônibus,⁴⁴ é a resolução prévia e profissional que visa dar um sentido à experiência emocional envolvendo duas pessoas.

Aqui se encontra a tangência *teórica* de nosso trabalho com a proposta winnicottiana, a despeito de nosso uso singular. Desde o início, muito embora tenhamos abordado a *fisionomia ou personalidade coletiva da Mulher*, nossa finalidade era bem diversa de embarcar numa excursão, piquenique ou mesmo numa prosa trivial. Nossa meta, claramente definida, foi a de obter associações dos indivíduos frente aos rabiscos/pranchas, apreendidas como manifestações simbólicas – imaginações ou crenças – da subjetividade coletiva. Claro está que, na raiz das pranchas, encontra-se a noção de *materialidades mediadoras*, apresentação de objetos que visam facilitar a expressão de aspectos significativos do *self* do indivíduo. Nosso encontro com a *Mulher* foi, portanto, bem diverso de *conversas de ônibus*, ainda que não estivéssemos envolvidas em consultas psicoterapêuticas, estritamente compreendidas. Tínhamos, num gradual processo preliminar, divisado de maneira nítida, uma proposta investigativa que, se não incluía, como prerrogativa máxima, os objetivos psicoterapêuticos, nem por isso deixava de considerá-los como resultados potenciais, decorrência natural, segundo acreditamos, de contatos autênticos. Vale enfatizar, todavia, que para além da clínica individual, a Psicologia pode curar, no sentido de cuidar, de *personalidades coletivas*, na medida em que possa produzir conhecimento genuíno sobre o humano e contribuir para transformações no âmbito cultural

⁴⁴. *Conversas de ônibus* é uma síntese do exemplo utilizado por Winnicott para destacar a diferença existente entre associações resultantes de situações corriqueiras e àquelas produzidas em consultas psicoterapêuticas, distinção que se associa, no segundo caso, com a proposta deliberada e profissional de utilização do material (1971a/1984).

de um dado contexto social, efeitos mutativos de uma amplitude considerável.

Afinal, nosso contato com determinados objetos: livros, peças de teatro, cinema, nossa própria produção científica, é fruto de nossa crença de que não apenas o indivíduo, mas a cultura humana pode ser modificada. Em suma, acreditamos que a cultura é alterada na vida, pela participação de todos no cotidiano que construímos em comum.



Encontros com Mulheres

O fato de fazermos uso do *jogo do rabisco* com finalidade e circunstância invulgares originou a necessidade de contextualizar as *conversas* com a *Mulher*, buscando maiores subsídios, nas proposições winnicottianas, que respaldassem nosso procedimento. Curiosamente, foi Khan (1971/2000), a vir em nosso auxílio, quando se refere à fundamental conceituação relativa ao segundo estágio da consulta (WINNICOTT, 1941/2000).⁴⁵ Para Khan, o cerne do *jogo do rabisco* reside na maneira pela qual Winnicott usa e até incentiva o *período de hesitação*, peculiar ao



estágio referido da consulta, em prol da criação do *espaço transicional*, até que um gesto criativo desabroche. O autor enfatiza, deste modo, que o jogo do rabisco é uma versão sofisticada resultante de acuradas observações de bebês brincando com espátulas, em situação estabelecida, ao longo de

⁴⁵. Em *A observação de bebês numa situação estabelecida* (1941/2000).

muitos anos da prática clínica de Winnicott. A circunstância privilegiada dos bebês com suas espátulas torna bastante evidente o acontecer do encontro, tendo ensinado muito a Winnicott e permitido sua extrapolação, em época posterior, para qualquer encontro humano.⁴⁶

Acreditamos que essa leitura nos autorizou a conceber nossas pranchas como uma espécie de jogo do rabisco em situação estabelecida, naquilo que esse enquadre contém de elemento facilitador à instauração de um campo dialógico entre a pesquisadora e a personalidade coletiva, por intermédio da realização de entrevistas individuais.⁴⁷ A mescla entre um e outro jogo, espátula e rabisco, se justifica, como explanado, em função de, na genealogia de ambas, subjazer a mesma concepção antropológica do ser humano como criador, mas dependente do ambiente para *acontecer*. A apresentação da *materialidade mediadora* foi realizada de acordo com essa formulação e se procurou respeitar, à maneira do trabalho mencionado, os diferentes estágios que perfizeram o encontro. Foi permitido, num dado momento, que a entrevistada – e com ela a *Mulher* – sentissem, tal e qual o bebê com a espátula, que:

... O objeto estava em sua posse, talvez em seu poder, e certamente disponível para propósitos de auto-expressão...
(WINNICOTT, 1941/2000, p. 114).

⁴⁶. Em sua tese de doutorado, intitulada “Ser e Fazer”: Proposta de uma leitura winnicottiana com a fundamentação teórica do uso de *técnicas grupais*, Silva, G. F. (2000), fazendo uso de ensinamentos transmitidos pelo Prof. Gilberto Safra em seu exame de qualificação, ressalta o quanto os encontros humanos podem seguir naturalmente as fases encontradas por Winnicott durante o jogo da espátula (WINNICOTT, 1941/2000).

⁴⁷. É válido esclarecer que a *personalidade coletiva* pode ser abordada tanto individual como coletivamente. A tese de livre docência de Vaisberg (1999), cujo tema é a investigação do imaginário de estudantes de Psicologia sobre a loucura, é uma excelente ilustração para o leitor interessado em detalhar este estudo.

Retomando a concepção de Khan, o *período de hesitação* é um intervalo de tempo, durante o qual o paciente está tateando em busca de uma *espécie de intimidade*, que ele irá utilizar, pouco a pouco, para efetuar sua contribuição verbal ou gestual. Em nossa *tradição* pretendemos unir a sensibilidade com uma visão de homem como ser essencialmente vincular, que tem na coexistência sua forma básica de viver. De acordo com Vaisberg, fazendo um uso criativo de Winnicott (2002c):

... Tanto a materialidade escolhida, como as intervenções, presentificam movimentos criativos do psicanalista, configurando o acontecer clínico como *superposição de duas áreas do brincar* (VAISBERG, 2002c, p. 72).

Em sintonia com este entendimento foi gestado nosso *jogo do rabisco*, fruto não de duas, mas de diversas oposições de momentos e espaços criativos, compartilhados em fecundos encontros inter-humanos. Em diversas insônias e sonhos surgiu nosso desenho singular, produção imaginativa conjunta gerada pela dupla orientadora-orientanda. A sensibilidade de um desenhista transpôs as imagens do espaço potencial para o compartilhado.⁴⁸ Traço a traço, formou-se um grande rabisco, emblemático de diversas personalidades. A eles, somou-se o gesto da

⁴⁸. Em sintonia com esta crença daquilo que deveria presidir a qualquer encontro inter-humano, também a escolha do artista não foi meramente técnica e sim embebida de sentidos afetuosos. Agradeço a meu irmão Jairo Celso, cuja sensibilidade artística permitiu transpor para a realidade meus *rabiscos* imaginários, pelas horas dedicadas à elaboração das pranchas, até que fossem consideradas satisfatórias.

Mulher, com suas narrativas acrescentando um ponto em nosso conto anunciado. Dessa forma, sucessivas camadas de *ilusão* compuseram nosso *jogo*. E, assim, deve ser tomado: com o espírito lúdico próprio às regiões criativas.

Em nosso entendimento, de um espaço intermediário deste naipe emergiram as histórias. Apresentamos as pranchas – nosso rabisco – e a *Mulher*, após um período de hesitação, durante o qual se relacionou com o objeto, complementou o gesto, esboçando as narrativas e fazendo uso da personalidade e da ambiência ofertadas pela analista. Não nos esqueçamos que a intimidade mencionada por Winnicott é descrita, em 1945, como o relacionamento em que mãe e bebê *vivem juntos uma experiência*, fenômeno indissociável do conceito de *ilusão*, quando a mãe, identificada com seu bebê, apresenta-lhe o objeto preciso de sua necessidade (WINNICOTT, 1945/2000). Delicado encontro, seguido de intermitentes períodos de recolhimento⁴⁹ constitutivos de novas probabilidades de vínculo.

Ao decidir publicar os bastidores dos *rabiscos*, não pude deixar de sorrir, imaginando um diálogo com um interlocutor fictício, que, surpreso, procurasse me demonstrar a incoerência subjacente aos parágrafos anteriores. Por um lado, em prol da preservação de um campo propício à criatividade, ampliei a temática e sob outra ótica, as imagens e desenhos são prenes de sentidos e dizem respeito, certamente, à nossa subjetividade. Além do mais, o fato de conterem elementos e cenas da vida ordinária, poderia induzir sentidos estereotipados.

⁴⁹. Estamos nos pautando aqui por uma perspectiva dialética, na qual o recolhimento é entendido como um momento do vínculo.

Detenhamo-nos um instante buscando esclarecer esta aparente contradição. Nossa pesquisa foi concebida de modo tal a – ao perguntar à *Mulher* sobre o viver amoroso na sociedade contemporânea – verificarmos, em primeiro lugar, se o tema do sofrimento apareceria associado à figura feminina e, num segundo momento, qual o tipo de sofrimento surgido. Não seria demais repetir que, sendo nossa investigação sobre o imaginário coletivo de mulheres, interessaria-nos, sobretudo, investigar se o sofrimento seria tema relevante, a forma como seria descrito, se haveria diferença em relação às figuras femininas e masculinas. Além disso, conforme nossa compreensão de encontro inter-humano, consideraríamos não apenas o que foi dito, mas toda a gestualidade presente. Em resumo, pretendíamos empreender um estudo psicanalítico de busca do campo psicológico não consciente (BLEGER, 1963/1989)⁵⁰ das expressões da *Mulher*⁵¹ sobre a experiência amorosa. Visando o cumprimento destes objetivos, como afirmado em momento anterior, foram elaboradas *sete pranchas*, nas quais constam algumas circunstâncias do cotidiano atual: reuniões de trabalho, lazer em família, uma jovem sozinha, alguns operários da construção civil, uma mulher e um homem na maturidade.

⁵⁰. Reporto-me às concepções de Bleger, para o qual o campo psicológico está implicado nas três áreas de expressão da conduta, a saber, a área mental, a corporal e a da atuação no mundo externo, assim diferenciadas apenas para atender as necessidades de estudo e intervenção. À área mental ou simbólica é reservado o nome de *campo da consciência* e para o conjunto das áreas corporal e de atuação o nome de *campo psicológico* propriamente dito. Uma vez que o campo psicológico contém o campo da consciência, como diferenciação, podemos assumir que para Bleger todo campo psicológico é, por definição, não-consciente.

⁵¹. Conforme já destacado, as narrativas das entrevistadas foram tomadas como representantes representativos da *personalidade coletiva feminina* e, por esta razão, refiro-me à *Mulher*, de forma genérica.

Esta diversidade de imagens tinha o intuito de diluir o foco de meu interesse para que o problema do *viver amoroso de mulheres* permanecesse um pouco encoberto. Esta estratégia intentou favorecer narrativas fluidas e as mais espontâneas possíveis das participantes relativas às figuras e situações apresentadas.

Como antecipado, esta pesquisa inspira-se nas consultas terapêuticas, criadas e desenvolvidas por Winnicott e em seu jogo do rabisco, em cuja base, salientamos, encontra-se o jogo da espátula, definido pelo próprio autor como: “simplesmente um método para estabelecer contato com um paciente infantil” (1964-1968/1994, p. 231). Para nós, tratava-se de engendrar um procedimento que atendesse aos nossos propósitos de apresentar cenas que facilitassem a expressão do indivíduo, de modo a permitir que entrássemos em contato com o imaginário coletivo. O resultado final correspondeu às nossas expectativas: os quadros são figurações de um tempo, de uma cultura e de situações nas quais estou inserida como mulher contemporânea. Seus pontos, traços e linhas evocam minha própria trajetória pessoal. Eu, pesquisadora motivada a investigar a vivência amorosa de mulheres, estou bastante próxima destes rabiscos, que se transfiguraram em pranchas. Enfim, essas cores descortinam um pouco de minha própria história e, ao mesmo tempo, reproduziam imagens do imaginário coletivo, dessas mulheres entrevistadas que, por contigüidade temporal, geográfica e histórica, irmanaram-se a mim.

Afinal, nossa concordância com Bleger (1963/1989) de que, sendo o homem *personalidade indivisível* seu acontecer é sempre e inevitavelmente unitário, ainda que se expresse nas diferentes áreas fenomênicas do

simbólico, do corporal e da atuação no mundo externo, inviabiliza qualquer tentativa de negar a implicação visceral de meu ser nesse projeto. Pode-se, pois, presumir por essa narrativa que a consecução das pranchas implicou um processo delicado e zeloso. Na convivência com os textos, nos inúmeros encontros com a orientadora e nas diversas insônias e sonhos, foi sendo gestado, lentamente, nosso *jogo do rabisco*. Surgiu um desenho singular, gerado pela dupla orientadora-orientanda, com imagens que carregam um pouco de cada trajetória, proveniente de um fecundo encontro inter-humano.

Subjacentes ao detalhamento de todas essas conceituações vigoram dois princípios fundamentais. Por um lado, a obediência a um indispensável rigor metodológico e, indissociável do primeiro, a exigência de encontrarmos um respaldo consistente à nossa proposição investigativa que justificasse o uso ora proposto para a intervenção designada como *Consultas Terapêuticas*. Estou convicta que, embora difira do contexto original, os encontros realizados jamais poderiam ser qualificados de prosaico colóquio. Caso não bastassem as peculiaridades explanadas alhures, por tudo aquilo que a experiência requereu, em termos humanos, de um analista que se encontrou em determinada circunstância, fazendo outra coisa apropriada, que não psicanálise.⁵² Em suma, como indaga Winnicott: “E por que não haveria de ser assim?” (1962a/1990, p. 155).

⁵². Em meu entender, esse é um típico exemplo da forma paradoxal de Winnicott se comunicar. Que não se iludam, porém, os desavisados, pois, ao contrário do que poderia parecer a um leitor apressado, essa afirmação traduz, e maneira exemplar, a postura ética e humana que presidia sua prática clínica. O fundamental, como realçou em inúmeras ocasiões, é o atendimento às necessidades do paciente mesmo que, para tanto, seja necessário dispensar as *técnicas* psicanalíticas tradicionais. Nada mais propriamente psicanalítico, aliás, desde que se considere, como Winnicott na ocasião, a clínica de pacientes com graves distúrbios psíquicos. Sob esse enfoque, manter-se presente permitindo um resgate de partes dissociadas e favorecendo a reapropriação de si mesmo

Lembramos, por fim, que na genealogia das pranchas encontra-se a noção de *materialidades mediadoras*, modalidade de atendimento, conforme já exposto, tem sido desenvolvida de maneira fecunda pelos pesquisadores clínicos vinculados a *Ser e Fazer: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação* do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

A implantação desse serviço à comunidade, contudo, deve ser considerada, em minha opinião, uma conseqüência de um longo e fértil processo de reflexão sobre o imaginário coletivo, que redundou, como indicado nas páginas anteriores, em uma série bastante significativa de trabalhos, que elegiam, como objeto preferencial de pesquisa, temas passíveis de serem estigmatizados pela sociedade. O objetivo principal dessas investigações era de mediante a elucidação do campo psicológico não consciente segundo o qual se organiza o imaginário coletivo,⁵³ gerar, a seguir, intervenções clínicas eficazes e adequadas a situações específicas que, na maior parte das vezes, fugiam do modelo tradicional psicanalítico. O desafio foi, portanto, o de encontrar soluções criativas que, atendo-se rigorosamente aos preceitos psicanalíticos, atendessem às demandas contemporâneas, nos mais diversos segmentos da sociedade. Tal finalidade foi plenamente cumprida e, como só ocorre àqueles projetos que atingem o avançado patamar no qual arrojo e extrema consistência teórico-clínica coexistem, a notória ultrapassagem de sua proposta primeira vem sendo evidenciada por intermédio da grande afluência de pesquisadores que hoje

exige “nada menos do que tudo”. Referência ao título da biografia inacabada de Winnicott, mencionada por sua esposa, Clare (1989/1994, p. 3).

⁵³. Um artigo de VAISBERG (1995) pode ilustrar nossa afirmação. Nele, pode-se verificar um trabalho rigoroso de investigação, indicativo – já então – do movimento da pesquisadora

constelam ao redor do Laboratório. Esse contingente, em etapa diversa de formação, iniciação científica, mestrado, doutorado ou pós-doutorado e/ou experiência profissional, vem beneficiando-se dessa afortunada iniciativa, conduzida com mestria por sua coordenadora Prof^a Livre Docente Tânia M. J. Aiello Vaisberg.

Um dos resultados valiosos desse incessante movimento rumo ao apuro conceitual demandado pela clínica contemporânea é traduzido por um artigo de Vaisberg, Correa e Ambrósio (2000).⁵⁴ Nele, ao definir-se os aspectos determinantes dos atendimentos terapêuticos realizados nas Oficinas *Ser e Fazer*⁵⁵ é outra vez demonstrada a fidelidade à precisão conceitual quando é proposto um termo que acentue, de imediato, o encontro inter-humano. Esta é a expressão cunhada por Bleger (1963/1989) para enfatizar vigorosamente o foco de nosso estudo: o *fenômeno humano concreto*, ao invés de abstrações tais como sujeito do inconsciente ou da consciência. Um encontro dessa natureza propicia um *diálogo* que se inicia justo na apresentação do objeto, compreendida como integrante de um procedimento *apresentativo-expressivo*, expressão adotada por melhor apreender a qualidade visada da experiência humana. Com ela, erradica-se

em busca de uma maior precisão conceitual no que se refere ao estudo do imaginário coletivo.

⁵⁴. *Encontros Brincantes: o uso de procedimentos apresentativo-expressivos na pesquisa e na clínica winnicottiana* (2000, p. 338-339).

⁵⁵. Vale sublinhar que os atendimentos realizados nas oficinas referidas inspiram-se, basicamente, na concepção genial winnicottiana de apresentação de objeto ao bebê pela mãe. Transposta para um encontro humano, num enquadre diferenciado, a apresentação de objetos mediadores *criados-encontrados*, responde às necessidades expressivas do paciente e favorecem o surgimento de efeitos psicoterapêuticos (síntese elaborada a partir do Projeto Temático FAPESP, 2002c, discutido nas reuniões semanais do *Ser e Fazer*: Laboratório do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, durante o segundo semestre de 2002).

em definitivo, a idéia de projeção,⁵⁶ com todos os sentidos que nela estão impregnados, no que diz respeito a inevitáveis associações com intrincados mecanismos e aparelhos que assemelham o funcionamento humano ao das máquinas, compreensão que induz a desastroso afastamento da pulsação vital que a presença psicossomática dos partícipes de um encontro humano emana.

Esse fundamental ingrediente das relações, quando dissociado, resulta em indivíduos do tipo que a sensibilidade de um cineasta transpôs para as telas: os andróides de *Blade Runner*⁵⁷ retratam seres em tudo aparentados ao humano. Falta-lhes, contudo, o âmago; despidas dos sentimentos por seu criador, as criaturas perambulam como almas penadas, cuja sentença é *o esvaziamento* de sentido para seu assombramento. Todavia, sabemos que a assunção de uma postura genuína e integral não é simples e exige do terapeuta uma grande mobilidade para se dispor a alterar o já estabelecido e para integrar o inédito a vivências pregressas. Movimentos originários tanto de uma certa maturidade emocional, como de uma ampla experiência clínica, algo que, como observa agudamente Winnicott:

⁵⁶. Conforme Vaisberg, Correa e Ambrósio (2000), advém dos encontros do Laboratório de Estudos da Transicionalidade (Laboratório de Estudos da Transicionalidade, PUC-SP), coordenado pelo Prof. Dr. Gilberto Safra, o questionamento fecundo sobre o uso do termo *projetivo* e sua subsequente substituição para *apresentativo-expressivo*, que mais se coaduna no contexto apresentado, tão logo se admite que o verdadeiro *uso do objeto* só se pode fazer quando o fenômeno de projeção cessa (conforme WINNICOTT, 1971d/1975, p. 121-131).

⁵⁷. Película dirigida por Ridley Scott (1982).

... Só pode ser feito pelo manejo contínuo por um ser humano que se revele continuamente ele mesmo, não há questão de perfeição aqui, perfeição pertence a máquinas... (WINNICOTT, 1963a/1990, p. 83).

Com essa detalhada explanação nossa intenção foi, em primeira instância, elucidar os elementos basilares de nossa pesquisa nos quais encontramos apoio e inserir, à medida que avançávamos, nuances próprias no quadro pré-existente. O desejo é o de que também aqui possam se verificar os reflexos dos ensinamentos de Winnicott: a fidelidade à tradição possibilitando o surgimento do novo (WINNICOTT, 1971b/1975).



Provisões

Efetuamos, pois, os movimentos preliminares de reconhecimento, essenciais à aproximação de qualquer território estrangeiro o qual se deseje percorrer. Buscamos variados mapas da região, dialogamos com alguns viajantes destros, indagamos acerca do idioma praticado pela população e agora, minimamente familiarizados com a cultura dessa comunidade, adentramos no terreno mesmo da pesquisa psicanalítica. O passe definitivo para o ingresso nessa peculiar viagem, consiste, porém, no alcance de um delicado equilíbrio, cuja manutenção requer perícia ímpar: de um lado, o conhecimento teórico devidamente apropriado pelo investigador e, de outro, uma atitude que, embora imbuída das hipóteses instigadoras do percurso, mantenha-se aberta às experiências inéditas. Aquele que se lança ao oceano da subjetividade sem estas bóias é provável que sofra os maiores desconfortos com as oscilações típicas dessas marés...

Essas ponderações concordam parcialmente com Silva (1993), quando sugere que uma resposta ou conhecimento prévio do investigador, ainda que sejam necessários para a delimitação de um objeto de pesquisa, não devem eclipsar a aventura da procura do desconhecido. Para ela, a postura do pesquisador é semelhante àquela adotada no consultório, no que se refere à renúncia aos conhecimentos antecipados e, em decorrência, no tranqüilo aguardo da emergência do novo.

Contudo, para Silva o surgimento de sentido vincula-se à “natureza sempre pulsando em direção à representação” (p. 22), afirmação que aponta

para uma crença de que é somente por esta via que se pode conferir sentido a uma experiência. Esta explanação contraria as formulações de Bleger (1963/1989) para o qual a atividade psíquica abrange a manifestação, o ato e o gesto humano. Vale lembrar, inclusive, a ocorrência de simbolizações que se dão de maneira absolutamente dissociada do ser e do sentir-se. Se concordarmos com a potencialidade mutativa que qualquer encontro inter-humano carrega em seu cerne, é essencial reportarmo-nos à valiosa contribuição de Vaisberg (2002c),⁵⁸ em sua afirmação dos subsídios essenciais a essa experiência transformadora. Para a autora, é imprescindível que se abandone às visões cindidas do ser humano, herdadas de um passado um tanto quanto longínquo, mas que se mantém dominante no pensamento científico ocidental, em prol de uma visão mais concreta do ser humano e próxima do acontecer vital. Nossa decisão é pautada pela firme crença de que o efeito mutativo é suscitado pelo *encontro inter-humano*, do qual decorre, naturalmente, a articulação simbólica. O homem é aqui compreendido como um indivíduo o que torna impossível que seu acontecer se expresse de diferentes formas ou em tempos alternados, uma vez que sua atuação no mundo é sempre e inevitavelmente uma. Nesse vértice, a articulação simbólica de aspectos do *self* do indivíduo sucede naturalmente, uma vez que isto é próprio do humano, residindo aqui, o ponto fundamental de nossa aquiescência com Silva (1993).

Winnicott, por seu turno, com uma simplicidade genial, condensa em uma frase o cabedal necessário a um primeiro contato clínico, apreensão

⁵⁸. Síntese elaborada a partir do Projeto Temático FAPESP, 2002c, discutido nas reuniões semanais do *Ser e Fazer*: Laboratório do Instituto de Psicologia da USP, durante o segundo semestre de 2002.

lapidar que instiga o rompimento de fronteiras e provoca a extrapolação de seu uso para muito além do espaço original:

... A única companhia que tenho ao explorar o território desconhecido de um novo caso é a teoria que levo comigo e que se tem tornado parte de mim e em relação à qual sequer tenho que pensar de maneira deliberada... (1971a/1984, p. 14).

Em 1965, ponderando sobre a pesquisa psicanalítica, o autor apresentou dois caminhos para o alcance da verdade: o poético e o científico, destacando que o vínculo existente entre ambos se encontrava nas pessoas. Ao passo que o poeta, que há em nós, atinge a verdade num lampejo, o cientista busca uma fração da verdade, alcança-a num objetivo imediato e, ao fazê-lo, volta-se para um novo objetivo que surge (WINNICOTT, 1965c/1999).

Entretanto, se a verdade poética traz como vantagem satisfações profundas, seu uso implicaria em algumas dificuldades, pois, frente a determinados problemas, os sentimentos dos indivíduos são variados. A verdade científica, por sua vez – por ter um objetivo limitado – possibilitaria, às pessoas, um acordo em certas áreas, por intermédio de considerações intelectuais. O problema centra-se, todavia, no fato de que, em sua abordagem da natureza humana, a ciência demonstra uma tendência a perder de vista a totalidade do ser humano, cometendo, assim, um grande equívoco. Emerge aqui, outra vez, a questão de uma refinada combinação

de dois elementos, preservando-se o melhor de cada um. A fórmula foi assim equacionada por Winnicott:

... Na área do processo intelectual de grau superior, é necessário encontrar uma alternativa para a verdade poética – é a isso que se dá o nome de pesquisa científica (1965c/1999, p. 172).

Na seqüência, o autor apresentou o passaporte para a migração rumo ao solo da pesquisa psicanalítica, explicitando com clareza não apenas o *uso* que lhe poderia ser conferido, como nomeando com tranqüila competência seu aspecto fundante, aquilo que a definiria e legitimaria como tal, discernindo-a, em primeira instância, do padrão próprio às ciências físicas. Relevamos aqui que, embora Winnicott se referisse à pesquisa no campo do *tratamento analítico* é necessário se manter presente que suas considerações contemplavam sempre o ser humano em sua integralidade no mundo, englobando seu sentir, sua ação, seu relacionamento e sua imaginação, conceito que amplia e autoriza sua aplicabilidade a outros âmbitos. Ainda mais, nesse pequeno trecho pode-se vislumbrar a extrema coerência do autor, pois toda a sua descrição da pesquisa é permeada por uma atitude ética e humana sobre a qual se assentava sua formulação teórica, compromisso solene que privilegia, sobretudo o paciente. Enfim, verificamos o quão era, inexoravelmente, ele mesmo nas situações. Vale a pena transcrever suas próprias palavras:

... Todo analista faz pesquisa, mas não uma pesquisa planejada enquanto tal, pois o analista precisa seguir *necessidades* que se modificam e os *objetivos da pessoa* em análise. Esse fato nunca pode ser ocultado. O *tratamento do paciente* não pode ser adiado por necessidades de pesquisa, e jamais se pode repetir o contexto da observação. O melhor é que o analista volte a examinar o que aconteceu, relacione isso com a teoria e *modifique a teoria* de modo apropriado (1965c/1999, p. 173, grifos meus).

Seria interessante, a esta altura, interpolar as formulações epistemológicas e psicanalíticas de Bleger (1963/1989) sobre o fato das ciências humanas compartilharem o estudo do mesmo fenômeno, o ser humano, ainda que cada qual se detenha em um grupo, classe ou nível de qualidades fenomênicas. Sendo assim, o uso do método clínico não se limita à Psicologia, estendendo-se aos estudiosos de campos tais como a antropologia, a sociologia ou a economia, entre outros. Este postulado é útil para se perceber a equivocidade da idéia que restringe o fazer clínico ao estudo e cuidado de indivíduos. Nesta ótica, toda abordagem que parte da consideração de um fenômeno peculiar, a partir do contexto do qual emerge e com a finalidade primeira de favorecer experiências mutativas, pode ser, legitimamente, designada clínica (TARDIVO e VAISBERG, 2001).⁵⁹

À luz de todas essas considerações, vimos uma vez mais salientar a hipótese original de nossa dissertação, a inquietude mobilizadora dessa

⁵⁹. A título de informação, o Professor Vincent de Gaulejac, diretor do Laboratoire de Changement Social, da Universidade de Paris VII, com o qual nosso Laboratório mantém um valioso convênio de pesquisa, justamente desenvolve há cerca de 30 anos um interessante trabalho conhecido como sociologia clínica.

pesquisa que certamente nos habitou durante os encontros. Buscamos, porém, durante toda a trajetória, manter as venezianas abertas para novos sentidos, evitando que nossas próprias cores interferissem por demais nas paisagens que se descortinavam frente a nós. Dessa forma, acreditamos que o resultado é uma composição conjunta, na qual sujeito e objeto inexistem, em suma, uma criação concebida como coletiva. Bleger (1963/1989) tece um comentário que nos fornece uma sugestão sobre o movimento que deveria presidir quaisquer encontros inter-humanos que visem à pesquisa:

... Observar bem é formular hipóteses enquanto se observa, e no curso da entrevista verificar e retificar as hipóteses durante seu transcurso mesmo, em função das observações seguintes, que se enriquecem, por sua vez, com as hipóteses prévias. Observar, pensar e imaginar coincidem totalmente e fazem parte de um só e único processo dialético. Quem não utiliza a fantasia poderá ser um bom verificador de dados, mas não um investigador (p. 22).

Travessias: o Espaço Potencial

Iniciamos esse caminho com o intuito de verificar as manifestações do imaginário feminino, com relação à experiência amorosa de mulheres. Nesse momento de nossas reflexões é imperioso pontificarmos que, muito embora o objetivo básico dos encontros realizados fosse a obtenção de respostas a um amplo fenômeno humano,



nossa abordagem foi clínica, em uma concepção emancipada de sua estrita aplicação habitual, circunscrita, no mais das vezes, à demanda do paciente. Lembramos que partiu de nós o convite à participação nessa espécie de *jogo*, enquadre diferenciado moldado para o atendimento de nossa

pergunta-mestra: como e se apareceria o tema do sofrimento no imaginário da *Mulher* universitária, classe média e urbana. Para nós, entretanto, o que

outorga qualidade clínica a um encontro⁶⁰ é a mais rente proximidade com o próprio acontecer, desde que estes encontros se dêem sob a égide dos enquadres característicos típicos da pesquisa/intervenção nas ciências humanas. Temos buscado, deliberadamente, evitar as fórmulas abstratas que corrompem e reduzem o fenômeno humano.⁶¹ A ausência de demanda,⁶² contudo, não impede a ocorrência, nos moldes do conhecido caso Iiro atendido por Winnicott, de comunicações altamente significativas, cujo sentido, até então, permanecia apartado do paciente (1971a/1984, p. 15), como se poderá verificar nas narrativas da *Mulher*.

Nosso uso original das *consultas terapêuticas*, realizadas com a *Mulher*, por intermédio de entrevistas individuais, ofereceu-nos a oportunidade de realizar um estudo clínico, nos moldes propostos por D'Allones (1999), no que se refere à minúcia e, notadamente, à abordagem cuidadosa da singularidade da *fisionomia coletiva*.

⁶⁰. Vale lembrar que estamos nos referindo a encontros que se dão segundo *enquadres* de estudo ou de atendimento, uma vez que, como sabemos, todo encontro de amor fica próximo do próprio *acontecer*, sem, por isso, poder ser qualificado como clínico. Apoiamo-nos nos trabalhos de Bleger (1963/1989, 1978) voltados ao *enquadre*, tanto no que se refere ao estudo, como no que tange ao enquadre do atendimento psicanalítico. Pois, segundo Vaisberg declarou, em comunicação pessoal: *a vida numa clave em que predomina verdadeiro self, o gesto espontâneo, se dá sempre na proximidade do acontecer, enquanto a vida ou a teorização que foge para abstrações é falso self, intelecto explorado*.

⁶¹. É oportuna a menção do uso de pesquisa clínica, numa abordagem que consiste no estudo do *ser humano em situação*, por qualquer ciência humana, aí incluída a Psicanálise, conforme D'Allones (1999).

⁶². Cabe esclarecer que, ainda hoje, com uma freqüência indesejável, difunde-se que uma intervenção psicanalítica só se justifica quando há uma demanda claramente formulada. Em nosso entendimento, esta insistência advem de um apego ao modelo da neurose e, em decorrência, restringe-se ao registro representacional. Em termos winnicottianos, diria respeito à *peessoas totais*, que alcançaram estágios avançados do desenvolvimento, em condições de apresentar claramente suas dificuldades. Contudo, de acordo com este mesmo referencial, também estes indivíduos não estão imunes e podem, em determinadas situações existenciais, de extrema agudeza, regredir transitoriamente a estágios muito primitivos do desenvolvimento, os quais as necessidades são bastante diversas ao que o nível intelectual consegue abarcar. A experiência clínica da atualidade tem nos colocado face a face com graves situações de sofrimento humano que nos interpelam profundamente sem que os envolvidos possam sequer esboçar demandas.

Apresentando esse panorama de nosso percurso, acreditamos ter pormenorizado devidamente alguns preceitos que substanciaram nosso diálogo com a *Mulher*. O procedimento *apresentativo-expressivo* por nós utilizado para favorecer a comunicação com nossas interlocutoras merece um maior detalhamento, uma vez que questões bastante complexas envolvem seu manuseio, tanto relativas ao conhecimento teórico e experiência clínica, como outras de cunho ético e humano.

Rememoramos, em primeira instância, que a adoção desse termo, *apresentativo-expressivo*,⁶³ é um refinamento conceitual que atendeu a exigência de condensar numa única expressão, com a maior fidelidade possível, a viga-mestra de nosso procedimento. A primeira palavra remete ao gesto, ao oferecimento de objeto que favorece o estabelecimento de um campo de experiência diferenciado. A materialidade mediadora, em si, provoca a ruptura com o lugar comum, introduz o inusitado, convida ao lúdico provocando um deslocamento de tempo e espaço. Ao mesmo tempo, permite o contato com recantos inexplorados e permite a instalação gradual de um espaço potencial, área privilegiada da experiência humana, na qual os fenômenos transicionais têm lugar. Uma região confiável possibilita ao indivíduo presentificar o gesto, com a riqueza transbordante que a condição humana contempla. Num instante é a entonação de voz, um riso inesperado, a contrição facial ou um balançar de ombros. Já em outro é uma sede súbita,

⁶³. Na nota de rodapé n. 56 apresentamos o argumento-base que nos levou ao abandono do termo projetivo.

a evocação de um aroma, o esquecimento de uma palavra, uma instabilidade momentânea no humor, a revivescência de uma sensação de tempos há muito idos ou uma fugaz lembrança que traz um maroto sorriso aos lábios. Esta gama de manifestações espelha uma *personalidade*, ao mesmo tempo singular e plural, que se apresenta de múltiplas formas: exuberante ou tímida, vigorosa ou débil, genuína ou falsa. Todas elas, porém, são *comunicações expressivas*, direcionadas a alguém que possa acolhê-las e favorecer a constituição de um sentido possível à experiência. Em nosso caso, a apresentação das pranchas foi acompanhada de um pedido para que se contasse uma história associada às imagens, imaginativa e livremente, solicitação que, como se pode supor, incita a pessoa a movimentos e a contatos inusuais consigo mesma.

Como Safra tem nos ensinado, a existência humana, por sua grande complexidade, requer formas diversas de expressão. Algumas experiências melhor se traduzem verbalmente, outras pelos *símbolos apresentativos*, expressão que frisa uma diferença crucial em relação ao simbolismo discursivo, o condutor preferencial do pensamento psicanalítico clássico.

Nas palavras do autor:



... Os símbolos apresentativos veiculam o sentir, o ser, o existir: elementos que, por sua natureza, exigem o uso de símbolos que preservem a complexidade máxima da experiência. Por essa razão, podemos dizer que eles não *representam*, mas sim *apresentam* uma determinada experiência de sentir, existir ou ser; poderíamos chamá-los de símbolos do *self*... (1996, p. 72).

Essas considerações são alvissareiras de que uma imprescindível transformação das práticas clínicas vigentes possa ser estabelecida. Mudança, sobretudo, mais condizente com a realidade sócio-econômica, política, cultural e subjetiva contemporânea. Em nosso trabalho, de pesquisa e cotidiano, pudemos já verificar o quão profundo reverberam essas reflexões e os extensos resultados delas auferidos, tendo para nós valor inestimável.

A partir da perspectiva aqui adotada, a sessão analítica é, privilegiadamente, um espaço vivencial, estando a transferência a serviço da instauração de um campo auspicioso ao surgimento do gesto espontâneo. Trata-se de um encontro em que o *self* pode acontecer, como experiência humana que ocorre no tempo, no espaço e frente à alteridade e externalidade do mundo. É colossal o fosso existente entre esta postura e àquela que concebe a terapia como um espaço de uma espécie de aprendizado cognitivo, no qual a transferência é ferramenta para uma interpretação decodificadora.

Levando-se em conta toda a explanação anterior, é possível apreender em sua plenitude a afirmação de Safra de que: "... é o objeto que, por sua materialidade e eficácia simbólica, permite a experiência mutativa necessitada pelo paciente" (1996, p. 74)⁶⁴ pois se sabe que, com o objeto,

⁶⁴. Vaisberg, em comunicação pessoal, introduziu um importante alerta: o objeto só tem *eficácia simbólica* quando presentifica o Rosto Humano, no sentido levinasiano e, para tanto, é necessário habitá-lo e torná-lo pleno de presença humana. Nesta perspectiva, a criação de um *símbolo do self* resulta de uma imbricação harmônica entre *serefazer*, por meio do qual podemos vir a nos presentificar naquilo que somos e/ou fazemos. Assim compreendida qualquer atividade – seja o preparo de um quitute, a elaboração de um trabalho científico ou um atendimento clínico – é um *serefazer* no mundo, um trabalho herdeiro do brincar, na medida em que não dissociado. Obviamente, no dia-a-dia, muitas tarefas nos são imputadas às quais damos cabo apenas por necessidade, nada tendo a ver

apresenta-se também o analista, com seu potencial criativo a permear o gesto espontâneo. Na reprodução das narrativas coligidas, serão observadas tocantes expressões desta afirmação que, no momento, poderia soar como dissonante.

Esperamos ter fornecido uma ilustração mais ou menos precisa acerca da *pedra angular* de nossa investigação, iluminada pela contribuição de vários autores. A nosso ver, a adoção de um enquadre diferenciado como *estratégia metodológica de investigação*⁶⁵ tornou impreterível a leitura atenta de produções congêneres com o intuito de fundamentar nossa atuação profissional, ética e humana, diante de nossas interlocutoras, essencialmente, e, num momento ulterior, frente às suas associações.

A disposição dessas mulheres, abdicando de algumas horas de seu dia para participar de uma pesquisa, a confiança implícita em sua anuência com a publicação do material e a generosidade com que compartilharam detalhes de sua existência, enfim, o gesto de nos tornar *fidel depositária* de suas produções suscitou a premente necessidade de retribuir, no mínimo, com respeito homólogo. Em correspondência à confiança manifestada buscamos, no transcorrer do diálogo, privilegiarmos o contato emocional, tentando promover um clima favorável à espontaneidade, acreditando na orientação de Winnicott de que, se assim procedêssemos, o espaço seria aproveitado positivamente para a comunicação de aspectos relevantes.

Neste ponto, o leitor atento, com certeza se perguntaria: que tipo de cuidado foi dispensado à mulher, individualmente, enquanto pesquisávamos

com a essência de nosso ser, com a singularidade do nosso existir. O risco está em desatentos, nos condenarmos apenas a *fazer*.

⁶⁵. Conforme esmiuçado na nota de rodapé n. 41.

a *personalidade coletiva Mulher*? Nestes encontros, acreditamos ter sido fiéis às concepções que norteiam nossa clínica, procurando sustentar o acontecer inter-humano em curso, enquanto a pessoa vive e atribui sentidos às suas experiências. Para Winnicott, o essencial trabalho a ser efetuado vincula-se à integração, possibilitada “pelo apoio no relacionamento humano, mas profissional, uma forma de sustentação, o *holding*” (1988b/2002, p. 53). Não nos iludamos, porém, com a singeleza da afirmação, recuperando o prodigioso rol de sinônimos existentes para a palavra *segurar*, sinalizando com isso a delicadeza e a complexidade de se acompanhar uma experiência humana. Sustentar, em alguns momentos é análogo a amparar, mas também é tornar seguro ou firmar ou impedir que caia. É garantir e conservar, bem como oferecer apoio, tranquilizar ou serenar. Enfim, neste caso específico, tratou-se de favorecer a criação de um espaço propício a narrativas de experiências e de inaugurar um campo onde elas se sentissem à vontade para reverem suas trajetórias de vida.

Salientamos que, embora o berço de nossas pranchas seja o *Jogo do Rabisco*, utilizado por Winnicott em suas *consultas terapêuticas*, há uma importante distinção entre os procedimentos que deve se manter sempre presente. Nosso objetivo primeiro é o de pesquisa. Sendo assim, foi necessário redobrar o cuidado no que tange a alguns aspectos, derivados do desconhecimento do entorno no qual as entrevistadas estão inseridas. Principalmente, pelo fato de que não haveria acompanhamento posterior das pessoas entrevistadas, e, aspecto bastante delicado, a nossa ignorância com respeito ao estágio de desenvolvimento emocional das participantes, similarmente ao que Winnicott sugere ao referir-se à dificuldade de avaliação

dos casos que podem se beneficiar das consultas terapêuticas. Por esses motivos, ativemo-nos maximamente à experiência, cientes de que, nos moldes das crianças que brincavam na sala de Winnicott, as mulheres estariam apresentando as idéias que ocupavam suas vidas e, anuindo com o autor, supomos que o fariam igualmente se estivessem sozinhas, sem alguém para vê-las e acolher sua expressão. Nesta circunstância, a comunicação teria sido com alguma *parte observante de seu ser*. Conosco, foi a presença humana, espelhando o acontecimento, que lhe conferiu a *qualidade de comunicação* (1971c/1975, p. 66).

Poderá ser verificado que, na narrativa das histórias, transparece em alguns momentos o elemento surpresa destacado por Winnicott quando se refere ao Jogo do Rabisco, descrito da seguinte forma por Lescovar (2001).

... A consulta terapêutica é uma possibilidade de intervenção psicológica realizada sob a condução do manejo do tempo em relação ao pedido de ajuda do paciente. ... Seu objetivo é buscar favorecer um tempo, um espaço e uma relação humana especial em que possa emergir, através do contato analítico, a problemática mais significativa do paciente, por um fenômeno marcado pela surpresa – tanto para o paciente quando para o analista (2001, p. 20).

Em nosso caso, a emergência se tornou possível, segundo acreditamos, pela não intrusão de elementos externos à pessoa, respeitando que ela visse ou percebesse na justa medida de sua possibilidade maturacional, sem imputar significados extraordinários e, portanto, invasivos. Isso poderia ocorrer, também, caso o entendimento do material derivasse de uma indagação própria do investigador. Lembramos que, buscando

minimizar este risco, nossa hipótese de trabalho não foi completamente explicitada às participantes, que, deste modo, não estavam conscientemente inteiradas do nosso propósito.⁶⁶

Diante do exposto, bem se aplica aqui um comentário de Winnicott em relação a um acontecimento clínico, mantendo presente que as razões para silenciar uma interpretação⁶⁷ sejam desiguais:

... O analista teve de reter tudo o que pôde imaginar com referência ao significado simbólico da atividade que o paciente estava descrevendo... (1968a/1994, p. 165).

De maneira comparável, retivemo-nos nas impressões do próprio acontecer e foi apenas nos encontros subseqüentes com o material amalhado, que nos foi possível utilizar esse privilegiado procedimento psicanalítico para, amparadas pela experiência clínica, aventurar-nos a efetuar algumas interpretações⁶⁸ em termos da *personalidade coletiva*, como *co-criação/encontro* do campo psicológico não consciente. Note-se, porém, a presença aqui de um dos paradoxos de Winnicott: o que é criado não é arbitrário, deve algo à existência *real* do que é encontrado, conquanto

⁶⁶. Ao contarmos as pessoas, fornecíamos uma informação generalizada, dizendo que o tema da pesquisa abordava o papel das mulheres na sociedade contemporânea, sua atuação profissional, relacionamentos e família. Cientes, contudo, de que a comunicação emocional humana não se restringe à expressão verbal, comportamental ou contratual, fiamos-nos que em algum nível nossas intenções foram apreendidas por estas mulheres.

⁶⁷. A esta altura do texto, esperamos ter elucidado de maneira satisfatória o uso que vimos fazendo deste recurso. Mesmo assim, é prudente reafirmar que, ao nos debruçarmos sobre as narrativas dos encontros, nossa busca era a do sentido emocional do fenômeno humano, por meio do *método psicanalítico*, definido por Politzer como *método clínico interpretativo*. A interpretação é entendida aqui como criação/encontro de sentido emocional.

⁶⁸. O trabalho clínico que vimos desenvolvendo, orientados por uma leitura psicanalítica que articula as formulações de Bleger e Winnicott, tem a finalidade principal de sustentar o paciente, concebido, em nossos pressupostos antropológicos, como ser essencialmente criador. Estes encontros inter-humanos têm nos levado a perceber que este tipo de

consERVE seu inelutável caráter criativo. Desses *diálogos*, ficou-nos o sentimento de que, embora não tenhamos “verbalizado a conscientização nascente em termos de transferência” (1968a/1994, p. 163-166) tal e qual Winnicott salienta, fomos analistas praticando outra coisa: uma forma sofisticada de brincar, denominada *pesquisa psicanalítica* (1962a/1990).⁶⁹

É impreterível manifestar que uma clínica que tem como paradigma o brincar torna fundamental a dimensão do futuro, do movimento e da transformação. Ao invés de sítios arqueológicos nos quais repousam significados adormecidos, essa concepção orienta-se para o devir, para aquilo que ainda não é, para os sentidos que emergirão a partir de um encontro inter-humano vivo, candente e carregado de atualidade. Nosso desafio, como analistas e pesquisadores, é o de encontrar formas narrativas que bailem no ritmo da espontaneidade do ser, vibrando em notas harmônicas com as oscilações, tempos e espaços próprios ao contínuo movimento existencial. Winnicott, indubitavelmente, possuía o refinado ouvido para a melodia peculiar a cada paciente e a sensibilidade ímpar para, em suas comunicações, não reduzir a experiência a descrições inertes.

Em circunstância um tanto diversa - num impecável artigo sobre os *Pokemons* - Ab´Sáber (2000) fez referência a este tema com a acuidade conceitual que lhe é característica. Referindo-se ao personagem *Pikachu*, o autor afirmou que o mesmo habita mais de um *lugar* psíquico, exaltando,

intervenção é capaz de favorecer o *going on being* do paciente a partir do qual sentidos são criados/encontrados.

⁶⁹. Note-se bem que estamos aludindo a um tipo peculiar de relação transferencial, indubitavelmente estabelecida com o material produzido nos encontros e em meus diálogos posteriores com ele, geradores de novos encontros e outros relatos. A inexistência de uma relação transferencial, diga-se de passagem, tornaria inatingível o alcance de nosso

contudo, que certamente não se refere à *estrutura*, mas sim a “... movimento psíquico, de transições, de passagem pelo tempo que desloca um certo lugar psíquico na direção de um outro”. A esta constatação vincula uma tarefa premente à qual a Psicanálise contemporânea deveria se dedicar: a concepção de modelos que contemplem as noções de movimento e de passagem. Como pensar, indagava ele “... modelos de processo de ‘imagens-movimento’ e ‘imagens-tempo’ no interior dos raciocínios clínicos psicanalíticos?”. Indicava, a seguir, um possível veio para onde direcionarmos nossas explorações, apontando que as construções teóricas de Winnicott – em sua totalidade permeadas pelas idéias de processo e transição – constituíam um primeiro campo psicanalítico pelo qual foi possível vislumbrar o movimento psíquico como constitutivo do indivíduo, diversamente das tradicionais estruturas cristalizadas em formas acabadas. Em transcrição fiel:

... É exatamente tal possibilidade de concebermos o psiquismo como organismo que se expande e que conquista suas formas passo a passo na vivência complexa do próprio jogo pulsional e da própria capacidade de maturação egóica, na relação sempre necessária com um outro e com o mundo humano, que me parece estar indicado na noção central do pensamento de Winnicott, que ele nomeou como “continuidade da existência”. É através de tal *continuidade pelo que é descontínuo* que cada um de nós se apropria da noção de existir e ser, enfim, da noção do ser um si mesmo e em si mesmo, base de toda saúde psíquica (p. 19).

propósito de captar o campo psicológico não consciente das expressões da *Mulher* sobre o

Valendo-nos do caso de Winnicott (1968/1994) há pouco mencionado, depois de um jorro de associações em resposta à uma pergunta do analista, o paciente se recolhia ao silêncio, levando o autor a asseverar que, de toda aquela inundação de sons, “era o silêncio do paciente que continha a comunicação essencial” (1968a/1994, p. 165). Julgando-a apropriada à nossa situação, optamos por reverter esse ensinamento para nossa conduta em relação ao nosso jogo do rabisco. Foi em recolhimento fecundado pelas ressonâncias emocionais que as narrativas produziam nesse novo encontro, que buscamos extrair *a comunicação essencial que cada história transmitia*.⁷⁰ O resultado, como não poderia deixar de ser, é criação compartilhada, pois, como afirma Benjamim, a narrativa imerge os fatos humanos na vida do narrador para a seguir extraí-la dele (1936/1996). Entendida desta forma, tanto os vestígios do narrador como do narrado se presentificam de várias maneiras nos dramas narrados, seja na qualidade de quem viveu a experiência, seja na qualidade de quem relatou as de outrem.

Permito-me aqui dialogar com Lukács (1965), quando, referindo-se aos poemas épicos, assegurou que a verdadeira arte reside na acentuação precisa *do essencial* e condicionou a emergência deste elemento *não na forma de um rebuscado produto artificial virtuosístico*. Para nós, a interpretação, como uma construção abstrata, classicamente utilizada, guarda parentesco muito próximo a esta afirmação de Lukács. Temos privilegiado, ao contrário, a permanência junto ao *acontecimento clínico* e

sofrimento feminino.

⁷⁰. Recordo ao leitor que, segundo as concepções explanadas ao longo deste trabalho, minha busca da essência das narrativas é análoga à procura do campo psicológico não consciente do qual a história insurge, campo este sempre relativo a determinada *conduta*.

defendido o *holding* não como procedimento intermediário, uma espécie de estratégia para atingir a análise interpretativa, mas sim, como a intervenção fundamental, que é o alicerce da experiência mutativa.

A meu ver, parafraseando Lukács (1965)⁷¹ foi a *sustentação* promovida nos encontros com a *Mulher* que permitiu o surgimento do essencial como algo que nasceu e cresceu de forma espontânea, como alguma coisa, ao mesmo tempo, *inventada* e *descoberta*.

Deste modo entendido, creio que o recolhimento guarda ainda a presença da *Mulher*, uma vez que o distanciamento físico não abranda os traços de sua passagem, nem arrefece a candência do afeto advinda do encontro. Como diz um poeta:

... Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre, não se guarda nada. Em cofre, perde-se a coisa à vista. Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela. (...) (ANTONIO CICERO, 1987, Folhetim, p. B. 12).

Nas palavras de Antonio Cícero, é isto que nos impele tanto a declamar como a declarar um poema, que inspira a escrita ou a publicação de um texto.

Aqui, as histórias são tomadas como *condutas da Mulher*, recorte analítico selecionado em termos de âmbito da conduta (BLEGER, 1963/1989).

⁷¹. A afirmação de Lukács, inserida no contexto literário, refere-se à essência da narrativa, promotora da emoção no ouvinte, como “algo que não é inventado e sim, apenas descoberto” (LUKÁCS, 1965, p. 61). Em consonância com a tradição winnicottiana fizemos uso da frase para enfatizar tanto o caráter criativo como a sustentação do paradoxo, elementos primordiais para nós. Irmanando-nos a Winnicott, em relação aos sentidos encontrados, esperamos que jamais tal pergunta seja formulada: *vocês conceberam isto ou lhes foi apresentado do exterior?* (1971e/1975).

... Para guardá-lo; para que ele, por sua vez, guarde o que guarda, guarde o que quer que guarde um poema; por isso o lance do poema: Por guardar-se o que se quer guardar (ANTONIO CICERO, 1987, Folhetim, p. B. 12)

Por eu ter estado absolutamente presente no encontro, *A Mulher* guardou e resguardou com sua presença todas as etapas da escrita, inspirando *o essencial, aquilo que se quer guardar*. As narrativas são, pois, composições partilhadas, *criação/encontro* de sentidos que podem configurar-se como campo psicológico não consciente, campo este, fundamentalmente vivencial.

Conforme frisado anteriormente, Winnicott fez questão de ressaltar o traço peculiar do encontro cunhado como *consultas terapêuticas*: é a resolução prévia e profissional que visa dar um sentido àquela experiência emocional envolvendo duas pessoas o que a distingue de uma interlocução banal num ônibus. A insígnia orientadora, porquanto, de nossos encontros, consiste no fato de uma pesquisadora psicanalítica voltar-se para uma questão que tem sentido no âmbito coletivo, em termos do imaginário de mulheres. Sob este prisma, cada indivíduo estudado é considerado o representante de um coletivo, do *coletivo Mulher do nosso tempo*.

Por fim, julgo que me foi possível transpor fielmente, para minha *situação estabelecida*, a qualidade máxima exaltada por Winnicott, em relação às consultas terapêuticas. Acreditei que, também ali, cada mulher traria, ainda que em ínfima escala, uma esperança de ser atendida em uma necessidade. Dessa forma, conservei presente a sacralidade do momento,

como designa delicadamente o autor, em busca de corresponder à confiança em mim depositada (1964-1968/1994, p. 231).

Nas sendas percorridas, tive sempre em pauta a definição de Vaisberg (2002c) relativa à função da arte nos procedimentos *apresentativo-expressivos*, que me influenciou fortemente no processo de condução de todo o procedimento:



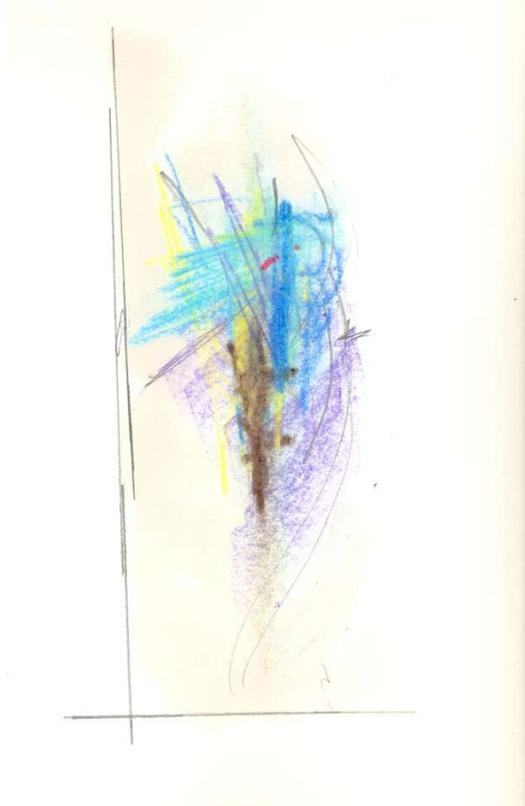
... A arte tem, aqui, papel mediador, no sentido de favorecer a presentificação do paciente em ambiente suficientemente bom, vale dizer, que está preparado para fornecer-lhe o *holding* necessário, a sustentação indispensável para a retomada de seu desenvolvimento pessoal. Ou seja, não se entende que a arte é um meio pelo qual se traduz um significado, que estaria fixo e presente em algum lugar mental, à espera de ser descoberto pelo analista, e sim que a disponibilização da materialidade mediadora facilitaria um acontecer humano pleno (p. 67).

Restava-me, finalmente, encontrar uma solução coerente com a concepção ética e humana que vim explanando, que me acompanhasse nos encontros subseqüentes com o material produzido nas entrevistas, evitando ao máximo os dogmatismos. Encontrei este esteio no trabalho já referendado de Benjamim (1936/1996) sobre a arte da narrativa, no tópico

relativo à sua força, concentrada, sobretudo, em evitar explicações, concedendo liberdade ao leitor para interpretar à sua maneira a história e, deste modo, o episódio narrado adquire uma dimensão inexistente na informação. Recuperarei, com ele, o fato de a narrativa constituir uma espécie de *forma artesanal de comunicação*, dado ao seu florescimento original no meio artesão, seja no campo, no mar ou na cidade. Diferentemente da informação, que busca a reprodução exata dos fatos, a narrativa é impregnada de traços do narrador, como lindamente diz Benjamim, assim como as peças em argila guardam as marcas da mão do oleiro.

É inadiável segundo creio, que esta arte, em vias de extinção, seja recuperada e, com ela, um modo mais humano de vinculação com o mundo. Ainda segundo o mesmo autor, o processo de assimilar requer tempo, pois, se dando em camadas muito profundas, exige um estado de distensão que cada vez mais se escasseia. Em decorrência, o dom de ouvir desaparece e, com ele, a comunidade de ouvintes. Ninguém mais fia ou tece enquanto ouve uma história. Já não há mais tempo para as incontáveis repetições imprescindíveis para a manutenção da arte de contar histórias, que, ao não serem mais conservadas, se perdem.

Na concepção de Benjamim, ninguém descreveu melhor o mundo do qual emergem os artesãos do que Paul Valéry, que, ao se referir à perfeição das coisas encontradas na natureza, tais como as pérolas imaculadas ou os vinhos encorpados e maduros, denomino-as como o resultado valioso de uma extensa cadeia de agentes similares entre si. Por sua pertinência no contexto ora realçado reproduzo as próprias palavras de Valéry:



... Iluminuras, marfins profundamente entalhados; pedras duras, perfeitamente polidas e claramente gravadas; lacas e pinturas obtidas pela superposição de uma quantidade de camadas finas e translúcidas (...) todas essas produções de uma indústria tenaz e virtuosística cessaram, e já passou o tempo em que o tempo não contava (Paul Valéry, citado por Benjamim, 1936/1996, p. 206).

Este meu estudo é composto de semelhante tessitura, sucessivas aposições de narrativas e delicado entremeio de histórias e existências. Qual iluminura,⁷² o acontecer humano, sempre transbordante, vazou, inundando as margens classicamente habitadas de forma exclusiva pelo discurso verbal e coloriu a paisagem dos encontros com a profusão da gestualidade. Sucessivas narrativas se enlaçaram, portanto, nos interstícios desta composição: os diálogos que pontilharam a seleção das pranchas, a *Mulher* diante de nosso *jogo do rabisco* imaginando histórias, eu, como narradora,

⁷². A iluminura é uma arte que utilizava combinações múltiplas de letras iniciais, flores, folhagens, figuras e cenas, por intermédio de pintura com cores vivas, ouro e prata nos manuscritos antigos. Aliava a ilustração e a ornamentação, ocupando parcialmente o espaço habitualmente reservado ao texto e estendendo-o pelas margens, em barras, molduras e ramagens (FERREIRA, A. B. H., 1986). As Iluminuras que adornam este trabalho foram criadas por meu irmão, Jairo Celso (p. 64, 75, 77 e 79).

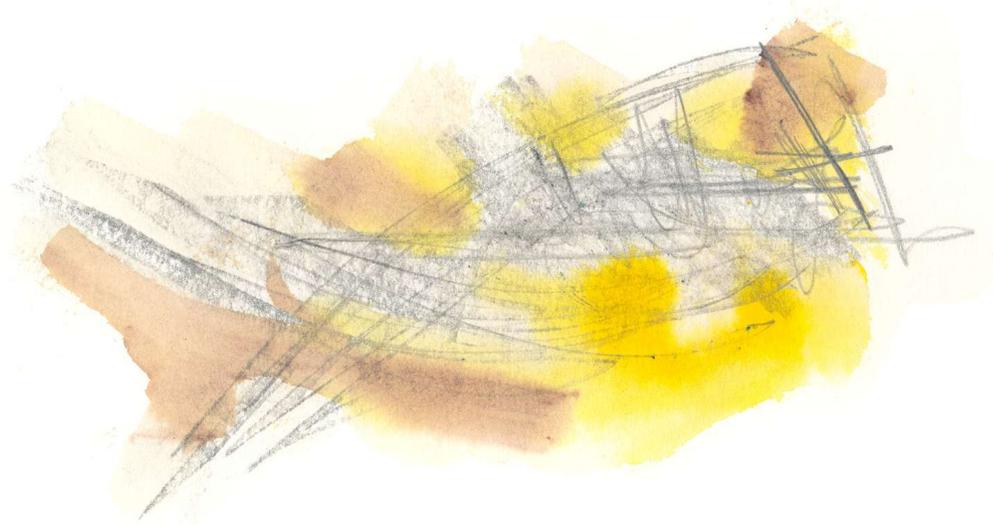
recriando os relatos e transmitindo minha experiência emocional em meu novo encontro com as comunicações da *Mulher*. Enfim, meu próprio trabalho como uma grande narrativa à espera de leitores que venham a conversar com ela, de cujo envolvimento dependerá, acredito, a possibilidade futura de ascensão do texto ao *status* de uma verdadeira narrativa, com a estirpe dos antepassados artesãos.

Tenho a pretensão de minimamente restituir a qualidade artífice nos encontros e nas comunicações e, para tanto, procurei sustentar as descrições em aberto, para que seja possível às pessoas tomá-las a qualquer momento e desenvolvê-las à sua própria maneira. À semelhança da antiga brincadeira infantil, quando as crianças, distribuídas em uma grande roda, contavam um pequeno trecho e o companheiro ao lado deveria imaginar sua continuidade e, nessa sucessão de relatos sobrepostos e entremeados, o tempo adquiria a atemporalidade dos antigos povos.

Desejaria que este meu *jogo* produzisse efeito análogo, estimulando novas leituras que se sobrepusessem às primeiras. E depois outras e mais outras, até que não se pudesse mais identificar o autor original e uma produção coletiva tivesse sido gerada. Construção de muitos que, paradoxalmente, como reza a essência da narrativa, preserva intactos os vestígios de diversas singularidades. E que nesse jogo inter-humano, o delicado tecido da existência compartilhada, tão esgarçado na atualidade, fosse, ao menos em parte, restaurado.

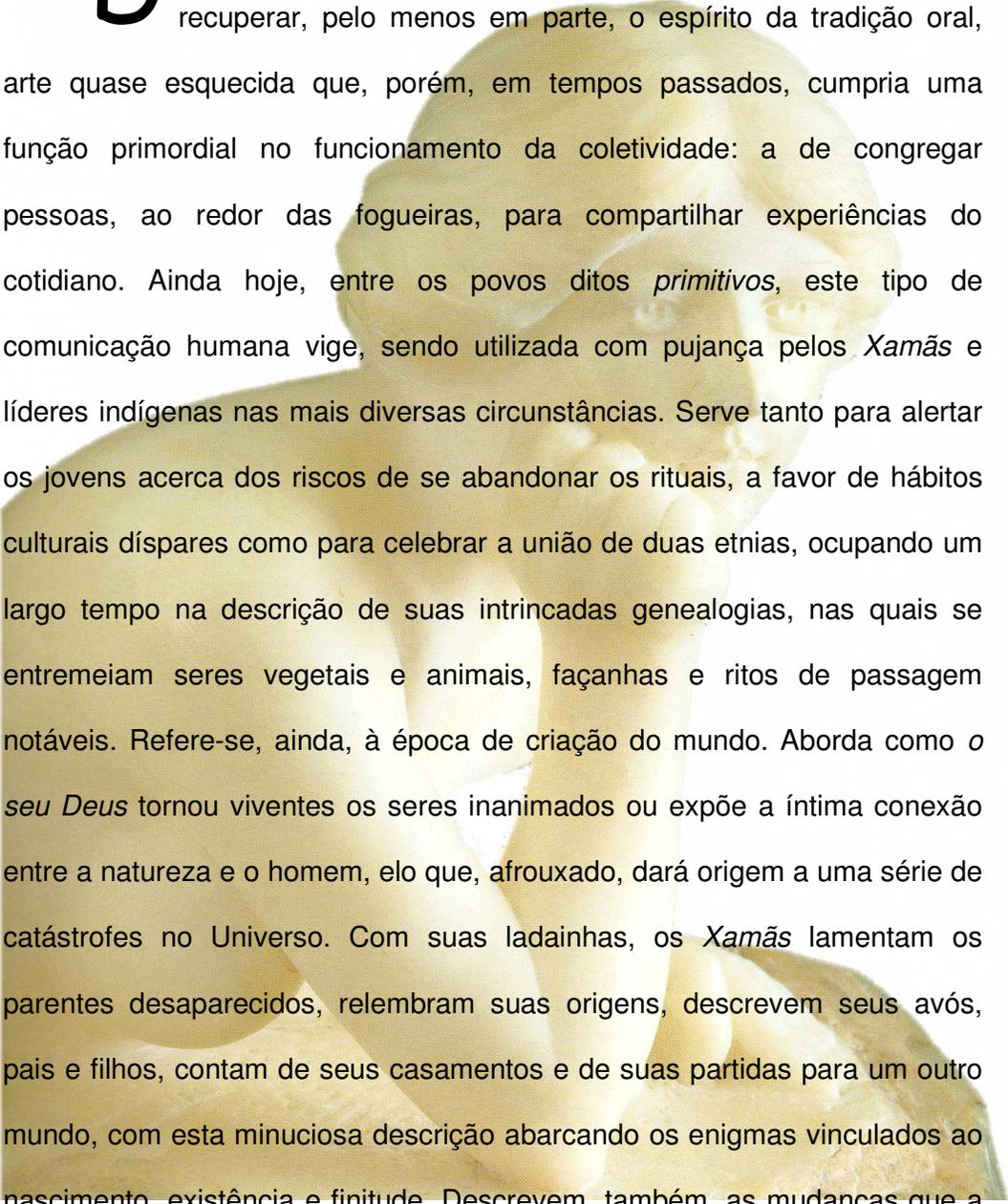
Faço minhas, respeitosamente, as palavras do líder indígena Yanomami, Davi Kopenawa:

... Os brancos desenham suas palavras porque seu pensamento é cheio de esquecimento. Nós guardamos as palavras dos nossos antepassados dentro de nós há muito tempo e continuamos passando-as para os nossos filhos. As crianças, que não sabem nada dos espíritos, escutam os cantos do *Xamãs* e depois querem ver os espíritos por sua vez. É assim que, apesar de muito antigas, as palavras dos *Xapiripê* sempre voltam a ser novas. São elas que aumentam nossos pensamentos. São elas que nos fazem ver e conhecer as coisas de longe, as coisas dos antigos. É o nosso estudo, o que nos ensina a sonhar. Deste modo, quem não bebe o sopro dos espíritos tem o pensamento curto e enfumaçado; quem não é olhado pelos *Xapiripê* não sonha, só dorme como um machado no chão (Maloca Watoriki, Roraima, setembro/1998).⁷³



⁷³. Segundo Kopenawa, os espíritos *Xapiripê* dançam para os *Xamãs* desde o primeiro tempo e assim continuam até hoje. Eles parecem seres humanos, mas são tão minúsculos quanto partículas de poeira cintilantes. Para poder vê-los deve-se inalar o pó da árvore *Yākōanahi* muitas e muitas vezes. Leva tanto tempo quanto para os brancos aprender o desenho de suas palavras. O pó do *Yākōanahi* é a comida dos espíritos. Quem não o *bebe* assim fica com olhos de fantasma e não vê nada.

Transicionalidade e Experiência Compartilhada⁷⁴



Disponho-me a receber as mulheres, imbuída da intenção de recuperar, pelo menos em parte, o espírito da tradição oral, arte quase esquecida que, porém, em tempos passados, cumpria uma função primordial no funcionamento da coletividade: a de congregar pessoas, ao redor das fogueiras, para compartilhar experiências do cotidiano. Ainda hoje, entre os povos ditos *primitivos*, este tipo de comunicação humana vige, sendo utilizada com pujança pelos *Xamãs* e líderes indígenas nas mais diversas circunstâncias. Serve tanto para alertar os jovens acerca dos riscos de se abandonar os rituais, a favor de hábitos culturais díspares como para celebrar a união de duas etnias, ocupando um largo tempo na descrição de suas intrincadas genealogias, nas quais se entremeiam seres vegetais e animais, façanhas e ritos de passagem notáveis. Refere-se, ainda, à época de criação do mundo. Aborda como *o seu Deus* tornou vivos os seres inanimados ou expõe a íntima conexão entre a natureza e o homem, elo que, afrouxado, dará origem a uma série de catástrofes no Universo. Com suas ladainhas, os *Xamãs* lamentam os parentes desaparecidos, relembram suas origens, descrevem seus avós, pais e filhos, contam de seus casamentos e de suas partidas para um outro mundo, com esta minuciosa descrição abarcando os enigmas vinculados ao nascimento, existência e finitude. Descrevem, também, as mudanças que a

⁷⁴. A escolha do título deste capítulo foi motivada pela formulação de Winnicott (1971e) relativa ao fato de a natureza humana estar assentada sobre a terceira área da experiência,

civilização trouxe, o exílio de muitos, com o abandono forçado de terras desde sempre habitadas, as mortes por doenças antes desconhecidas destes povos – como a Malária – que dizimou populações inteiras. Em seus mitos, os entes queridos renascem, se transformam em animais totêmicos ou em novas constelações. Enfim, uma exaltação à vida, ao presente, ao passado e aos ancestrais que, por intermédio de uma narrativa arrebatada, presentifica e reúne, na experiência, uma extensa linhagem afetiva.⁷⁵ Nas palavras de Benjamim (1936/1996) “... a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (p. 199). Nossos diálogos seriam, portanto, orientados tanto pelo postulado deste autor, como por nossa própria experiência, naquilo que é mais fundamental, desde a perspectiva que vínhamos acentuando, ao longo de todo o texto: o encontro inter-humano, que a mais avançada *técnica* pode, quando muito, transformar em grotesca caricatura.

Minha busca, clara está, é a de um saber próximo àquele que circula dentre os povos primevos, dos quais qualquer relato, por mais inverossímil ou fabuloso que seja, é aceito e não contestado, desde que possua um sentido próprio àquela comunidade. Esse tipo de conhecimento, oriundo de

para a qual contribui tanto a realidade interna quanto à vida externa, preceito que permeou nossos encontros com a *Mulher*.

⁷⁵. Essa narrativa é testemunho de uma experiência pessoal nos idos de 1992, quando tive a oportunidade de conviver, por alguns dias, com os Yanomami, etnia que habita a divisa do Brasil com a Venezuela. A espontaneidade, nitidez e fluência que permeiam meu relato advém do fato dessas vivências terem transcorrido em *tempos* e *formas* bastante diversos de nossa realidade atual, numa cultura que privilegia, cabalmente, a experiência e sua circulação entre os membros da comunidade. Ainda segundo Benjamim, (1936/1996) uma das causas da perda dessa faculdade de intercâmbio reside em sua desvalorização gradual no decorrer dos últimos séculos, em virtude das transformações sofridas tanto no mundo exterior como no mundo ético, mudanças inimagináveis e brutais que, em muitos casos, inviabilizaram a comunicação verbal (p. 199). Segundo acredito, a agravante maior é a desvalorização do acontecer humano, valor intrínseco às narrativas. Embora o autor discorra sobre outras influências, me aterei aqui apenas a este aspecto, afeito ao teor de minha pesquisa.

lugares distantes, quando se trata dos viajantes e mercadores ou de um *longe* temporal, segundo consta nas tradições, possui autoridade em si, diferindo radicalmente da *informação* hoje dominante, que requer explicação plausível e imediata, sendo, em decorrência, inconciliável com os princípios sobre os quais a narrativa se alicerça (BENJAMIM, 1936/1996).

Farei uso, pois, deste pressuposto como parte de minha *estratégia metodológica de investigação*, adotando o modelo das narrativas como forma de comunicação à comunidade acadêmica e mantendo em vista, ao mesmo tempo, o postulado de Politzer (1928) que me autoriza conceber a narrativa como material básico da pesquisa clínica, compreendida como *manifestação humana que nos permite manter a perspectiva psicológica, segundo a qual todo ato é pleno de sentido, mesmo quando este não pode ser imediatamente conhecido* (VAISBERG, T.M. J. A. 2002d).⁷⁶

Não posso deixar de mencionar, uma vez mais, meu norte primeiro, as consultas terapêuticas de D. W. Winnicott, de cuja essência extraí os subsídios teóricos fundantes de minha pesquisa, legitimando a transposição desta espécie de *enquadre estabelecido* para meus encontros com a *Mulher*.

Conto, ainda, para fertilizar minhas reflexões, com a valiosa contribuição de Lukács (1965) relativa à arte épica.

⁷⁶. Síntese elaborada a partir do texto *Estratégias Clínicas e Estratégias de Pesquisa* (2002d), discutido nas reuniões semanais do *Ser e Fazer*: Laboratório do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, durante o segundo semestre de 2002, mimeo.

Viver ou Descrever?

A íntima poesia da vida é a poesia dos homens que lutam,
a poesia das relações inter-humanas,
das experiências e ações reais dos homens (...) as coisas só têm vida poética
enquanto relacionadas com acontecimentos de destinos humanos.

Georg Lukács, 1965

O ensaio de Lukács (1965) sobre as diferenças existentes entre *narrar* e *descrever*, embora originário de outra área das ciências humanas, a Filosofia, contém compreensível similitude com as formulações de Bleger (1963/1989), uma vez que ambos apóiam-se no pensamento dialético marxista no que se refere à importância em não se proceder a observações que se distanciem do acontecimento humano em foco – seja ele um romance, uma situação clínica ou uma pesquisa. O sumo da reflexão do filósofo, inexoravelmente permeada por sua ideologia política, consiste em demonstrar como as formas escolhidas por este ou aquele autor ilustre – como Zola ou Tolstoi – para apresentar o enredo de seus romances, atendem a intuítos bastante diferentes que nitidamente transparecem no decorrer de toda a exposição.

Para ilustrar sua idéia, elege uma corrida de cavalos. O mesmo fenômeno, presente em duas obras de semelhante envergadura, *Naná* e *Ana Karenina*, no primeiro caso é *descrito* do ponto de vista do espectador, gerando um sentimento de externalidade, ao passo que, em Tolstoi, o relato brota do interior: o *narrador* se encontra no bojo da ação. É, pois, participante do acontecimento em curso.

O verdadeiro intento de Tolstoi, com o relato da corrida, é, segundo Lukács, realçar a relevância cabal do episódio na vida do protagonista e, assim, os preparativos, as fases da corrida e até o ápice da disputa são elementos de uma importante ação, contada em seqüência dramática: enfim, Tolstoi *narra* acontecimentos humanos e não *coisas*. E, por isso, fazendo jus à autêntica tradição épica, o autor repete duas vezes o cadenciado dos fatos, ao invés de limitar-se à descrição de imagens.⁷⁷

Em contrapartida, Zola, ao *descrever* a corrida em seu romance, mostra-se um *virtuoso* literário, expondo com rigor e minúcia e até mesmo com sensibilidade, todos os detalhes que compõem a cena. Porém, ao realçar elementos absolutamente prescindíveis à trama em termos da dramática existencial – sejam eles detalhes do vestuário, do ambiente, ou dos sentimentos dos personagens – o discurso ressoa como uma digressão estéril enxertada no romance. O texto aparenta-se a um inventário, embora primorosamente elaborado.

Como antônima à maneira de *descrever* de Zola, Lukács serve-se da obra *Ilusões Perdidas* de Balzac, onde:

O drama das figuras principais é, ao mesmo tempo, o drama das instituições no quadro nas quais elas se movem, o drama das coisas com as quais elas convivem, o drama do ambiente em que elas travam suas lutas e dos objetos que servem de mediação às suas relações recíprocas (p. 47).

⁷⁷. Ao leitor interessado em aprofundar o tema, para conhecer o reverso do argumento

Assim, enquanto os problemas sociais são abordados por Zola como meros *fatos*, para Balzac eles constituem um mote para uma reflexão acerca dos *íntimos dramas humanos* neles transpassados. A pena de autores como Tolstoi e Balzac nos apresenta *acontecimentos* que, além de sua relevância própria, são, em paralelo, cruciais tanto para as relações inter-humanas dos personagens como em termos de seu reflexo na sociedade. Como leitores destas *narrativas*, nas quais os protagonistas tomam parte no desenrolar da trama, *vivemos* os acontecimentos.

Em contrapartida, os personagens de Zola e, também, de Flaubert, mostram-se como assistentes distanciados dos acontecimentos, transformando-os, à vista dos leitores, numa sucessão de quadros *observados*.

Viver, observar, narrar ou descrever – diferentes modos de expor acontecimentos que, conforme assinalado em diversos pontos por Lukács (1965) ao longo de sua explanação – são, eles mesmos, totalmente coloridos pela personalidade do autor. A produção literária espelha sua concepção de mundo, postura ideológica e posição histórico-política. A habilidade do escritor está em eleger, como protagonista, alguém cuja trajetória carregue a ambigüidade intrínseca à natureza humana.

apresentado, recomendamos recorrer à fonte consultada (LUKÁCS, 1965).

Prenúncio

Com essas descrições como pano de fundo, preparei-me para o primeiro encontro, ao telefone, com a *Maratonista*.⁷⁸ Aproximando-me do aparelho, notei, pelo prefixo, que éramos vizinhas. Apesar da temperatura atipicamente amena para um mês de janeiro, eu transpirava. Naquele primeiro contato, ela já expressara a necessidade de se apresentar; falar um pouco de si, para ver, segundo suas palavras: “*se eu sirvo para você*”. Casara-se muito nova, tendo, durante um longo período, se dedicado à criação de dois *meninos*. Durante uma etapa relativamente curta, revendia bijuterias para a mãe, que possuía uma loja, no interior. Depois, passou a criá-las, revelando destreza em habilidades manuais. Entretanto, o material ocupava muito espaço e os filhos, ainda pequenos, demandavam atenção constante, levando-a a abandonar a atividade. Enfim, revelou que questionara a si mesma se teria algo de interessante a contar. Eu que não pensasse, todavia, que não fazia nada, ao contrário, seu cotidiano é preenchido por inúmeras atividades, que vão desde ser motorista dos filhos ao dispêndio de muitas horas cuidando do próprio corpo: duas horas diárias de corrida, mais outro tanto de musculação e esteira, aulas de dança do ventre à noite – ocupação que vem se revelando bastante prazerosa, associada à redescoberta de sua sexualidade – ou seria *descoberta*?

⁷⁸. A *Maratonista* me foi indicada pela instrutora de uma academia em que eu freqüentava. Os múltiplos sentidos que a atividade física adquiriu em sua vida, alguns dos quais se evidenciaram em nossos encontros, impediram-me de eleger outro codinome, exceto este que alude diretamente ao seu esporte predileto.

Indagou com um pequeno riso malicioso, buscando estabelecer uma certa cumplicidade.

Pousando o fone no gancho, mas com sua voz ecoando em mim, perguntei-me se, por ventura, haveriam me encaminhado uma pessoa inadequada à faixa etária proposta para minha pesquisa. A tonalidade da comunicação, a insegurança e a fragilidade que atravessaram o diálogo, o parco vocabulário suplementado por um excessivo emprego de gírias, todas essas expressões destoavam, gritantemente, de uma mulher madura, adentrada nos 40 anos.



Encontro: uma Primeira Mulher⁷⁹

No dia e hora agendados a *Maratonista* se apresentou e reproduziu, com



sua figura, a impressão do contato telefônico: a compleição franzina e o olhar fugidio denotaram uma grande inquietude, confirmada em gestos apressados e intermitentes que buscavam compor os cabelos. Em contrapartida, as pernas bem torneadas, um evidente derivado de sua constante *malhação*, transmitiam a impressão de se assentar firmemente sobre o solo, ao passo que

⁷⁹. A reprodução utilizada nesta página, bem como as seguintes, são de autoria da pintora catalã Montserrat Gudiol, cujo traço peculiar é a quase indistinção entre figura e fundo. Para mim, porém, o tênue contorno é suficiente para ressaltar os detalhes essenciais de cada figura, conferindo-lhe um destaque solo e, ao mesmo tempo, mantendo-a absolutamente integrada a ponto de, em meu entender, ser impossível imaginá-la em outro contexto. Até onde posso alcançar, foram estes os elementos responsáveis por minha escolha destas imagens para ilustrar este capítulo. Por guardarem semelhança com as impressões dos oleiros nos vasos de argila ou por aludirem, de alguma forma, a impregnação do narrador nas experiências descritas. Mas, sobretudo por me reportarem à qualidade afetiva dos meus vários contatos com as mulheres, o que permitiu que se presentificassem, apesar da distância, em cada passo de meus relatos. O resultado é criação/encontro e, portanto, inseparável da personalidade dos autores do enredo.

os braços de músculos bem definidos, pareciam administrar habilmente a realidade. Sua aparência, apreendida na totalidade, tornava ainda mais drástico o contraste, espelhando as contradições que bailam na alma humana. Entrando em minha casa, a conduzi para o consultório e lhe ofereci água ou café. Já sentadas, comuniquei-lhe as informações básicas sobre a pesquisa, dizendo que o meu estudo era voltado para a realidade da mulher moderna. Informei que apresentaria algumas pranchas, contendo diversas figurações e lhe pediria que construísse, da forma mais livre possível, histórias sobre as mesmas.

Depois de deixá-la à vontade e verificar se estava confortável na poltrona escolhida, fiz meu primeiro rabisco: peguei uma prancha aleatoriamente e lhe entreguei. Era a *moça jovem*. Ela hesitou, franzindo a testa e, depois de um esforço evidente de concentração, tentou concatenar uma história:

Para mim sugere assim, um momento de descontração, *tipo assim*, contemplativo, sabe? Bem *zen*, as bijuterias que *tá* usando... Uma história, tipo: *talvez uma pausa assim para descanso, tem alguma coisa a ver com praia, praia mas ao mesmo tempo em que ela tá vestida, tá numa festa, talvez um final de festa, recordando algo que aconteceu*. E assim... deixa eu ver o que mais.... ela tem um semblante super calmo, calma e decidida, definida, mais ou menos uma coisa desse tipo. O que mais que eu imagino aqui? Acho que é mais por aí, *tipo...dá uma impressão disto mesmo, de uma pessoa no final de uma festa, deu uma parada tipo relax mesmo, e... imaginando, assim, tá num momento dela, num momento de introspecção*. Eu acho que ela deve ser uma coisa *tipo* uma empresária, uma *free-lance*, até pela própria vestimenta, *tal*, eu fico imaginando algo assim, mas imagino assim uma pessoa,

assim definida, sabe? Eu acho que ela faz o que ela quer, profissional e até sentimentalmente, sabe? Madura. Não sei se estou te ajudando, acho que vai até ser bom porque eu vou começar...

Falsos Brilhantes

SEMANAS DEPOIS, LIGO O GRAVADOR. OUVINDO A MOÇA ZEN, SURPREENDO-ME COM AS DERRAPAGENS EM SUA IMAGINAÇÃO. ELA GAGUEJA, CONFUSA, ENQUANTO DESCREVE UMA FIGURA TRANQUÍLA E RESOLUTA, UMA PESSOA QUE, AO RETORNAR DE UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA, RETRAI-SE BUSCANDO UM MOMENTO INTROSPECTIVO. A SEGUIR, A SEGURANÇA E INDEPENDÊNCIA ESPRAIAM-SE E A MOÇA DA GRAVURA É DESCRITA COMO *FREE-LANCE*, ALGUÉM QUE, TAMBÉM PROFISSIONALMENTE, POSSUI AS RÉDEAS DO DESTINO EM SUAS PRÓPRIAS MÃOS. EM SUAS PALAVRAS IDENTIFICO ECOS DE SUA DÚVIDA PRIMEIRA, DELINEADA JÁ AO TELEFONE: *EU SIRVO PARA VOCÊ?* ELA ESBOÇA UM SORRISO INSEGURO, BASTANTE DIVERSO DA COMPOSIÇÃO DE SUA PERSONAGEM, COMO SE ESPERASSE DE MIM UMA RESPOSTA: *SERIAM SUAS PRODUÇÕES DE ALGUMA VALIA, RARAS JÓIAS OU SIMPLES BIJUTERIAS?*

Com a prancha ainda entre os dedos, ela permanecera em silêncio, parecendo visitar um tempo ou lugar distante. Eu a acompanhei, calada. De repente, a *Maratonista* ergueu os olhos e começou a contar-me a dúvida que permeou seu ingresso no curso superior. À época, oscilava entre cuidar do *físico* ou da *alma*, abandonando as duas opções por reconhecido despreparo teórico. Apesar de ter retornado dos Estados Unidos, onde passara uma temporada de seis meses, julgava-se inábil em línguas, que nunca foram o seu forte. Quando me indaga se a havia entendido, considerei correta sua apreensão: de fato, havia nela uma enorme dificuldade em se

comunicar, organizar e transmitir seus sentimentos, dando-me a impressão de necessitar de um intérprete especializado para lhe traduzir as falas. Refleti que, por um lado, a viagem para o exterior reforçara sua independência, segundo cria, mas, por outro, foi sob a influência de uma amiga de infância que ingressou na Faculdade de Letras. O trajeto intensificou sua percepção de que não bastava compreender o idioma estrangeiro, apenas, mas que o alcance global do conhecimento exigia uma espécie de talento que algumas pessoas possuem e outras, não. Como ela disse: “*não é só traduzir, você tem que entender um pouco o processo*”. E o processo – pensei, embalada por sua narrativa – permanece um grande mistério para a Maratonista.

Sua passagem de cinco anos por um curso superior é sintetizada numa frase: *aí, eu fiz e tal* e o patamar seguinte – ingresso na carreira profissional – é tido como um *golpe de sorte* que pouca satisfação lhe traz, pois é uma decorrência do despreparo mencionado.

Como ela é apartada de si, exclamei para mim mesma! Tudo lhe é externo, fazendo com que até sua expressão em primeira pessoa seja desconcertante, pois ali não parecia habitar um *eu*. Minha curiosidade foi instigada pelos elementos que ela ofertava, como as contas dos colares por ela montados outrora: a cor de sua insegurança, os tons de uma estima titubeante, as nuance desbotadas de um querer próprio.

CONCLUINDO A TRANSCRIÇÃO DESTA PRIMEIRA NARRATIVA, ENCONTRO NOVAMENTE, EM MINHA IMAGINAÇÃO, A FISIONOMIA SERENA DA *MARATONISTA*. RECORDO SEU PROFUNDO SUSPIRO, COMO SE DESPERTASSE DE UM SONHO. REAVIVA-SE EM MIM SEU RELATO ENTRECORTADO DE HESITAÇÕES E FRASES FEITAS, PRÓXIMAS AO LINGUAJAR ADOLESCENTE.

Naquele momento, quando ela esticou o braço para devolver-me a prancha, aproveitei para oferecer-lhe a seguinte: *A família*.

Aqui me passa assim: uma família feliz, *tal*, um pai super contente com a filha, o *filho* (no caso é a filha, né?) e....*tipo assim, curtindo aquele momento, os três juntos, observando a beleza da filha, o sorriso, o semblante, sabe? Super puro, a alegria da criança, um casal assim que eu acho – um casal seguro, do lado afetivo, imagino assim.*

Eu para histórias sou péssima, sempre fui, as crianças quando pequenas eu inventava: hoje eu vou contar uma historinha – eu nunca gostei assim, de contar Chapeuzinho, sabe aquelas histórias profissionais? Então eu inventava, mas eram umas histórias muito...coisas do dia a dia, eu adoro ver...eu observo muito as pessoas na rua, só que, às vezes, aquilo me leva longe, mas eu adoro gente, curto mesmo.

Eu acho assim: ela me dá impressão, os dois assim, bem realizados profissionalmente e eles estão transmitindo essa segurança para a filha e... estão curtindo esse momento aí, essas descobertas dela, parece que ela está com uma máquina fotográfica pendurada e... Acho que é mais ou menos isso.

Flashes de Esperança

OUÇO OUTRA VEZ SUA SEGUNDA HISTÓRIA, DISPOSTA A DIGITÁ-LA. SEU EVIDENTE ENCANTO FRENTE À ESTAMPA DO GRUPO ENTRETEM-ME, PORÉM, POR ALGUNS SEGUNDOS: QUER DIZER, ENTÃO, QUE A REUNIÃO FAMILIAR É ALGO MUITO IMPORTANTE PARA A *MARATONISTA*? ALÉM DE REUNIR OS DOIS ADULTOS E A MENINA NESSE CONTEXTO, ELA OS CIRCUNDA DE UMA RADIANTE AURA DE FELICIDADE E ADJETIVOS, HIPER VALORIZANDO SEUS ATRIBUTOS DE TAL FORMA QUE UMA SUSPEITA SE INSINUA EM MEUS PENSAMENTOS, CAPTANDO UMA COMUNICAÇÃO TOTALMENTE ANTAGÔNICA, PARA MIM, ALUSIVA A UM VÍNCULO AFETIVO IMATURO E INFELIZ. À MEDIDA QUE ESCREVO, RECUPERO NA LEMBRANÇA SEU FUGAZ SORRISO, QUANDO, PERCEBENDO TER MENCIONADO *O ENCANTO DO PAI COM O FILHO*, FAZ UMA ENVERGONHADA CORREÇÃO. PENSO, ENTERNECIDA, NOS TRAÇOS DE DESESPERANÇA QUE PODERIAM ESTAR AÍ CONTIDOS: UMA FUNÇÃO DE PAI DESLEIXADA, O DESEJO CALADO DE GERAR UMA FILHA, UMA TRISTE MENINA LOIRA DESAPONTADA: ILUSÕES DESFEITAS QUE O ROSTO MADURO E DE APARÊNCIA PACATA CAMUFLA.

Histórias de Carochinha

OBSERVO, NAS ENTRELINHAS DE MINHAS ANOTAÇÕES, O MOVIMENTO DA *MARATONISTA*, PARTINDO DE UMA NARRATIVA CONCISA DA PRANCHA PARA UM RELATO AFEITO À SUA PRÓPRIA VIDA.

Ela começara outra história, que me reportou aos tempos de minha meninice. Quando eu esperava ansiosamente as tardes para, com os olhos cintilantes de fascínio, assistir ao meu programa predileto no único canal existente, *O sítio do pica-pau amarelo*, quem se lembra? No auge das aventuras, interrompia-se a transmissão, surgindo a figura de um narrador,

caracterizado como Monteiro Lobato. Rápida e exemplarmente, ele resumia o conteúdo apresentado e espicaçava a curiosidade das crianças anunciando algumas das peripécias que dariam continuidade ao enredo no dia seguinte. E, jamais poderei esquecer o tom de sua voz quando, no momento em que eu mal sustinha o fôlego para ouvir o restante da história, ele anunciava: *mas esta é uma outra história, que fica para uma outra vez...*

Reconheci o quão viva ainda era esta lembrança enleada em minha memória. Minha acompanhante daquela tarde, ao contrário, aludiu uma total inabilidade para tecer histórias. Ela justificou-se, deslocando-se para o tempo da infância de seus filhos, lembrando as *historinhas* que lhes contava, pequenas criações que continham pouca magia, pois seu conteúdo era, quando muito, uma paródia do cotidiano. O relato fantástico da fábula de *Chapeuzinho Vermelho*, no qual os animais e coisas têm qualidades e limitações humanas, foi desqualificado por ela, preferindo agarrar-se firmemente à realidade que a circundava, negando, por extensão, às suas crianças, o contato com o reino do faz-de-conta e das brincadeiras.

MAS, QUE ESPÉCIE DE REALIDADE ESTÁ SENDO REFERIDA, PENSO EU, E DE QUE
FORMA PODERIA SERVIR-LHE DE AMPARO?

Enveredo por um atalho e entro noutra plano narrativo,⁸⁰ dirigindo-me às elaborações de Winnicott (1971c/1975), à procura de sustento para minhas interrogações.

⁸⁰. Julgo oportuno salientar que, ao utilizar a expressão *plano narrativo* estou enfatizando meu entendimento da teorização como atividade que se faz pela descoberta/invenção dos múltiplos aspectos do fenômeno humano sendo, nesta medida, ontologicamente semelhante às narrativas propriamente ditas.

Dialogo com o artigo que aborda justamente o cerne de meu desassossego, ao nomear os quesitos necessários para o livre trânsito entre o brincar e a realidade. Embora não pretenda aprofundar por ora esta questão, não posso deixar de evidenciar neste contexto que, segundo o postulado winnicottiano, o brincar é uma aquisição altamente sofisticada, cuja possibilidade de fruição vincula-se a uma série de provisões adequadas do ambiente, nos primórdios do desenvolvimento infantil.⁸¹ Da mesma forma, o contato com a realidade, nos estágios iniciais, é intermediado por uma mãe *suficientemente boa*, que apresenta o mundo ao bebê em doses adaptadas à sua necessidade, proporcionando tanto a ilusão, como a desilusão imprescindível ao desenvolvimento. Sucessivas falhas ou descompassos neste suprimento fundamental contribuirão para um manejo falho da realidade e, evidentemente, provocarão fissuras na constituição da criatividade originária, deixando marcas que influirão, de forma mais ou menos intensa, nos relacionamentos afetivos futuros.⁸²

DEPOIS DE MINHA PEQUENA VIAGEM, RETOMO À *MARATONISTA*.

⁸¹. *O brincar e a realidade*, Cap. III e IV, 1971c/1975, p. 59-93.

⁸². O leitor poderá encontrar uma expansão deste tema, entrelaçado a uma hipótese acerca de determinadas modalidades de vínculo amoroso, no artigo *O amor violenta: dom de iludir* (FERREIRA, J. C., VAISBERG, T. J. J. A., 2003b). Em outro trabalho, também derivado de minhas pesquisas sobre o sofrimento amoroso de mulheres, debrucei-me sobre as histórias de duas das primeiras pacientes da psicanálise (Anna O. e Emmy Von N.), para apresentar, à luz de contribuições contemporâneas, uma reflexão sobre os alicerces de sua constituição subjetiva (2002).

Ela também, num processo semelhante, acabara de recobrar o fio da narrativa, após debruçar-se em antigas reminiscências. Voltando-se para a gravura, apresentou outra vez o par original, exaltando a segurança e a realização profissional, tão significativa para si. Como se nada fosse, passou a destacar mais um qualificativo desses pais devotados, a capacidade de partilhar as novidades que a filha encontra no mundo.

Diverti-me refletindo sobre um curioso entrelaçamento que me ocorreu a partir da visão da máquina fotográfica no peito da criança, rente à presumida sede dos sentimentos. Quem sabe, a *moça-carochinha* estivesse aprendendo a brincar e a sonhar num espaço potencial, contando-me o início de uma história sobre um disparador de *descobertas*, aspectos de sua vida emocional que, como um negativo ao ser revelado, oferece imagens inéditas perante seus olhos? Como a menina, ela carregava no coração uma *máquina* que fotografasse as cenas da vida, registros que, ao serem compartilhados, poderiam fecundar-se de novos significados.

Meninos dos Olhos.

RESTA AINDA UM TRECHO PARA OUVIR. DISPONHO-ME À TAREFA E LIGO O GRAVADOR. AO OUVIR A FITA GIRANDO POR ALGUNS MINUTOS SEM A EMISSÃO DE SOM ALGUM, SOBRESSALTO-ME RECEANDO POR UM PROBLEMA TÉCNICO. LOGO A SEGUIR, ENTRETANTO, OUÇO-A NARRANDO OUTRO EPISÓDIO DE SEU PASSADO. CURIOSAMENTE, REPETIRA-SE O MOVIMENTO PRECEDENTE. ELA SE CALARA POR INSTANTES, REGRESSANDO AO MOMENTO DE CONSTITUIÇÃO DE SUA FAMÍLIA, COM A CHEGADA DOS BEBÊS.

Passados quatro anos de vida em comum, dividindo-se entre trabalho e vida doméstica, ela engravidou de seu primeiro filho, hoje com 19 anos e, ainda na fase de *resguardo*, prestes a retornar ao trabalho, gestou uma nova criança, atualmente com 18 anos. Os dois filhos pequenos impediram-na de reassumir seu posto, embora tentasse por alguns meses, por insistência do marido.

Abandonou o trabalho a seguir, dedicando-se com exclusividade ao cuidado dos filhos e da casa, o que lhe deixou *agoniada*, sentimento cuja origem a *Maratonista* atribuiu à cobrança excessiva da sociedade e, em menor escala, a uma pressão interna para exercer uma atividade. A angústia, contudo, pareceu-me estar intimamente associada à ausência constante do marido, que não somente se afastava em decorrência de viagens de negócios, mas se furtava ostensivamente das funções de pai e companheiro, alegando extrema fadiga, nos finais de semana de folga. Nesta outra história, emergiu um novo contraste, ela me apresentou uma realidade bastante divergente daquela que habitava seu imaginário, no qual residia um casal super contente, com uma filha e recursos suficientes para valorizar o momento. Fui tomada por um sentimento de que os temas da estabilidade e realização, que aqui e ali despontaram outra vez, poderiam apontar para uma existência em desequilíbrio. Em contraposição à prodigalidade da felicidade relatada, ela me expunha um cotidiano esvaziado de sentido, ocupado, durante muitos anos, não por uma criança loira sorridente, mas sim por dois filhos de idades muito próximas, que lhe exigiam demasiada atenção, sem poder contar com o auxílio do marido.

INTERROMPO, POR UM PERÍODO, MEU ENCONTRO COM A *MARATONISTA*. DIAS DEPOIS, REASSUMO A TAREFA E, ANTES DE QUALQUER COISA, RELEIO MEUS REGISTROS MAIS RECENTES E TENHO A IMPRESSÃO DE ESTAR AGORA DIANTE DE *OUTRA MULHER*, MENOS ANÔNIMA. SEU GESTO, OFERECENDO-ME UMA LONGA NARRATIVA, ATESTA UMA GRANDE CONFIANÇA E ME FAZ RECORDAR UMA SÁBIA EXPRESSÃO DE DOMÍNIO COLETIVO: ELA *DESFIOU O ROSÁRIO*... TAL ATITUDE PENSO EU, ESPERA MÍNIMA RETRIBUIÇÃO. FICO CÁ A IMAGINAR QUAL SERIA A MOEDA CORRENTE PARA UMA RECOMPENSA. PENSATIVA APERTO O BOTÃO DO GRAVADOR, PREPARANDO-ME PARA AS SUAS ASSOCIAÇÕES À TERCEIRA FIGURA, *O HOMEM SÓ*.

Aqui eu imagino assim: *tipo um homem com uma grande amargura nos olhos, um semblante meio cansado e meio agoniado, mas eu acho que os olhos fundos também já dão uma impressão de uma pessoa mais...quer dizer, nem sempre isso, nem sempre acontece isso, mas quando olho uma pessoa com os olhos fundos, sabe? Dá uma impressão de uma certa angústia, né? Uma pessoa pensativa... É isso, eu imagino ele pensando em alguma coisa, com uma certa tristeza, sabe? Que mais? Um rosto bonito até, assim – eu curto rugas, sabe? Marcas de expressão, aqui não aparenta, mas eu acredito que tenha, pelo semblante não é uma pessoa tão jovem e...eu falo esse negócio de marcas de expressão porque a pouco tempo eu coloquei *botox*, já faz uns quatro meses, aí eu olhava no espelho e me dava uma aflição! – porque eu tenho uma ruga aqui do lado, qualquer preocupação enrugava toda essa lateral, aí eu resolvi colocar o *botox* para tirar, para amenizar um pouco essa ruga, aí o sorriso parecia que não dava continuidade *assim*, sabe no sorriso, - essa coisa de expressão. Não dá para tirar. É um processo de envelhecimento que é interessante também. Quer dizer, então aqui... É um homem bonito, *tal*, me dá a impressão é isto, que ele *tá* meio triste, com uma certa angústia, uma pessoa um pouco solitária. As minhas historinhas não são...*

Rugas de Impressões

Da fisionomia masculina, a *Maratonista* ressaltou os olhos: fundos e agoniados fizeram-na imaginar alguém enlaçado em tristes lembranças, responsáveis por *marcas de expressão*. Fiquei a pensar nos vestígios das mais diversas vivências que habitam o ser, nos sinais que exprimem dores e alegrias, traçando sulcos na pele, sutis indicadores dos sentimentos que perpassam a alma. Como se respondesse aos meus pensamentos, ela relatou sua tentativa de camuflar com *botox* as marcas do tempo, as *expressões* de seus sentimentos e ocultar os sinais de preocupação. Contudo, descobriu, ao se fitar no espelho, que também haviam desaparecido as evidências de sua felicidade: o sorriso modificou-se com o estiramento da pele, perdendo a naturalidade, sua imagem agora era estática, a face lisa pouco transmitia as emoções vivenciadas. A *Maratonista* apreendeu, com sua experiência, que *não dá para tirar* apenas as marcas alusivas à dor. Ao preencher com *botox* as linhas do rosto, desapareceram igualmente as *marcas de expressão* felizes, os traços de seu percurso existencial – até mesmo seu riso é interrompido. Aí está, reconheci subitamente, um emblema de sua paralisia existencial: o implante de *botox* é um símile da suspensão de sua continuidade de ser, dos movimentos próprios à existência, da natural sucessão dos dias, dos fatos e das emoções que se traduzem na fisionomia e no corpo. Afetado este ritmo, alterou-se, indubitavelmente, seu sentimento de pertencimento ao mundo, o espelho passou a apresentar-lhe um rosto hirto e sem vitalidade. Uma

imagem que, negando a passagem do tempo, mascara a morte e embota a vida.

Na seqüência imediata, apresentei a quarta prancha, onde se vêem alguns *operários* da construção civil.

Vamos ver aqui – eu imagino um pessoal de construção, *eles estão no meio de uma obra, de repente aqui, tem alguma coisa de alvenaria, então eles estão no meio de uma obra, aí de repente, assim, analisando algum cálculo, está meio apagado, mas acho que seria mais ou menos isso, dando uma olhada em alguns detalhes de segurança, todos equipados com coisas de segurança, pelo menos capacete, e pelo olhar assim não seriam peões, seriam mais engenheiros da construção civil, pela própria postura, pelas mãos, pelo relógio.* Esse aqui, talvez, seja mais um peão, não tá dando para ver, ao mesmo tempo em que parece que está lavando alguma coisa com uma escovinha, acho que é, mas...Não sei se seria, não é bem uma espuminha, dá uma impressão na hora, mas acho que seria isso: um pessoal de uma construção civil, os engenheiros analisando uma planta e *tal* e o *peão* que *tá* alheio à discussão dos dois, porque ele está fazendo seu trabalho, absorto, não está assim, não se envolve com os outros dois. Então, acho que desse aqui, não imagino muito mais do que isso não. Bem... Eu *tava* imaginando porque aqui parece *tipo* madeira aqui, né, e aqui não sei se seria areia, parece areia aqui, mas...Não sei. Acho que é isso.

Arranha-Céus

ENQUANTO ESCUTO SUA VOZ NARRANDO A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO, NÃO POSSO EVITAR PENSAR COMO A TRISTE FISIONOMIA MASCULINA DA PRANCHA PRECEDENTE, REFLETINDO ANGÚSTIA E SOLIDÃO, ABALOU-A. NO FUNDO DOS OLHOS AMARGURADOS, ELA DISTINGUIRA TRAÇOS DOS DRAMAS EXISTENCIAIS: A PASSAGEM INEXORÁVEL DO TEMPO, AS TRANSFORMAÇÕES DO CORPO E DA ALMA, A FINITUDE. BUSCANDO REIMPLANTAR O EQUILÍBRIO DE SUAS EMOÇÕES, A *MARATONISTA* PROCUROU ALGUM ARRIMO, APOIANDO-SE NA BASE SÓLIDA, FEITA DE ALVENARIA. MOVIMENTA-SE EM TERRITÓRIO FAMILIAR: A LINGUAGEM TÉCNICA DA ENGENHARIA E DOS CÁLCULOS.

Com sua frágil estrutura ameaçada, apegou-se aos *detalhes de segurança* que pudessem lhe propiciar o sentimento de retorno ao seu habitat cotidiano ou às marcas identificatórias de sua constelação ordinária, na qual as pessoas são reconhecidas por intermédio dos objetos. A postura, as mãos, o relógio são símbolos de *status* que lhe permitiram uma discriminação entre o operário e o engenheiro. Ao final, algo no desenho capturou a sua atenção, de maneira insólita. Debruçando-se sobre a prancha, com a fisionomia alterada, arqueou o sobrolho num esforço de concentração para desvendar algo que só lhe era perceptível. No término da atenta análise, revelou o motivo de sua estranheza. A figura do *peão*, difusa na prancha, parecia estar *lavando* algo, com uma *escovinha* ou uma *espuminha*, mas não conseguia identificar o quê.

Respirei fundo diante da aglomeração de minúcias, deste excessivo apego aos pormenores. Procurando um sentido para este enredo, fui tomada

por uma sensação de vertigem que me conduziu a pensar nas *diferenças* ou aspectos desconhecidos de seu *self*, associados à figura do *peão*. Pensei como a falta de recursos, a luta diária para a sobrevivência e a pesada labuta permaneciam apartadas de si, coisas que, embora despertassem sua atenção, mantinham-se como formas indistintas. Ela insistia na narrativa do *peão*: de como ele, abstraído do entorno, das discussões técnicas de análise da planta, persistia, com utensílio não identificado, *com sua atividade de lavagem*, limpeza de algo que ela também não podia avistar. Novamente, fui reportada ao delineamento de questões cruciais de sua existência: a possibilidade de perseverar num determinado projeto, de se manter concentrada em algo significativo para si, embora não sendo reconhecível como tal pelo outro. Ela sublinhava e valorizava essa capacidade do *peão*, da qual se reconhecia destituída e que – eu mantinha em pauta – era uma variante de seu questionamento inicial. Era como se ela repetisse, de maneira insistente, a cada oportunidade: *eu sirvo para você?*

RECOSTO-ME NA CADEIRA, AFETADA POR ESTE NOVO CONTATO COM A *MARATONISTA*. LEMBRO-ME, DE INTRIGADA POR SUA INSISTÊNCIA EM UM PEQUENO DETALHE DA FIGURA, TER TENTADO LOCALIZAR O FOCO DE SUA TAMANHA CURIOSIDADE. MINHA PERGUNTA SUSCITARA UMA ASSOCIAÇÃO, VINCULADA AOS TIPOS DE MATERIAIS PASSÍVEIS DE SEREM UTILIZADOS NA FUNDAÇÃO DE UMA OBRA, ADENSANDO OS QUESTIONAMENTOS DA *MARATONISTA*. AVENTURO-ME A PENSAR QUE NESTE MÍNIMO FRAGMENTO BROTAM ELEMENTOS RELATIVOS AOS TIPOS DE *TERRENO* SOBRE OS QUAIS PODE SE CONSTITUIR UM INDIVÍDUO, SOLO FAVORÁVEL OU IMPEDITIVO AO DESENVOLVIMENTO DE CERTAS POTENCIALIDADES. OS ALICERCES SERIAM DE SÓLIDA MADEIRA, RESISTENTE AO PASSAR DOS ANOS E ÀS INTEMPÉRIES, CONJECTURA A *MARATONISTA*, OU ESTARIAM SENDO ERIGIDOS SOBRE SOLO

ARENOSO, UMA BASE MOVEDIÇA E FRÁGIL QUE MAL SUPORTARIA A ESTRUTURA DO EDIFÍCIO A SER ERGUIDO? A MENINA ZEN COMEÇA A MEDITAR SOBRE SUA EXISTÊNCIA.

Ambiências Ilusórias.

A pós a narrativa da construção, fizemos uma pausa, para um suco gelado e um café, na tarde tépida. O olhar da Maratonista vagueou por meu espaço, destacando alguns objetos: um quadro com um trem, o vaso de flores, os muitos livros na estante.



Mencionou sua família e um sentimento de solidão, contando que todos sempre moraram numa cidade do interior de SP, o que a fez permanecer muito isolada. Espontaneamente, compartilhou mais um tanto de sua vida. Repetiu, com maior riqueza, as informações fornecidas ao telefone, desta feita vinculando a sua decisão de confeccionar bijuterias, nos moldes da atividade profissional de sua mãe, a uma tentativa de aproximar-se dela, por intermédio desses adereços. Aos poucos, seu ambiente doméstico foi se tornando acanhado para abrigar a produção e os meninos, apesar de um pouco mais crescidos, atrapalhavam sua rotina produtiva. O fator financeiro foi outro agravante: as peças tornaram-se cada vez mais sofisticadas, implicando num maior investimento e inviabilizando a comercialização de seu produto. Aos poucos, revestindo-

se de couro e de peças importadas, suas bijuterias haviam se transformado quase em jóias. Em contrapartida, ela, como a Gata Borracheira, tinha as mãos lanhadas, o sono interrompido, o cansaço sempre vigilante e os bolsos vazios.

Deu um basta e notou uma súbita melhora em seu estado geral, um certo apaziguamento, percebendo que buscava atender mais às exigências alheias referentes a uma ocupação profissional, do que a si mesma.⁸³ Resolveu arrumar a casa, sempre gostou de ter tudo em ordem, afinal – como afirmou diversas vezes – sua ociosidade era apenas aparente, pois de fato, a azáfama diária ocupava-a quase inteiramente, não necessitando de nenhuma atividade adicional.

Frente às suas enfáticas declarações, não pude impedir-me de imaginar⁸⁴ quão vazia era sua existência, dando-me a impressão de que a acomodação em uma casa perfeitamente ordenada, de sofás bem dispostos, esvaiu a frágil pulsação de sua vida. Penso que ela abandonou não apenas a atividade, mas aspectos subjetivos importantes seus, que diziam respeito ao manuseio de artefatos valiosos. As peças resultantes despertavam o desejo das pessoas de adquiri-los e usá-los como adorno. Tudo isso foi engavetado e a sua utilização postergada para realização futura, adiamento

⁸³. O alívio da *Maratonista* levou-me à suspeita de que sua atividade criativa se desse no contexto da submissão, base que, segundo Winnicott “é doentia para a vida”. Para o autor, qualquer criação – seja ela uma escultura, um poema ou um trabalho científico – relaciona-se ao sentimento de *estar vivo* e sentir-se real. Neste enfoque, nem sempre uma obra de arte é expressão genuína de criatividade, ao contrário, pode ser resultante de uma profunda dissociação (WINNICOTT, 1971f/1975, p. 95-120).

⁸⁴. Convém sublinhar que, na perspectiva adotada, o *imaginar* pode ser entendido como uma criação/encontro de um âmbito do viver da *Maratonista* e ser utilizado como fonte de *conhecimento que, inclusive, venha a coincidir com as suas próprias experiências*. Este *saber*, contudo, em nada se assemelha ao intelectual.

justificado pelas mais variadas razões, da impossibilidade financeira à dedicação aos meninos.

Ao reportar o momento atual, com os filhos crescidos, porém, suas desculpas tornam-se mais disparatas, uma vez que os *meninos* dispensam seus cuidados, um deles já está com uma *ficante* mais permanente e ela se assombra com o comentário do marido que expressa sua tristeza pelo fato do filho estar crescido. Ela, ao contrário, diz-se muito feliz por saber que alguém gosta de seu filho, mas, em seu discurso algo soou falso para mim, como se fosse apenas a repetição de um *slogan* de marketing, uma enganosa propaganda de si que desejava comercializar. Contudo, minha experiência emocional era bem outra: quanto mais ela preenchia o espaço com uma fala ininterrupta, mais nítido se tornava para mim o vazio que anuviava sua existência.

O tédio se insinua na indefinição de seus objetivos e na inconsistência de seus argumentos, compatíveis à de um jovem vestibulando de 18 anos, nas vésperas das provas. Ela parece mesmo se igualar aos *meninos* que estão indo para faculdade, constatação que a faz desejar retomar seus estudos, agora numa área próxima à sua performance de maratonista. Seu intuito principal, porém, é o de relacionar-se com as pessoas, o convívio e não os estudos. Ela admite ter escolhido a carreira de maneira equivocada, o trabalho de tradução equivalia, para ela, a um aflitivo solilóquio, por demais monótono, quem sabe em função de ignorar qual o idioma de seu próprio *self*? O isolamento contém um caráter por demais cruciante e a *Maratonista* confessa necessitar sempre de pessoas à sua volta.

SUSPENDO A NARRATIVA PARA ESTABELECEER UMA INTERLOCUÇÃO COM WINNICOTT, LEMBRANDO QUE PARA ELE A CAPACIDADE DE FICAR SÓ DECORRE DA CONJUGAÇÃO DE VÁRIOS FATORES. UM DELES, PORÉM, É INDISPENSÁVEL PARA O SURGIMENTO DESTA CAPACIDADE: "... A EXPERIÊNCIA DE FICAR SÓ, NA PRESENÇA DA MÃE" (1958-1983/1990, p. 32).

Para que isto ocorra, duas outras situações contribuem: a proteção de um meio circundante protetor, representado por uma mãe voltada para seu filho e atenta às suas necessidades e, por parte do bebê, a apreensão continuada de *permanência desta mãe*. Apenas assim será facultado à criança conceber um *eu estou só*, percepção viabilizada por intermédio da consistência materna, que tornará possível a fruição da experiência de estar só, durante intervalos circunscritos.

Um olhar devotado é fundamental para a constituição do psiquismo humano e para que, gradualmente, a psique pode se alojar no corpo do pequeno ser. Safra (1999) aborda com sensibilidade este estágio do desenvolvimento:





... Ocupar um lugar no mundo é ocupar um lugar na vida do outro. Somente a partir desta experiência é que o olhar poderá se voltar para o mundo com curiosidade e desejo. (...) De posse de um corpo que foi significado pela presença do outro, a criança dispõe de vida imaginativa, que lhe possibilita ocupar o vazio da ausência do outro com a sua capacidade de sonhar (p. 80).

REPASSO TODAS AS INFORMAÇÕES E, MEDITANDO SOBRE OS FALSOS ELOS QUE LIGAM A *MARATONISTA* À SUA VIDA, SOU REMETIDA DE VOLTA AO SENTIMENTO DE VACUIDADE PRESENTE EM SUAS COMUNICAÇÕES E PERGUNTO-ME: AFINAL, QUE ESPÉCIE DE MUNDO PODERIA TER LHE SIDO APRESENTADO, QUANDO BEBÊ? PENSO NO TÍTULO QUE ESCOLHI, INSPIRADA POR MINHAS ASSOCIAÇÕES ANTE AS NARRATIVAS DESTA PRANCHA E NA TENDÊNCIA NATURAL DO SER HUMANO AO DESENVOLVIMENTO, DESDE QUE LHE SEJAM OFERECIDAS CONDIÇÕES FAVORÁVEIS.

SENSIBILIZO-ME, TOCADA PELA LEMBRANÇA DA *MARATONISTA* QUE, COM O SUPRIMENTO ADEQUADO, PODERIA TER CONSTRUÍDO ARRANHA-CÉUS, MAS LIMITA-SE, QUANDO MUITO, A ESBOÇAR TOSCAS CHOUPLANAS, QUE SE TRADUZEM COMO MERAS REPRODUÇÕES DE UMA REALIDADE INSÍPIDA. ENVOLVIDA NA CANDÊNCIA DESTAS LEMBRANÇAS ENCONTRO-ME COM O QUINTO RELATO.

A prancha entregue à *Maratonista*, na seqüência, é a *Reunião I*, que apresenta um grupo de várias mulheres e apenas um homem.

Aqui, eu acho que seria uma reunião em uma empresa, né? Por sinal, predominância de mulheres, até, com ...Na hora, *assim* pensei que fosse um banco, uma mesa, *tipo* ... Interessante que tem um homem só, mas não dá idéia de que ele esteja conduzindo essa reunião, acho que elas são um pouquinho mais atuantes do que ele, então acho que ele está participando só, parece até da *Avon*, porque a *Avon* continua só com mulheres, né? Mas *assim*,...De repente, pode até ser da *Avon*, né? De executivas, *assim*, todas *assim*, me dão a impressão de estarem *assim* conscientes de seu papel, bem resolvidas, talvez eu esteja falando tudo *assim* porque como eu não tenho esse meu lado resolvido profissionalmente, então eu sempre admiro sempre as mulheres, tenho *assim* todos que conseguem conduzir os dois lados profissionalmente e então, eu...deixa eu ver o que mais? Uma sala *assim*, uma sala *assim* pequena parece, sem plantas, ahnn,,, *tá* faltando umas plantinhas aqui, algum verde, sei lá, muito *clean*, *tal*, mas é como se estivesse num momento final de uma reunião, imagino que nesse final as coisas já estão mais ou menos concluídas, é como se alguém estivesse mostrando a conclusão, e que cada um já soubesse o papel a desempenhar nesse projeto. E...e o homem parece que está *tipo* mais, é o que falei, não imagino que ele *tá* conduzindo *assim* – não sei, pode até ser que esteja, mas *assim* ele *tá* mais de ouvinte, entendeu? E...Deixa eu ver, a que está em pé aqui, ela está *tipo*...Dando as coordenadas, *assim*, querendo saber o que cada uma concluiu, mais ou menos isso que eu vejo.

Avon chama... O "Toque" do Despertar.

Presenciando a elaboração da história, fui reportada ao antigo *slogan* e à campanha que, soando à porta das donas-de-casa, chamava-as para o mundo dos cosméticos e, poderia me arriscar a dizer, retirava-as de sua lida doméstica *maquiando* por momentos a mesmice de sua existência. Para quem não assistiu aos comerciais, vale dizer que a empresa preserva até hoje sua característica original, com a preponderância de mulheres liderando em todos os seus quadros. Atenta à narrativa da *Maratonista* na qual se releva a presença feminina, foi-me impossível descartar a probabilidade, em virtude de nossa contigüidade temporal, de que um registro semelhante circulasse também no imaginário dela, evidentemente, colorido por sua singularidade.

As pessoas figuradas, mulheres em sua maioria, liderando um encontro profissional, açularam seu velho desejo irrealizado, uma almejada estabilidade pessoal e profissional, para ela um sonho intangível. Para o elemento masculino a *Maratonista* reservou uma posição subalterna, ao passo que as componentes da equipe eram *bem resolvidas* e admiráveis por essa autonomia em relação ao próprio destino. Contudo, é inegável que esse enaltecimento rompe um padrão socialmente adequado reinante no imaginário coletivo, provocando que ela, a seguir, iniciasse uma crítica sutil, ressaltando, no ambiente, a ausência de cuidados que deveriam ser de incumbência das mulheres, falta verde e vida no lugar, *o toque feminino* está ausente e a função da mulher, desguarnecida. Estabeleceu-se um interessante movimento, pois, por outro ângulo, ela exaltava qualidades

usualmente valorizadas como *masculinas*: assertividade, autonomia e poder de decisão, transpondo-as para as mulheres.

Espaços Inabitados.

Considerando o quadro apresentado, refleti sobre a trajetória desta mulher. Cri identificar, nas entrelinhas desta narrativa, uma espécie de queixume infantil, impróprio à sua atual condição. Ela parecia sutilmente cobrar do ambiente externo uma oportunidade que lhe fora negada em algum momento, como se tivesse *perdido o bonde* e permanecesse descarrilada de sua própria vida.

Abandonando sua atividade profissional para se dedicar ao lar e aos filhos jamais pôde retomar esse seu *lado*, questionando-se, com assiduidade, sobre a validade de sua escolha e de sua atuação no mundo e, principalmente, gerando uma dúvida permanente sobre sua *serventia*. A *Maratonista* demonstra acreditar que só aquele que produz objetos e coisas compatíveis com as exigências mercadológicas ou exerce atividades valorizadas pelo *status quo* teria algo a oferecer, experiências dignas do interesse alheio. Nessa perspectiva, ela, circunscrita a seu estreito círculo existencial, pouco ou nada possuiria a ofertar. Sob esta ótica, considerei que meu convite inquietara-a, suscitando um estado emocional que oscilava entre *o desejo de servir* e *o temor de não servir*, questionamento íntimo que talvez assim se pudesse traduzir: *teria ela algo proveitoso a dizer sobre as mulheres da época contemporânea?* Desalojada desta condição, não pôde habitar um tempo próprio, nem um espaço existencial confortável, a partir do

qual pudesse se pronunciar. É ainda uma menina, às vésperas do vestibular, em dúvida quanto a cuidar do físico ou da alma. Estes aspectos dissociados parecem germinar, à espera de um ambiente propício à sua integração.

Desvinculei-me, de meu pequeno solilóquio, gerado pelas ressonâncias emocionais de suas confidências. Retomei à narrativa da *Maratonista*. Ela prosseguia contando como era usual seu jeito de moleca despertar a atenção das pessoas durante suas corridas matinais. No percurso avistava muita gente no parque que a saudava alegremente e eu pensei o quão lhe era importante a preservação destes aspectos infantis – mas não inseqüentes – como ela, apressadamente, justificara. Saltou-me aos olhos sua evidente necessidade de apresentar um retrato isento de arestas e incoerências, como se sua espontaneidade, a manutenção de sua capacidade de brincar ou sua criatividade fossem os fatores responsáveis por sua conduta destoante de sua faixa etária.

Ao mesmo tempo, não me escapou que ela talvez pressentisse a importância de salvaguardar algo desse potencial, quando declarou não querer abdicar dessa sua capacidade tida como pueril. Descreveu cenas de descontração: o aceno amigo aos idosos no parque, os trocadilhos brincalhões, o sorriso do senhor *abóbora* – um conhecido que se veste sempre desta cor – instantâneos de ternura, que lhe oxigena os pulmões, bombardeando vida para seu coração.

Bancarrota Amorosa.

Esse exercício, que tivera início visando à melhoria da saúde do marido, tornou-se vital para si mesma. Das lentas passadas, passou à corrida, insuspeitada capacidade em virtude de sua infância doentia, sufocada pela asma e as freqüentes internações hospitalares. Foi o único momento no qual fez referência ao pai e à segurança que lhe oferecia. Algo acontecia quando ele chegava.



A *Maratonista*, contudo, não esmiuçou o teor da proteção paterna. Optando por guardar o segredo para si, desenhando apenas uma interrogação no ar. Mas, pela intensidade do relato, as sutis matizes em sua voz e um brilho efêmero nos olhos, fiquei com a impressão de ter ocupado uma função capital, uma espécie de sopro de confiança em sua débil autoestima, para protegê-la da desconfiança das pessoas que rotulavam sua limitação física de mentirosa. Nem sequer podia participar da *matança*, um jogo infantil que requer bastante habilidade para desviar-se da *queimada* da bola.

Relembrou em minha presença o tanto sofrido nos treinamentos iniciais, em decorrência de seu histórico, pois, muito embora estivesse já *morrendo* depois de ter corrido só um pouquinho, as pessoas olhavam-na

desacreditadas, levando-me a conjecturar que desde há muito uma certa irrealdade⁸⁵ cercava o habitar da *Maratonista* no mundo, ornado de falsas impressões e desditos de si mesma.

Presenti que correr para ela equivale a um vôo, uma afirmação de seu potencial saudável e ágil, por intermédio do qual, aliás, curou-se da bronquite e de uma incômoda rinite alérgica. Além do mais, dotou-a de uma tenacidade anteriormente desconhecida.

No passado, ela informa, interrompera com facilidade seus projetos, provavelmente, desculpou-se, por um excesso de zelo, uma redoma protetora *hereditária* que envolve alguns membros do círculo familiar. Talvez vinculada ao fato do próprio pai ter sido o queridinho da mãe e de ela, por sua vez, *ter nascido na casa da vovó...*

NOVAMENTE EM CONTATO COM ESTA DECLARAÇÃO DUVIDO POR UM MOMENTO DO QUE EU MESMA VIVENCIEI. ENTRETANTO, SEQUER CONSIDERO CHECAR OS DADOS NO GRAVADOR, CERTA DE QUE, AFINAL, O SENTIDO EMOCIONAL ENCONTRA-SE EM MINHAS PRÓPRIAS EVOCAÇÕES DO ENCONTRO. AO CONTRÁRIO, ALIÁS, DE UMA ABORDAGEM POSITIVISTA DE PESQUISA.

⁸⁵. Acreditamos ser pertinente inserir um comentário, relativo à possibilidade da pessoa se sentir ou não real. Compartilhamos com Winnicott a idéia de que qualquer pessoa é passível de se deparar com sentimentos de despersonalização, desrealização, etc., concernentes a aspectos não constituídos do *self*. Para um estudo mais minucioso, reportamos o leitor aos artigos de Winnicott: *A integração do ego no desenvolvimento da criança* (1962b/1990), *O medo do colapso* (1963b/1994) e, principalmente, *A psicologia da loucura: uma contribuição da psicanálise* (1965a/1994).

ENTÃO, INDAGO A MIM MESMA, ELA NASCEU NA CASA DA AVÓ PATERNA? SOU LEVADA A PENSAR, DE FORMA PARADOXAL, QUE SUA MÃE *NÃO ESTIVESSE LÁ*, EM SEU PRÓPRIO NASCIMENTO. RETENHO ESTA FORTE IMPRESSÃO QUE, SÓ ME DOU CONTA AGORA, PERPASSOU O ENCONTRO DE MANEIRA IMPLÍCITA, SOB FORMA DA NULA MENÇÃO À PRESENÇA MATERNA.

IMERSA NESSES SENTIMENTOS, CRIO A IMAGEM DE QUE O CUIDADO FOI BALDEADO TRANSGERACIONALMENTE DA CASA PATERNA: A AVÓ ENVOLVE O FILHO DILETO E ESTE, POR SUA VEZ, CIRCUNDA A *MARATONISTA* EM UMA AURA PROTETORA. TODAVIA, *NÃO ME* É POSSÍVEL COGITAR, POR MEIO DOS ESPARSOS FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA *MARATONISTA*, POR QUAIS DESVÃOS SE VERTEU ESSE PRECIOSO LÍQUIDO DO ZELO AMOROSO. O QUE FUI INFORMADA É DE UM SUFOCAMENTO QUE TRESPASSOU TODA SUA INFÂNCIA, LIMITANDO SUA PARTICIPAÇÃO EM UMA SÉRIE DE BRINCADEIRAS INFANTIS E QUE, EMBORA ELA INSISTA NO CONTRÁRIO, PRODUZ ENGASGOS FREQUENTES NA EXPRESSÃO DE SEU SER. INQUIETANTE LEGADO EXCLAMO PARA MIM MESMA. *NÃO ESTOU DE TODO SOZINHA, CONTUDO. CIOSAS, ESPREITAM AS REMINISCÊNCIAS DA MARATONISTA, À ESPERA DE UM NARRADOR.*

Atendo, pois, a este apelo e recuo àquela tarde, no momento em que a *Maratonista* afirmava *ir fundo* em busca de seus desejos, mergulhos que, aos meus olhos, mal roçam a superfície do oceano de sua subjetividade. Observo que, ao contrário, o menor sinal de uma marola provoca seu recolhimento agoniado e a adoção de uma postura leve frente à existência. Em seus treinos, enfatizou, esmiuçando a descritiva de seu cotidiano, é comum demonstrar extraordinária energia: ao exercitar-se uma certa manhã, todavia, percebeu que na largada saía com toda a força, mas, quando chegava num determinado ponto no qual havia uma ligeira subida, relaxava o corpo e diminuía o ritmo, pois achava *não ter perna* para a subida.

Inverteu, então, o processo. Relaxou no início, poupando *fôlego* para o trecho mais íngreme e pôde, assim, concluir o trajeto com maior tranqüilidade.

Acompanhando-a, parecia-me que no dia-a-dia, o que se verifica é que a *Maratonista* aposta mais facilmente em sua incapacidade para superar os obstáculos do que em ultrapassá-los, talvez pelo fato de “*não ter necessidade de trabalhar e ganhar dinheiro para suprir suas necessidades*”, desde a mais tenra idade. Pressinto, todavia, um entrave em sua capacidade de discernir entre suprimento financeiro e a provisão de recursos de ordem afetiva que lhe habilitariam, inclusive, a *trabalhar* em prol de seu desenvolvimento maturacional.

Prestes a encerrar o encontro, hesito um instante na escolha da prancha seguinte. Termino por selecionar a *Mulher Pensativa*.

... Deixa eu ver, este daqui, no princípio eu *tava* pensando que fosse uma mulher sentada, super triste e *tal*, mas...eu acho que ela *tá* mais assim, descansando, *tirando* assim, porque ela *tá* com um semblante até *assim*...me parece assim, mais uma paz, *assim*, um lugar *assim* com flores, *tal*, apesar de ser branco e preto e *tal*, mas imagino um lugar até, com plantas e um verde e ela *tá louca* para tirar uma....uma soneca, *tá?* Será? É...ou até para fazer massagem, eu costumo muito fazer uma massagem *assim* na testa....sabe? Apesar de que ela tem *assim* um rosto muito, *hunnnnn*, ela dá uma certa tranqüilidade, parece uma pessoa *assim*, imagino até com alguns problemas, mas nesse momento, ela está assim, descansando, tentando relaxar, mesmo que não esteja assim num momento, *tal*, mas ela *tá* querendo tirar uma relaxada das atribulações. Que historinha esquisita... (rindo).

Pistas Escorregadias.

Diante daquela figura, constatei um quase imperceptível movimento de recuo da *Maratonista*, que, inclusive com meneios enfáticos da cabeça, negava e rejeitava a tristeza da primeira impressão. Não, a mulher da ilustração estava apenas descansando num ambiente que, mesmo desenhado em sépia, mostrara-se aprazível e florido à entrevistada. Poderia, até mesmo, estar se massageando, como ela própria comumente faz. Essa imagem intensificou sua típica maneira de se expressar: a fala, já pontilhada por repetições, mostrou-se aqui ainda mais hesitante e imprecisa. Ela tentava revestir a figura feminina e o ambiente de um halo de tranqüilidade, em consonância com sua forma de enxergar – ou dissimular – o mundo. Não deixei de notar, porém, que aqui e ali, sublevaram-se sinais de que sua existência carecia da linearidade que desejaria imprimir ao relato. Ela, como a mulher descrita, tentava relaxar, descansar de suas inquietações, apresentando um ar sereno, que, contudo, tinha um quê desconexo, fator que ela pontuou, no final da narrativa, manifestando surpresa com sua própria criação: “*que historinha esquisita*”.

Bastidores da Notícia.

Seu sorriso travesso, ao fazer esta afirmação, soou totalmente descabido, causando-me um sentimento de desconforto. O que ela revelou, na seqüência, autenticou meu sentimento de que eu não estava assim tão equivocada.

Ela mirou mais uma vez a prancha, antes de devolvê-la e, ao me dirigir o olhar, flagrei uma expressão, pela primeira vez, séria e compenetrada. Ostentando ares de adulta, a moça *zen* passou a relatar de que maneira sua dedicação ao lar propiciou o crescimento profissional do marido, exigindo, entretantes, que ela exercesse o papel de *mulher-macho*, para preencher a lacuna ocasionada pelo ressentimento que os filhos sentiam pela ausência da figura paterna. Seu marido, conforme suas próprias palavras “*não tinha nada com os meninos*”.

Assumi essa posição, aparentemente sem grandes conflitos, até que uma noite, um imprevisto disparou uma crise. O esposo, logo após anunciar sua iminente chegada para o jantar, teve um contratempo e não a avisou, retornando à casa muitas horas depois. Naquela noite aterradora, seu ódio eclodiu, afeiçoando-se à tempestade que varria a cidade. Deu um basta em anos de submissão, jurando não mais estar disposta a passar *stress* por causa do marido.

O retrato de seu pânico foi tocante. Sobreveio um ataque de bronquite e de raiva que açoitou o marido, tão logo divisou sua figura na porta: propôs a separação, considerando inaceitável ser submetida a uma tensão deste porte por causa de um homem. Ficasse claro, exclamou com a voz trêmula,

que sua quota de tolerância destinava-se unicamente aos meninos. Sua pungente narrativa conduziu-me a outros tempos, remeteu-me às suas lembranças de exclusão, de ser colocada fora dos jogos infantis. Mantive em aberto minha percepção.

Seguiu o relato. Com o passar dos dias, o temporal aplacara, as nuvens escuras foram levadas pelo vento e a *Maratonista* concluiu que seria melhor manter as aparências para sua família do que assumir o término de seu casamento. Ela jamais fora responsável por ocasionar quaisquer atribulações para seus pais e optou por poupá-los de mais um desgosto, uma vez que, acredita, o fato de uma irmã ter um filho excepcional era carga suficiente.

Segundo o *script* de toda a vida, como poderia se tornar portadora de uma má notícia, mostrar outra face aos pais, se ela sempre só lhes deu alegria? Tentou acomodar a situação, conciliando as necessidades momentâneas e considereei que a descrição das providências subsequente ao evento somente grifou o clima fictício que cinge seu mundo.

Ela acreditou que os filhos pequenos, naquela época, certamente nada perceberiam, tornando possível a mudança do marido para um *flat*, até encontrar outra residência e, mantendo os hábitos, continuariam a jantar em fins de semana alternados, nas casas dos respectivos pais e “*tal e pronto*”, disse repetindo a expressão batida. Tudo resolvido, ela ordenou rapidamente as peças desencaixadas de sua vida na noite tempestuosa, de tal maneira que o desenho parecesse continuar intacto, para o mundo externo, objeto principal de sua preocupação. Era impossível olhar para os estilhaços que se esparramavam sobre o tapete, preferindo varrê-los para

debaixo do confortável sofá da sala de visitas. As providências para a mudança, contudo, jamais foram tomadas. Ela permaneceu casada, os meninos cresceram e, naquele encontro, ela julgava estar descobrindo sua *sensualidade*. Repetiu-me a indagação feita ainda ao telefone, “*não seria sexualidade, né?*”. A *Maratonista* depois de 22 anos de vida conjugal, desejava que o marido manifestasse maior empolgação, segredou, entre risinhos, que o vínculo ficou meio fraternal, mas acreditando, ao mesmo tempo, que seria uma *tendência* dos homens, em geral.

Ela, ao contrário, se sente super jovem, sublinhou, no auge da forma física, desassossegada, enquanto o companheiro foi descrito como relapso, demasiadamente gordo e descuidado da aparência. Ao chegar em casa ele, alcança um copo de uísque, acende um charuto e apaga-se para todo o resto. E a *Maratonista* detesta o aroma de indiferença que impregna todos os cômodos.

A TARDE AVANÇAVA. PERCEBENDO, PELA JANELA, A GRADUAL INSTALAÇÃO DAS SOMBRAS, EU ACENDERA A LUMINÁRIA. ESTAMOS NO FINAL ENCONTRO, RESTANDO APENAS A SÉTIMA PRANCHA.

PERGUNTO SE ELA DESEJA UMA PAUSA, PROCURANDO ASSEGURAR SEU CONFORTO. A *MARATONISTA* AFIRMA SUA DISPOSIÇÃO EM PROSEGUIR, POIS PRECISARÁ RETIRAR-SE LOGO EM SEGUIDA, PARA BUSCAR UM DOS FILHOS NA FACULDADE.

Finalizando nosso encontro, entreguei-lhe o último desenho, o da *Reunião II*, onde há uma predominância de figuras masculinas.

... Deixa eu ver essa daqui, essa também é um... *Tipo* uma reunião eu acho, uma reunião *assim* numa empresa e *tal*, eu imagino pelo fato de estarem todos *assim* de terno, a mulher está com um tipo blazer, mas uma discussão que não deixa de ser *assim* descontraída, porque apesar de ser num escritório, um está de pé, outro está gesticulando, *sabe?* Deve ser uma empresa jovem, que eu vejo *assim* pessoas mais velhas, e outras com um semblante *assim*, bem mais novo. E estão todos *assim* muito atentos a alguém, é que não dá para ver a pessoa, *né?* Que está gesticulando, a mulher esta se sentindo *assim*, sozinha aqui, aqui parece que ela está questionando o que o outro está falando e, deixa eu ver uma coisa, não é uma – ela está numa reunião que está em andamento, não parece que tem nada concluído, tem um querendo avançar, mas ainda não se chegou a *grandes coisas*. Que mais? Estão todos muito interessados no que essa pessoa está dizendo, me dá uma impressão de que é uma coisa, *sabe assim*, é... Uma publicidade, uma coisa mais dinâmica, *assim*, nada tão... De profissionais experientes *tipo* advogados, uma coisa mais dinâmica mesmo.

Out Door: Fantasias Cor-de-Rosa

Escutando sua história, refleti o quão se assemelhava a uma síntese de nosso encontro, como se ela quisesse realçar a descontração que permeou o *trabalho*, clima condizente com sua autopercepção, uma mulher de 40 anos que, contudo, preserva a jovialidade de alma.

Como sumo das descrições, reparei no mesmo tom de *faz-de-conta*, com as expressões que procuravam sublinhar o aspecto cor-de-rosa da existência, típico da adolescência. Tomei-os como expressões do *self* da *Maratonista* pertinentes a uma grande necessidade de se manter apartada do sofrimento, de revestir a realidade com traços coloridos de fantasia.

Minha atenção foi desviada, por instantes, pelas reverberações destes enredos todos. Lembrei da motivação de minha pesquisa e de todo o processo que desembocou na eleição das pranchas como *materialidades mediadoras* para a interlocução com a *Mulher* e verifiquei, satisfeita, sua eficácia quanto à finalidade fundamental. Na medida em que a *Maratonista* avançava nas narrativas constatei que, em total acordo com a formulação teórica que o sustenta, este meu *Jogo do Rabisco* constituiu uma possibilidade de *apresentação-expressão* de aspectos significativos do *self*. Ao mesmo tempo, vi ser configurado, nos moldes das consultas terapêuticas, um espaço de esperança do qual o indivíduo pode fazer uso para comunicações essenciais de seu ser.

Verifiquei a veracidade destas formulações na maneira como, em seu relato, a *Maratonista* delineou a existência de um processo em andamento,

ainda sem desfecho, indicativo de um desejo ou de uma necessidade de se retirar desse lugar alienante onde residia. Ela declarou que *todos* os integrantes da figura estavam atentos ao discurso da pessoa em *off*. Achei curiosa a alusão, refletindo sobre a perspectiva de, mesmo de forma fugaz, a *totalidade de seu self* ter sido presentificada, por meio de nosso encontro. Algo muito distante de seu mundo habitual, mas que, simultaneamente, despertou a atenção integral de seu ser.

Fiei-me ainda mais nesta probabilidade quando me deparei com sua menção ao traço distintivo dessa *reunião* de pessoas, algo vinculado a uma publicidade. Com isso, ao meu ver, ela abordou a existência de um *anúncio* de algo positivamente novo para ela, algo *dinâmico*, que eventualmente introduzisse um movimento insólito em sua rotina diária. Era provável que ela, previamente, esperasse um encontro puramente técnico, como um agrupamento de advogados ou engenheiros que de maneira usual freqüente e surpreendeu-se por experimentar uma relação intercambiada e um diálogo fluido. Relembrei o comentário de Winnicott, referindo-se ao valor da consulta terapêutica, concordando vivamente que basta fornecer um *setting* adequado e correto para a pessoa trazer o sofrimento para a entrevista, da maneira que for possível.⁸⁶ Pode demonstrar incredulidade, uma confiança exagerada ou, como pareceu ocorrer aqui, assuntar primeiro o ambiente, cautelosamente, para, de forma gradual, criar um clima propício às

⁸⁶. Imprescindível destacar meu uso emblemático da *consulta terapêutica*, utilizada aqui como um enquadre diferenciado de entrevista de pesquisa *para o acolhimento da aflição da personalidade coletiva*. Igualmente oportuna a ênfase no quesito indispensável ao investigador dedicado a esta tarefa: *ser um psicanalista fazendo outra coisa apropriada para a ocasião* (WINNICOTT, 1962a/1990).

confidências. O primordial, porém, é mantermos presente que: “seja o que for que aconteça, é o acontecer que é importante” (1965b/1994, p. 246).

Começando a nos despedir, agradei sua presença e disponibilidade. Ela estava novamente descontraída e realçou sorrindo, já na varanda, o imperativo de encontrar alguma atuação profissional que a contentasse, mas o ideal seria um *voluntariado*, pois não desejaria a esta altura da existência se amarrar a nenhum compromisso. Ainda menos na atualidade que o esposo alcançou uma posição privilegiada na empresa.



Sensualidade Desnuda.

Somente no final, quase a ir embora, a *Maratonista* introduzira, devagar, o



cerne de sua inquietude, a comunicação essencial que modulou os interstícios do encontro. Este exato momento Winnicott denominaria de o *ápice da consulta terapêutica*⁸⁷, ocasião *sagrada*⁸⁸ na qual é configurada com nitidez a problemática existencial da pessoa, em decorrência da grande confiança

depositada no interlocutor (1971a/1984). Se pensássemos em termos de pessoas inteiras,⁸⁹ a questão se apresentaria claramente como uma

⁸⁷. Esperamos ter clarificado na nota anterior que, ao aludirmos as *consultas terapêuticas* desejamos sublinhar que nossos encontros com a *Mulher* guardam similaridades com este enquadre, sem, contudo, ter havido atendimento da pessoa, nos moldes tradicionais.

⁸⁸. Winnicott utilizava esta palavra para enfatizar a qualidade destas ocasiões extraordinárias, nas quais é facultado ao paciente depositar uma grande confiança no analista (1971a/1984, p. 9-19).

⁸⁹. Estamos aqui levando em conta o postulado fundamental de Winnicott de que a constituição de qualquer pessoa, homem ou mulher, condiciona-se ao suprimento básico

configuração triangular.⁹⁰ Porém, com base em todas as comunicações, incluída a expressão gestual, arriscaria dizer que o assunto remonta a situações bastante longínquas, próprias ao estabelecimento das bases do *self*. De fato, a *Maratonista* demonstra estar mais próxima da *sensualidade*, das vivências corporais associadas às sensações físicas, do que propriamente à sexualidade, conforme ela mesma tentou se certificar: “*não seria sexualidade, né?*”

O que a *Mulher* pôde confiar, só então, foi uma profunda suspeita quanto à fidelidade do marido, sentimento que ela procurou embaciar sob o manto de uma impostação desinteressada, mas que escapou naquele instante sob forma de pequenas farpas irônicas: a postura do marido, ao largar-se sobre a poltrona, é delatora, dispara. Para ela, estaria associada ao relaxamento subsequente a uma dupla satisfação de apetite: alimentar e sexual. “*Acho que ele já vem comido de fora, tem todas as evidências de que ele tem outra, entendeu?*”

A explicitação de sua dúvida pareceu assustá-la e surpreendê-la. De imediato, ela retrocedeu. “*Quer dizer, tem e não tem, né?*” Na realidade, anunciou novamente calma, não se incomodaria caso tivesse a confirmação, o que importa é ele estar presente com a família durante o fim de semana e, dispondo de mais tempo, poderem usufruir as vantagens decorrentes de uma situação financeira confortável.

das necessidades da criança nos estágios primitivos do desenvolvimento maturacional e que falhas reiteradas neste provimento essencial, influirão no colorido de suas relações vindouras.

⁹⁰. O Complexo de Édipo vale lembrar, é uma configuração que tem como pré-requisito o indivíduo já poder viver como uma unidade, uma pessoa total entre pessoas totais com todos os percalços do enfrentamento da alteridade.

A pequena menina asmática aprendeu a brincar de *cabra-cega* que, se não lhe exige fôlego como a *queimada*, rouba-lhe o sopro da existência que ela necessita tingir apenas de cor-de-rosa.

Findas as narrativas daquele primeiro encontro, pondero. Repasso lembranças, não apenas daquele momento inicial, mas uma seqüência de outros dias e tardes, nos quais me ocupei novamente da *Mulher*, registrando minhas associações. Minha memória recaptura a frase de Winnicott relativa ao término de uma experiência e comungo de seu sentimento que o final é sempre, de algum jeito, um retorno ao princípio (WINNICOTT, 1989/1994).⁹¹ Relendo as anotações, revelam-se consecutivas camadas de relatos e, em muitos momentos, é evidente o entrelaçamento das falas, que se tornam quase indistintas, como um testemunho da cumplicidade estabelecida com o material.

Perfilam-se, ainda, outras histórias, aquelas quase esquecidas do começo: *Macabéa*, *Lóri*, *Camille*, *Callas*, minhas pacientes... Em cada uma das faces é possível reconhecer similitudes com a moça *zen*, respeitadas as singularidades inerentes à constituição subjetiva. Mulheres de nossos tempos em cujas narrativas, reparando direito, é possível distinguir traços da criança sufocada e insegura que acabamos de apresentar.

⁹¹. Paráfrase de um poema de T.S. Eliot, bastante apreciado por Winnicott – “O que chamamos de começo é amiúde o fim, e chegar a um fim é chegar a um início. É do fim que começamos” (citado por Clare Winnicott, 1989/1994, p. 3).

No anverso da moeda, habitam no imaginário da *Mulher* fragmentos das histórias de cantoras líricas ou escultoras, *senhores-abóbora* e maratonistas amadores de parques públicos, ou mesmo pessoas incógnitas, daquelas que se sentam no banco de ônibus ao nosso lado e desfiam histórias, compartilhando conosco, por segundos, sua existência.

Bem, *mas essa é uma outra história que fica para uma outra vez...*





Intermezzo

No ponto de vista estético, as vitórias e derrotas do homem sobre o mundo externo só podem ser expressas na concretude (LUKÁCS, 1965, p. 92).

A outra vez tardou a chegar. Celebrava-se a Páscoa à época do encontro com a primeira *Mulher*. De lá para cá, muitas bandas passaram e bailei ao ritmo da existência comum, seguindo os mais diversos acontecimentos, desde a eleição presidencial de um operário, em cuja figura foi concentrada a esperança rota de um pobre povo que, mesmo desiludido de que uma real mudança pudesse ocorrer, festejou com pão e circo, sob a chuva em Brasília, até a rápida derrocada de mais um sonho. Acompanhei as manchetes, cada vez mais dramáticas, noticiando seqüestros e negociações para poupar a vida humana com o mesmo destaque que o desfile das escolas campeãs do Carnaval anterior. Assisti a lenta reconstrução do orgulho de uma nação que se julgava totalmente escudada em seu poderio econômico, que hoje convive com uma enorme cratera onde há bem pouco tempo se erguia o símbolo máximo de sua arrogância. Esta fenda os faz lembrar, todos os dias, a fragilidade inerente à condição humana. Compadeci-me do sofrimento de tantas famílias subitamente enlutadas e, como muitos, estremei frente às primeiras ameaças do presidente dos Estados Unidos de caçar o autor daquela barbárie, com minhas retinas ainda empapadas das vítimas do Vietnã, das Malvinas, da Bósnia e de outros tantos conflitos desvairados.

Da perseguição do líder à captura de seus seguidores e daí à tentativa de dominação de outros países, amparada em argumentos assustadoramente semelhantes aos dos ditadores que dizimaram populações em guerras do passado, foi um passo. Vi, também, transmitida por várias emissoras, a imagem do medo refletida nos olhos de inúmeras mulheres, velado por véus e panos. Submetidas a regimes inumanos, estas mulheres tornam-se incapazes de reagir, emudecem sob a ameaça de morte e se reúnem em passeatas onde, ironicamente, são levadas a clamar pela presença do déspota que as mantém escravizadas, por ignorância ou ausência de alternativas. Estas fisionomias conduziram-me a outro episódio, envolvendo crianças paralíticas em Angola, vitimadas por minas encobertas pela terra. Como se não bastasse, o teor da denúncia de uma militante da Ong *Anistia Internacional* era a de estupro por soldados invasores daquela região.

Soube, também, de outra história, esta sobre uma mulher ainda desabrochando que, por um sentido ignorado, tornou-se cúmplice do assassinato dos próprios pais. E houve outro acontecimento ainda, já mais próximo desta época, de outra menina que teve seu destino interrompido, embora de maneira diversa, uma quase criança de classe média que programou um fim de semana com o jovem namorado num bairro de periferia, crente, talvez, num mundo benevolente, que mostrou sua face hostil. Ilusões desfeitas, mostras do constante descompasso entre o que é sonhado e aquilo que o mundo apresenta, crua realidade que exige um polimento extra em nossas esperanças embaciadas de desilusões

excessivas. Durante todo este intervalo, nas histórias de encantos e desencantos, a fisionomia da *Mulher* se refletiu, encarnada neste tempo.⁹²

Neste momento, preparando-me para novos encontros e retendo-me nos anteriores, recupero Lukács (1965), quando afirma que a mestria do escritor vincula-se à capacidade de sagrar como personagem principal alguém em cujo percurso possamos identificar a ambivalência própria ao humano. O autor enfatiza:

Trata-se apenas de encontrar aquela figura central em cujo destino se cruzem os extremos essenciais do mundo representado no romance, aquela figura em torno da qual se pode construir todo um mundo, na totalidade das suas vivas contradições (1965, p. 78).

Nas entrelinhas de Lukács, reencontro Benjamim (1936/1996) e seu apego à transmissão oral como emblema de feitos mais humanos de expressão, narrativas nas quais fatos, afetos, ambientação histórica e dramas familiares se entrelaçam na justa medida da dramática da existência e que, por ser assim, reproduzem um tanto da vida do próprio narrador. Benjamim salienta, a propósito, que o relato do verdadeiro narrador é extraído tanto de sua experiência como de outros que o circundam, seguido do agrupamento dos acontecimentos narrados às vivências dos ouvintes. Cria-se, com isso, um fecundo campo de permuta de experiências.

⁹². Refiro-me a acontecimentos que geraram notícias publicadas, entre outros, pelo jornal *A Folha de São Paulo*, nas últimas décadas do Século XX e início do XXI.

Embora ambos sejam filósofos e o seu âmbito seja o da crítica literária, as formulações reverberam em mim, levando-me a interrogar meu próprio estilo de comunicação do primeiro encontro com a *Mulher*. Retomo a leitura com a expectativa de tal como o *verdadeiro narrador épico* ter sido capaz de conferir vida poética às ocorrências ao invés de descrevê-las desvinculadas dos acontecimentos das venturas humanas e ter captado a função que as coisas assumiam na vida daquela *Mulher* que em mim se fiou.

A narrativa é uma verdadeira arte, reconheço e transpor seus fundamentos para nosso campo do conhecimento requer criteriosos ajustes. Em termos literários muitas vezes o autor recria artisticamente uma seqüência temporal de episódios, movendo-se com destreza entre passado e presente, com o intuito de provocar no leitor uma nítida impressão da correlação dos acontecimentos e de como procedem uns dos outros. Para obter tal resultado, é como se o próprio narrador se deslocasse no tempo, rumo à fonte da qual extrai as experiências a serem relatadas contemporaneamente em movimentos sucessivos de aproximação e afastamento.

De acordo com Lukács (1965), para Goethe é o fato de se tratar todos os acontecimentos como terminantemente decorridos o que conforma a ação épica. Em contrapartida a contemporaneidade da ação dramática situa-a, *a priori*, em um grau de abstração bastante mais elevado do que a epopéia. A contextualização no passado, exigida por Goethe, abarca a:

... Seleção do que é fundamental neste copioso oceano que é a vida e a representação do essencial de maneira a suscitar a ilusão de que a vida toda esteja representada na sua extensão integral (LUCKÁCS, 1965, p. 62).

Como se pode depreender dos trechos apresentados, se a arte da narrativa constitui enorme desafio aos romancistas, deles conclamando uma concepção do mundo amadurecida, o relato de acontecimentos clínicos é ainda mais exigente.

Ao retomar minha escrita noto que as diversas posições narrativas evocam um movimento semelhante ao sugerido por Goethe – afinal, sem sombra de dúvida – as histórias foram elaboradas *a posteriori*, tecidas nas ressonâncias dos encontros, em outro lugar e tempo. A *Mulher* distante estaria, contudo, ausente para mim?

À luz destas formulações, estabeleço agora um diálogo imaginário com Lukács (1965), para indagar: não seria a distância da *Mulher* apenas física? De que outro modo, senão embebida de sua mais absoluta presença, de sentidos emocionais vívidos eu poderia ter desenvolvido a narração de “... uma série de acontecimentos dotados de significação humana”, em retrospectiva, nos moldes de uma experiência genuinamente poética e épica? (LUKÁCS, 1965).

Se minha conjectura procede, terei êxito em conforme a recomendação de Lukács, tornar acessível ao leitor “... a seleção do essencial que já foi operada pela vida mesma” (1965, p. 63) lembrando que, conforme enfatiza o autor, para estabelecer o essencial, a narração deve privilegiar aspectos da

dramática humana que sejam capitais para o lugar que estes acontecimentos adquirem “no ato humano concreto” no qual se inserem (1965, p. 66).

E o ato humano concreto, de onde minha narrativa verte, é justamente o encontro com a *Mulher*, no qual estive cabalmente presente.

Reencontros

Um acontecimento – por maravilhoso que seja – não nos interessará a longo prazo tanto como os homens aos quais nos afeiçoamos com a convivência (LUKÁCS, 1965, p. 61).

O contato com a obra de Lukács conjugado à reaproximação com as narrativas dos encontros com a *Mulher* ocupam-me durante meses. As lembranças dançam, associações emergem, interrogações se enlaçam no cotidiano, os questionamentos se sucedem numa espécie de ciranda, brincadeira que toma tempo e espaço, adiando a retomada da escrita.

Ao longo de todo este período foram inúmeras as experiências inter-humanas que me fizeram *sonhar*⁹³ novos encontros e narrativas. Mantive-me em íntimo contato com a *Mulher* contemporânea, dela tendo notícia das mais variadas formas: ora por intermédio das manchetes estampando suas conquistas nos jornais, ora pelas revistas nas bancas anunciando novas panacéias da medicina para retardar as marcas do envelhecimento. Em alguns espaços soube por meio de noticiários da alta do dólar ou da desvalia da população ante a explosão da violência.

Em outros lugares a injusta distribuição de renda foi questionada, bem como a atitude de tal ministra que emergiu das classes desfavorecidas e agora as espolia, participando de falcatruas. Ouvi cochichos acerca do novo par daquela atriz global, sobre a solidão ocasionada pela excessiva

⁹³. O uso do sonho no presente contexto está firmemente assentado na valiosa contribuição de Winnicott datada de 1971g/1975. O autor, em síntese, equipara o sonhar (adjetivado como *verdadeiro*) com o *viver*, fenômenos que sob muitos aspectos, segundo ele, são coincidentes, ao passo que a *fantasia* é fruto de uma atividade mental dissociada,

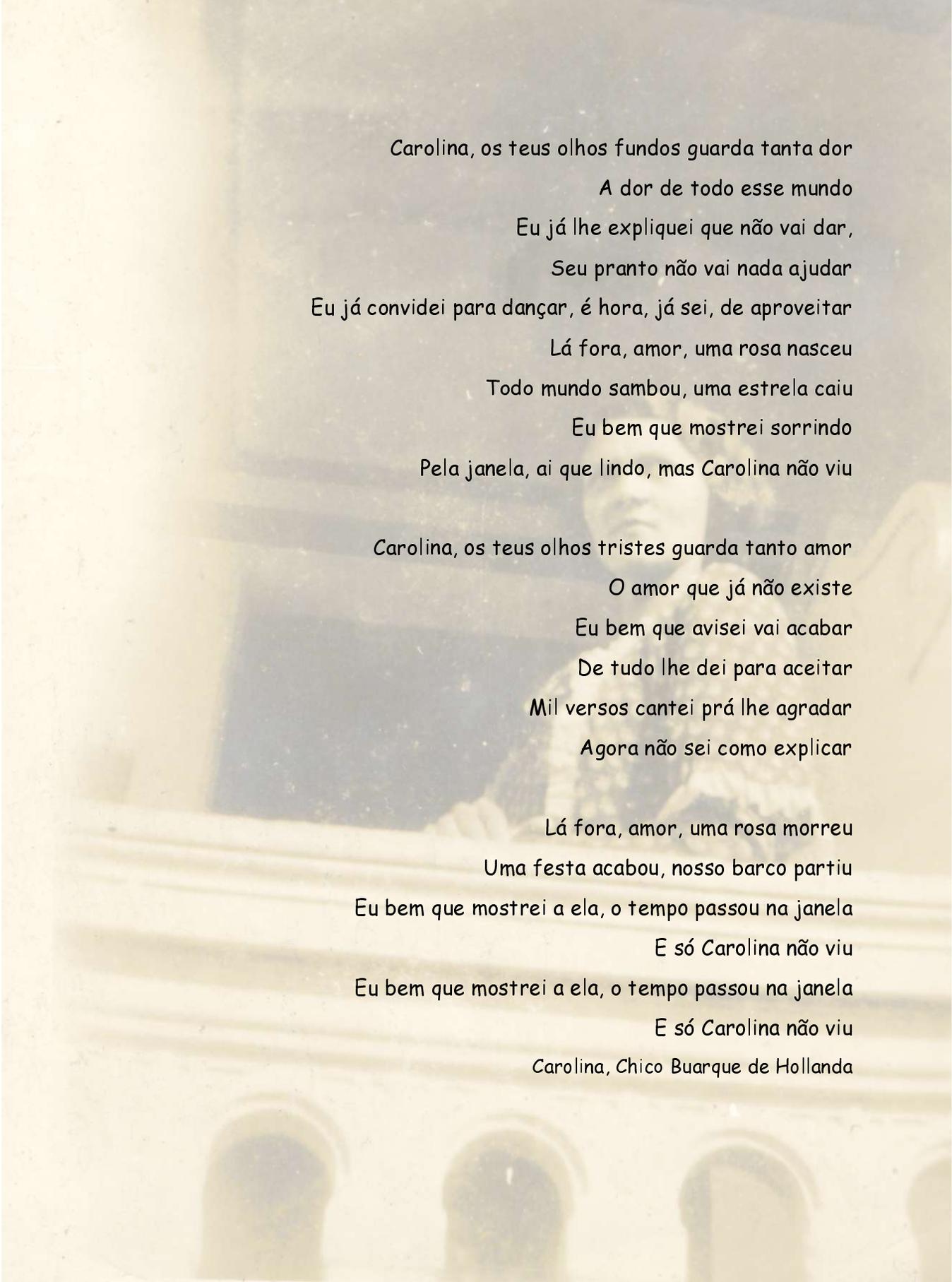
rotatividade amorosa, ícone dos tempos capitalistas, nos quais tudo se descarta rapidamente, até mesmo o afeto. Flagrei olhares de inveja ou suspiros esperançosos, quando uma *Mulher* pública, às vésperas de suas bodas de prata, rompeu um sólido casamento para, meses depois, subir ao altar com um príncipe encantado de meia-idade, declarando sua paixão aos quatro ventos.⁹⁴

Em outras épocas, a escuta de desilusões amorosas, no consultório ou em um bar, acolhendo confidências de alguma amiga especial, presentificava com maior ênfase meu ponto de partida. A cada dia deparei-me com alguma fisionomia diversa da *Mulher*, facetas nas quais me refletia, inserida neste mesmo tempo, singular e plural congregados nas condutas de uma personalidade coletiva. Enfim, cada gesto ou ação, único em sua peculiaridade, carrega, ao mesmo tempo, os vestígios de várias histórias da *Mulher* de hoje.

Essa singular *Mulher*, que muitos plurais comporta, se desconsola, ama, celebra, confia e desconfia, trabalha, cuida de filhos, é autônoma e dependente, casa e divorcia, cursa a faculdade, lava louça, publica livros. A *Mulher* espera ou desespera e troca de supermercado todo mês, para driblar a inflação camuflada no discurso dos mandatários.

encadeada a um controle onipotente da realidade com vistas à obtenção de coisas maravilhosas.

⁹⁴. Neste trecho menciono fatos veiculados pela mídia nos primeiros anos do século XXI, experiências humanas que povoaram o imaginário social deste período histórico.



Carolina, os teus olhos fundos guarda tanta dor
A dor de todo esse mundo
Eu já lhe expliquei que não vai dar,
Seu pranto não vai nada ajudar
Eu já convidei para dançar, é hora, já sei, de aproveitar
Lá fora, amor, uma rosa nasceu
Todo mundo sambou, uma estrela caiu
Eu bem que mostrei sorrindo
Pela janela, ai que lindo, mas Carolina não viu

Carolina, os teus olhos tristes guarda tanto amor
O amor que já não existe
Eu bem que avisei vai acabar
De tudo lhe dei para aceitar
Mil versos cantei prá lhe agradar
Agora não sei como explicar
Lá fora, amor, uma rosa morreu
Uma festa acabou, nosso barco partiu
Eu bem que mostrei a ela, o tempo passou na janela
E só Carolina não viu
Eu bem que mostrei a ela, o tempo passou na janela
E só Carolina não viu
Carolina, Chico Buarque de Hollanda

Um Segundo Encontro: *Carolina*

Com o carrinho repleto de compras, eu enfrentava uma longa fila gerada por um dia tradicional de pagamento, próxima a perder as estribeiras e, como qualquer ser humano nesta situação, a iniciar um diálogo com a desconhecida atrás de mim, só para passar o tempo e arrefecer o próprio ânimo. De repente, pensei avistar um semblante conhecido, mas o insólito da situação fez-me duvidar por um segundo – o suficiente para que nossos olhares se encontrassem e nos reconhecêssemos – porém com algum espanto mútuo. Ao ver *Carolina* aproximar-se sorrindo, não pude deixar de perguntar-me acerca das razões que a teriam levado a aquele lugar, nitidamente dissonante de seu vestuário e jóias caros.

Como para extrair qualquer viés abstrato de minhas teorizações, lá estava eu, frente a frente, com uma *Mulher* encarnada, cujo destino eu acompanhara durante um longo período, como analista. Mal ela formulava as primeiras frases, notei uma nuance inédita em sua forma de comunicação, que os esporádicos contatos telefônicos nos últimos anos dissimularam. *Carolina*, porém, ainda guardava uma certa *dor em seus olhos fundos* que a maquiagem ocultava de maneira apenas parcial.

Trocamos alguns comentários, ambas contidas pelo *setting* inabitual. Em poucos minutos, o caixa estava livre e, justo quando eu ensaiava uma despedida, para minha surpresa, *Carolina* lançou uma pergunta sobre o andamento de minha pesquisa, sobre a qual se inteirara por meio de uma

publicação.⁹⁵ O assunto claramente havia despertado seu interesse e avisou-me que entraria brevemente em contato.

A despeito de minha atribulação diária, vez por outra, eu pude distinguir ecos emocionais suscitados por este novo encontro com *Carolina*. Sua dramática existencial repassava em minha memória como se, ainda ontem, tivéssemos estado juntas naquele espaço sagrado, arduamente construído, no qual fora possível encenar seus *sonhos e fantasias*,⁹⁶ favorecendo com que ela pudesse, gradualmente, reforçar as bases de um *self* debilitado, constituir laços de confiança favorecedores de substanciais movimentos mutativos e, principalmente, restabelecer-se de graves injúrias que comprometiam o seu *estar* no mundo.

Menos de uma semana transcorreria quando, num intervalo de consultas, recebi uma chamada e, imediatamente, identifiquei sua voz. Desta vez, não houve surpresa, apenas a realização de uma promessa que eu, entretanto, sabia que seria cumprida, pois desde aquela casualidade que nos reuniu em um mesmo contexto, intuí que havia alguma comunicação a ser ainda enunciada. Atendi ao seu pedido para agendar um encontro, não uma terapia, ela destacou. Acreditei que sua necessidade era a de um espaço conhecido que pudesse albergar a descrição de experiências desconexas de sua vida recente e de alguém que, ciente de sua trajetória pregressa, pudesse ajudá-la na tarefa de reuni-los. Em outras palavras, ela

⁹⁵. Trata-se da Revista *Viver Psicologia*, Ano XI – nº 126 – julho de 2003 – p. 26-27, Pesquisa: *Sufrimento amoroso feminino*, disponível tanto em grandes livrarias como por intermédio de assinaturas anuais.

⁹⁶. Pauto-me aqui pela fundamental distinção cunhada por Winnicott entre o sonho como uma atividade criativa e o devaneio e a fantasia – inclusive a atuada – como formas dissociadas de existência (1971g/1975).

clamava por um sentido emocional capaz de promover uma vivência de integração. Como as crianças de Winnicott, talvez ela estivesse precisando *brincar* na presença de alguém, expondo uma seqüência desordenada de fatos que ocupavam sua existência, para que, em companhia privilegiada, adquirissem um *status* de comunicação (WINNICOTT, 1971c/1975).

Lembrei a adorável recomendação de Winnicott trespassada de enorme respeito pelas necessidades daquele que nos procura com qualquer tipo de sofrimento:

... O piquenique é do paciente e até mesmo o tempo que faz é do paciente (1965b/1994, p. 247).

Dispus-me a ouvi-la, acomodando-me da melhor forma possível neste lugar, ainda ignorado, no qual ela me colocara e a aceitar *até mesmo* uma eventual toalha xadrez avermelhada, pois, afinal, independente do que ocorra, o próprio *acontecer* é o que importa.⁹⁷

⁹⁷. Paráfrase de Winnicott: “seja o que for que aconteça, é o acontecer que é importante” (1965b/1994, p. 246). Ressalto o oportuno comentário de Tânia Vaisberg de que *Carolina*, amparada em sua experiência analítica anterior, pôde criar/encontrar um enquadre de modo algum semelhante a uma *conversa de ônibus*.

A dor guardada.

Enquanto aguardava o dia marcado, fiquei a imaginar como se daria meu *jogo do rabisco* com uma *Mulher* tão familiar. Numa circunstância como esta, estaria eu mais próxima à sua proposta original, a de estabelecer um campo dialógico propício a uma comunicação essencial, nos moldes de uma consulta psicoterapêutica, ainda que em um enquadre diferenciado de pesquisa?⁹⁸ Recebi-a, enfim. *Carolina* chegou no horário, apresentando-se vestida de forma despojada, a face limpa transmitia serenidade. Seus gestos, o jeito ponderado de colocar as idéias e sentimentos, o tom suave de sua voz diferiam em muito da moça esbaforida de outrora, que expressava suas emoções com dificuldade. Sua história, triste arremedo de um melodrama televisivo, era pontilhada de lances desesperadores, cujas tramas banais, diga-se de passagem, costumavam alimentar seus finais de tarde e noites solitárias.

Entramos no consultório. Eu tinha destinado a ela o último horário, de maneira a poder dedicar-me ao atendimento durante um período mais extenso, caso a situação exigisse.

Mal sentamos, ela colocou-me a par das peripécias em sua vida nos últimos anos, desde a derrocada financeira – da qual os primeiros indícios eu assistira – até o relato pungente das graves enfermidades que atingiram

⁹⁸. Em notas precedentes, procuramos estabelecer o caráter diferencial entre o enquadre da *consulta terapêutica* e o de nossa pesquisa clínica que a toma como paradigma, em relação aos encontros com a *Maratonista*. Em *Carolina*, contudo, há um claro movimento no sentido de se fazer ouvir, o que me levou a cogitar sobre a existência de uma *sobreposição de enquadres*: o da pesquisa e o de, quem sabe, uma *visita terapêutica*, possibilitada pelo vínculo pré-existente entre nós. Ressalte-se que as consultas com Winnicott se faziam sem conhecimento anterior das crianças.

o companheiro, em duas ocasiões diferentes. Descreveu-me com detalhes a enorme reviravolta que estas experiências ocasionaram em diversos segmentos, exigindo severas restrições em seus hábitos e um grande grau de capacidade adaptativa. Descobriria, em si, forças inusitadas e identificou amigos que ignorava ter. Sua irmã, a quem antes era ligada apenas por laços sanguíneos, apoiou-a em um momento especialmente delicado, concedeu-lhe abrigo concreto e albergue afetivo e com isso garantiu morada em seu coração. Pôde olhar para sua mãe idosa com maior complacência, aceitou sua desorganização contumaz, contraponto exasperante ao seu perfil ordeiro e aprendeu a admirar suas qualidades. Com desalento, *Carolina* contou-me do abandono inevitável da faculdade, por falta de recursos, bem como do abortado projeto de ter um bebê, além de mencionar de passagem outras abdições, catalogadas como menos sofridas em seu rol gradativo. Na atualidade, não obstante as parcas condições financeiras, de trafegar por ruas escondidas para evitar que o único veículo remanescente fosse apreendido, uma vez que se encontrava em situação de total irregularidade, de morarem “*de favor*” em um apartamento do cunhado, de suas viagens limitarem-se a esporádicos passeios à Praia Grande – ela, que conheceu Europa e Estados Unidos e hospedara-se nos melhores locais – reconheceu-se mais viva e capaz do que jamais esteve outrora. Esta afirmação guiou-me à possibilidade de se sentir real, associada à descoberta de um modo de existir como *si-mesmo*, sublinhada por Winnicott (1971h/1975, p. 161). Quanto à aquisição seguinte, um *self* no qual refugiar-se para repouso, considerei duvidosa, naquele encontro incipiente.

Expressou, em diversos momentos, uma profunda gratidão ao trabalho realizado por nós e a ele atribuiu a possibilidade de enfrentamento e de ultrapassagem dos obstáculos que se interpuseram ao longo de sua trajetória. As dificuldades e os desafios, entretanto, permaneciam, *Carolina* descreveu como, em muitos momentos, lançara mão das experiências vividas em análise na tentativa de encontrar soluções para os muitos conflitos com que se defrontava no dia-a-dia, tinha o hábito de recuperar a lembrança de nossos encontros quando se sentia sem rumo ou descrente de suas perspectivas futuras.

Foi em uma de suas tardes ociosas que o destino, segundo ela, colocou em suas mãos aquela matéria sobre o sofrimento amoroso, conduzindo-a às angústias passadas e presentes, suscitando-lhe uma saudade gostosa de mim e a vontade de, “*qualquer dia*”, ligar para um rápido cumprimento. Frente à segunda coincidência, não resistiu, decidiu procurar-me e se oferecer para participar de minha investigação. Afinal, melhor do que ninguém, alegou, eu sabia o quanto ela padeceu em suas experiências amorosas e *Carolina* gostou de imaginar que seu depoimento pudesse ser de valia para outras mulheres. Hesitei poucos segundos para me decidir de vez a acatar sua proposta, apenas o tempo necessário para reconhecer que sua oferta respondia a uma pessoal curiosidade que, agora, eu teria a oportunidade de checar. Como seria compartilhar meu *jogo do rabisco* nesta conjuntura excepcional, com esta *Mulher* e neste vínculo inter-humano ímpar?

No próximo encontro, tomamos apenas um café antes de iniciar nosso “*trabalho*”, como ela o intitulou. Enquanto eu preparava as pranchas e testava o gravador, ela ia contando-me as gracinhas de seu filhote canino, dizendo:

... Eu não queria, mas o *César* insistiu tanto já que não teremos filhos (...) agora ela é a minha sombra, tenho paixão por ela.

Transmiti-lhe as instruções, pedindo que, depois de observar as imagens, imaginasse uma história, da forma mais espontânea possível. Coloquei as figuras no colo e sorteei a primeira, a família. Ao fitá-la, imediatamente *Carolina* começou a chorar. O homem lembrara-lhe seu pai, um homem honestíssimo e a mulher, uma mãe dedicada, ela viu uma família: pai, mãe e filha.

... É a minha história, pode ser assim?

Perguntou e, diante de minha afirmativa, prosseguiu, recuperando lembranças de sua meninice.

Uma Simples Infância

Eu me lembro de uma infância simples. Nada assim de grandes comemorações.
Mas eu me lembro de que nos aniversários sempre tinha bolo,
sempre tinha tia e cada um trazia uma coisa.
Sempre tinha festa (*Carolina*).⁹⁹

Carolina aprendeu a ler cedo, antes mesmo de ir à escola e, quando o fazia, era na base da farra, só para acompanhar a irmã mais velha. Acabou por achar que seria sempre assim, uma atividade descompromissada. O início formal do curso mostrou-lhe que a vida não era uma festa, que havia deveres a serem cumpridos. Em retrospectiva, avaliou sempre ter querido furtar-se às responsabilidades durante muito tempo em sua vida. Pensa ter vivido uma infância simples, porém feliz – os presentes eram anuais, à época dos aniversários – e de quando em vez, falhavam. Tudo isso a fazia acreditar que a vida fosse simples. Interrompeu o fluxo narrativo para encarar-me, quase esperando um sinal. Comentei que esta era uma imagem semelhante à família simples que ela quisera construir para si.

Ela se surpreendeu, ao olhar outra vez para a figura masculina e disse que sim, pois a “foto” lembrara seu pai. Devagar, rememorou, começara a ter ambições, em virtude de uma extrema vaidade que o pai não podia contentar, terminando por decidir abandonar os estudos e começar a trabalhar. Arrependeu-se de não ter primeiro estudado para conquistar uma profissão. Mas o impulso de “ter” as coisas era muito forte, passou a valorizar extremamente as aparências e os bens materiais e, então, a achar

⁹⁹. A força poética desta primeira comunicação de *Carolina* levou-me a destacá-la neste capítulo, sob a forma de epígrafe.

que somente um marido rico poderia satisfazer seus desejos, foi um passo. Esta idéia ganhou corpo e resumiu-se em uma única frase-chavão: *queria se dar bem, em todos os âmbitos*.

E assim, lembrei a *Carolina*, ela fora se afastando das coisas que eram importantes para sua alma, dos valores transmitidos por seu pai e, apegando-se ao ardil consumista, a *ter* ao invés de *ser*.

A deixa a remeteu para a lembrança de um parceiro que preenchia os quesitos de sua fantasia, um homem bem-sucedido e de posses. Mas havia um senão, uma vez que inexistia “*aquela coisa de pele*” que sempre a fascinou, pois embora tenha sido muito namorada, só se entregou a homens que lhe provocassem algum *frisson*. Seu mais recôndito desejo, na verdade, seria concentrar todos os atributos em uma única pessoa: condição financeira, cultura, beleza, paixão e naturalmente, uma atração sexual avassaladora. E havia, ainda, a sua intensa sede de amor e carinho, que a fazia *mendigar* nas relações, sujeitando-se a receber *migalhas*.

Esta descrição parece bem diferente da harmonia deste casal, destaquei pegando a prancha de suas mãos, e observando a imagem de *sua* família. Meu gesto, de simplesmente devolver-lhe o que estava ali, pareceu acordá-la de um sonho. Na maior parte das vezes, como tanto reitera Winnicott, nossa função é a de apenas restituir ao paciente, numa cadência própria à sua necessidade, o que ele próprio nos mostrou, um símile complexo da face materna que reflete o que há para ser visto (1971h, p. 153-162).¹⁰⁰

¹⁰⁰. Na narrativa dos encontros com *Carolina* o leitor deverá observar que não foi utilizado o mesmo recurso do capítulo anterior, de *centralizar* meus solilóquios no corpo do texto, pois

Olhos de Tanto Amor.

Despertando, ela realçou que seu amor por *César* foi muito diverso: radical, dolorido, ciumento. Uma paixão arrebatadora, um vendaval que arrebatara tudo em sua passagem, deixando marcas indelévels. Com o tempo foi amenizando, mas nunca foi semelhante àquela calma que seu pai demonstrava, um homem trabalhador e honesto, cujo descanso as crianças precisavam resguardar, evitando fazer barulho enquanto ele dormia, após os plantões noturnos. A mãe ajudou, nos moldes antigos, trabalhando dentro de casa, lavando e passando cabendo ao homem prover o sustento. Hoje, ela se pergunta o que restou de seu pai. Apesar de sempre querer “*se dar bem*”, julga-se uma pessoa honestíssima, incapaz de dar “*balão*” nos outros, de fazer fofoca, de enfiar uma faca pelas costas – ou roubar. Reconhecemos, quase ao mesmo tempo, que esta é a herança que *seu Cândido*¹⁰¹ deixou e ela carrega consigo.

Uma marca tão importante que, para seu primeiro carro, recordei a ela, *Carolina* fez questão de conseguir uma placa com as iniciais do pai, sentindo-se, deste modo, acompanhada e protegida por *seu Cândido*.

Emocionada, ela enumerou algumas das qualidades dele, com as quais se identificava: a ordem, a limpeza, a “*chatice*” que o *César*, por vezes, costumava denunciar, integrando sua personalidade enquanto, além do mais, como “*seu*” *Cândido*, nunca gostou de ludibriar as pessoas, sentia-se insegura só em pensar nesta possibilidade.

seu uso, neste relato, não se revelou capaz de tornar mais clara a apresentação do acontecer clínico.

¹⁰¹. Minha escolha deste pseudônimo assenta-se no fato de evocar alguns dos atributos valorizados por *Carolina* em seu pai. Nos moldes dos precedentes, sua genealogia é italiana.

Prece de um dia quase igual a todos¹⁰²

Deus dos delicados, não me abandone nessa guerra insana.
Minha máquina de ser beira a pane enquanto o veludo da voz
De Billie lambe as paredes do lusco-fusco. Abençoe, Senhor,
tudo que dói em nós, indispensável.
As tardes despenteadas em Grumari, as lágrimas do homem que me
amou e nunca disse, o negro agonizante sob o sol narcísico de
Ipanema, as crianças que tão cedo me deixaram farta de lágrimas e
leite, o eco esquivo de Frederico, sinais de musgo.
Abençoe as escarpas da minha vida enquanto desenterro estas palavras
– o carmim destas palavras com as lascas afiadas da dor.
Sonho piscinas, atraída pelas labaredas.
Preciso dormir bem dentro da suas asas enormes, pai.

Ledusha Spinardi (2002)

¹⁰². As expressivas reminiscências de *Carolina* levaram-me a recuperar este poema de Ledusha Spinardi, que eu há muito guardara em uma gaveta.

A Dor de Todo Este Mundo.

A evocação destas lembranças fê-la perguntar-se sobre quantas coisas deixou de dizer e fazer por e para este pai, dos dissabores provavelmente causados pelo rompimento das expectativas dele: talvez quisesse uma filha “*estudada*”, que tivesse marido e filhos para que ele fosse um avô carinhoso para os netos. De fato, ela constatou de forma dolorosa, sabe pouco sobre seu pai, do mesmo modo como é difícil verificar que esta imagem no papel é muito bonita, mas o dia-a-dia difere um pouco, não corresponde a este formato “*quadrado*”, há muitas arestas a serem aparadas. Percebi que tudo isto podia ser visto agora, mas naquela época, concomitante ao seu anseio por se “*dar bem*”, sua procura era por uma vida “*quadrada*”.

Lembrei-a sobre a enorme dificuldade de processar qualquer analogia com seu universo emocional, no começo de nosso trabalho analítico, quando as coisas eram para ela de uma imensa concretude.

Rimos, recuperando a lembrança do enorme dispêndio de energia dedicado à limpeza das frestas do ar condicionado, ou na compulsiva arrumação das gavetas, tarefas nas quais se concentrava tentando ordenar o tumulto de sua alma, no ápice de sua alvoroçada relação com *César*. Para fazer frente à ameaça de uma desorganização emocional, ela dispunha camisas, meias e calças na mais perfeita ordem, uma espécie de ritual para esconjurar seus próprios demônios internos. Foram muitas às vezes que me ligou durante a noite, assustada com a potência de seu descontrole, com o

único intuito de ouvir minha voz assegurando-lhe um lugar de calma e conforto.

Por meio desta memória compartilhada, ela entrou em contato com uma época muito longínqua, o que a fez questionar o teor de seu vínculo com *César*. Qual o significado de tudo isso em sua vida? O que foi esta relação plena de “*tesão*”, repleta de experiências inéditas, da qual, indubitavelmente, gostava, mas que hoje está tão apartada de sua vida? Ela parecia descrever uma outra pessoa, irreconhecível para si mesma. Sim, ela respondera, confirmando a imagem de sua dissociação:

... Parece que não era eu, que mulher era aquela, sou moderna, sou... e deixava ele me bater, me violentar das mais variadas formas? E minha auto-estima que não existia, que criança foi essa que quis aquela relação bacaninha, certinha, arrumadinha e de repente minha vida virou um inferno.

Carolina sentiu a necessidade de rever a figura, pois se surpreendera diante do contraste entre sua narrativa, a imagem e as emoções que foram despertadas nela.

Tudo isso me remete a coisas meigas, sinceras, bonitas, sabe? Depois o pai perde o domínio e aquela coisa cheia de fantasia, tudo lindo, termina irremediavelmente (...) então, a história é bonita, a figura é bonita e isto me leva ao passado, ao passado bonito, compreende?¹⁰³

¹⁰³. O leitor atento certamente notará que este trecho é o único que se aproxima do formato da história solicitada, embora também seja *Carolina* a protagonista do enredo.

Carolina estava profundamente comovida. Aguardei, em silêncio respeitoso, participando de seu encontro com a própria história, em uma espécie de acolhimento para a reunião de aspectos de seu *self* ainda dispersos.¹⁰⁴ Naquele instante sagrado,¹⁰⁵ com o qual *Carolina* se reencontrava com a sua infância loira e frágil e a apresentava a mim, senti-me em companhia de Winnicott, quando nos assegura que “ser conhecido significa sentir-se integrado na presença de alguém” (1945/2000, p. 224). Indaguei-me se *Carolina* teria iniciado com vantagem seus começos¹⁰⁶ no percurso existencial, ou havido uma única pessoa que se dedicara a juntar seus pedaços, para socorrê-la na tarefa de auto-integrar-se.

¹⁰⁴. Concordo com Winnicott (1971c/1975) em sua assertiva de ser necessário por vezes, o psicoterapeuta tolerar o absurdo que os pacientes trazem – homólogo ao estado mental de pessoas em descanso – sem precisar comunicar nem organizar o acontecimento. Em suas próprias palavras: “O absurdo organizado já constitui uma defesa, tal como o caos organizado é uma negação do caos” (p. 82).

¹⁰⁵. Utilizo o termo sagrado tal como Winnicott, referindo-me a momentos ou situações especiais, quando o paciente deposita uma enorme confiança no terapeuta. Estas ocasiões, se desperdiçadas, podem promover um sentimento de descrédito de vir a ser um dia compreendido (1971a/1984, p. 09-19).

¹⁰⁶. Aludo à formulação de Winnicott, referindo-se à hipotética “primeira mamada teórica”, como um padrão de mamadas realizadas ou, dito de outro modo, quando sublinha que: “o começo é a soma de começos” (1962b, p. 56).

Eu Bem que Avisei, Vai Acabar.

Pressenti que, talvez, ela fizesse menção a um período guarnecido de deslumbramento que, entretanto, fora abruptamente interrompido. No princípio de sua história de amor com *César* construiu uma fantasia cor-de-rosa, na qual a paixão desvairada que os unia parecia capaz de mover mundos, de demover todos os obstáculos que se interpusessem entre os dois. A realidade, contudo, imiscuiu-se em seus sonhos de forma brusca e atroz, apresentando faces cruéis de seu amado: menosprezo, privação, promiscuidade, traições, mentiras ardilosas, a dupla vida de *César*, a submissão à atuações ofensivas –às quais sua alma combatida não conseguia reagir – o alcoolismo, o mútuo ciúme doentio, a violência doméstica, em suma, a desilusão brutal que, por mais estranha que pudesse parecer, talvez guardasse alguma similitude com decepções primitivas.¹⁰⁷

Carolina retomou o relato, contando-me como, depois da convalescença, tanto o consumo de bebidas como as exigências sádicas reduziram-se a zero. Constatou que certas atividades sexuais podem até ser imaginadas, mas sua concretização “*deixa um gosto ruim no dia seguinte*”, e esta lembrança a conduziu à pequena *Carolina* – *Carol* ou *Carolaine*, como alguns a chamavam. O mundo a conhece, porém, por *Carolina*, o nome próprio escolhido pelo pai, em homenagem a uma das musas de Chico Buarque.¹⁰⁸

¹⁰⁷. Os dados relatados pertencem à época da análise de *Carolina*. Depois de sua interrupção, ainda mantivemos contato durante alguns meses, pois, na seqüência, *César* adoeceu gravemente, tendo sido submetido a uma cirurgia de porte. Também naquela situação estive presente na vida de *Carolina*, oferecendo-lhe conforto e solidariedade humana.

¹⁰⁸. Recordo ao leitor que o nome da entrevistada é fictício. É, porém, verdadeiro o fato de seu nome real ter sido escolhido por seu pai como uma homenagem a uma cantora popular

O Tempo na Janela.

As horas passaram rapidamente e o fim da tarde se aproximava, eu podia perceber pela mudança de luz filtrada pela persiana. *Carolina* suspirou, sem dar mostras de notar a alteração no ambiente, nem o abajur que fora discretamente aceso. Talvez não estivesse mesmo completamente ali, pois sorriu, dizendo:

... Eu era assim, loirinha, sabe aquele cabelo cumbuquinha, mesmo? Eu vou achar e trazer para você ver. Exatamente assim, só que eu saía sempre emburrada nas fotos, vou achar, você vai ver.

Fiquei em dúvida por quem ela procurava. Interrompendo um pouco a fala, lembrou-se da fisionomia circunspeta de *seu Cândido*, dizendo que ele estava sempre *um degrau acima de todos*. Súbito, recordou de um namorado da adolescência – Marcello¹⁰⁹ era seu nome – que lhe dissera ter visto seu pai num bar, acompanhado de uma ou duas mulheres e emergiu também outra recordação, de quando, logo após a morte de *seu Cândido* – a mãe contara ter achado dúzias de preservativos no porta-luvas do carro dele. Enfim, descobriu que seu pai era humano, tinha desejos. Julgou que é da “*natureza*” do ser humano esta coisa *de procura*:

... Poucas raças são fiéis, sobre o mundo animal já ouvi alguma coisa, mas na nossa, o humano, a nossa raça é a pior que tem...

nos anos 60. Esta espécie de deslizamento, por mim empregado, é análoga a dois de seus apelidos familiares.

¹⁰⁹. Este pseudônimo, como os demais, tem linhagem italiana.

Baixou o tom de voz, como se fosse sussurrar um segredo:

... Eu também tenho esta necessidade... às vezes penso: cadê o sal, cadê o tempero? Mas ao mesmo tempo, digo a mim mesma para parar com isso.

Tive a sensação de que ela tentava interromper o fluxo de suas associações, quase como se as temesse. A seguir, ela confirmara meu sentimento, ao dizer que o mundo infantil era muito bom, naquela fase era permitido, mas o corte também era inevitável, então, foi preciso haver esta ruptura.

Sim, ponderei eu, apesar de imprescindível, o desfazimento do reino encantado da onipotência haveria de ser em porções homeopáticas, com uma lenta introdução do real, cuja posologia, segundo Winnicott delicadamente definiu, qualquer *mãe devotada comum* sabe administrar (1971e/1975).¹¹⁰ Como a complementar meu rabisco imaginário, *Carolina* lembrou de *Papai Noel*, ou melhor, espantou-se ao constatar que não havia marca alguma da passagem do bom velhinho em sua vida.

O meu registro de Papai Noel é assim: cadê? Jaci! O que eu lembro é de minha mãe dizendo que o responsável pelas compras de Natal era meu pai.

¹¹⁰. Refiro-me ao período do desenvolvimento do bebê, compreendido entre a dependência absoluta e a dependência relativa, no qual a mãe *suficientemente boa* dosa a apresentação da realidade de forma precisa e sistemática, sustentando a ilusão ou desiludindo, segundo a necessidade momentânea da criança e garantindo, desta forma, a manutenção de um sentimento de continuidade de existência. Este delicado manuseio da realidade, de forma sutil, instaura no bebê um sentimento de confiança no ambiente.

Só Carolina Não Viu.

De mãos dadas com o pai, desciam ambos a rua em direção à fábrica em que ele trabalhava. Sabia de cor o endereço completo da residência de infância e o repetiu por duas vezes, sublinhando o acontecimento. Por ocasião das festividades de final de ano, ela e sua irmã eram conduzidas para receber os presentes oferecidos pelos donos da empresa – bichos de pelúcia ou qualquer outra coisa – sem significado especial para ela.

... Eu não me lembro desta fantasia do coelho de Páscoa, do *Papai Noel*, não me lembro nada disso, não me lembro da ilusão do *Papai Noel*, talvez eu tenha querido *viver* esta fantasia, quem sabe construir a minha própria.

Em termos do processo maturacional, seria difícil precisar se a declaração de *Carolina* vinculava-se à falhas na sustentação de sua onipotência ou a uma desilusão brusca e/ou prematura, mas creio podermos concordar na hipótese de um descompasso entre necessidade e atendimento, vetando, parcialmente, seu ingresso no *playground* transicional e tornando suas brincadeiras demasiado sérias, precocemente invadidas pela realidade. Reporto-me a uma das formulações de Winnicott (1945/2000 p. 229) sobre o tema, quando define a ilusão como “aquilo que

fornece os indícios para o interesse da criança em bolhas, nuvens e arco-íris e todos os fenômenos misteriosos”.¹¹¹

O ursinho oferecido pela empresa do pai, despojado de personalidade, não pôde habitar o campo da transicionalidade, a região dos objetos criados-encontrados por uma justaposição sensível entre apresentação do objeto e prontidão do bebê para criá-lo, no momento e local oportunos. Série de coincidências afortunadas que, todavia, uma mãe devotada *comum* é capaz de favorecer.¹¹²

Despojada de suas ilusões, sem *Coelho* e sem *Papai Noel*, presumo que *Carolina* adentrou num outro faz-de-conta: um mundo infindável de festas, regado à champanhe, prazeres, roupas de grife e superficialidade . Para reagir à desatenção do ambiente, *Carolina* transformou-se em um simulacro de gente, que vendia uma falsa imagem de felicidade. Sua condição existencial resumia-se em sua frase predileta, que repetia como um triste *merchandising* de si mesma: “*eu não tenho problemas*”. Parecia alegre, sempre feliz, mas permanecia só, à medida que seus relacionamentos soçobravam rapidamente, inconsistentes e *fake*¹¹³ como ela.

¹¹¹. Em uma de nossas publicações, fruto deste percurso investigativo, (FERREIRA, J. C.; VAISBERG, T. M. J. A. 2003b), levamos em conta a contribuição de Winnicott relativa à temática do real (1988c/1990), cotejando-a com a hipótese de que certos vínculos, pretensamente eróticos, poderiam camuflar a dependência. Permitimo-nos supor, que, sobre as protagonistas dos casos ali estudados, pairaria uma ameaça contínua de perda da capacidade de se relacionar, em função de um suprimento ambiental deficiente, associada por Winnicott ao segundo bebê hipotético exposto em seu artigo citado.

¹¹². Nas palavras do autor: “alguns bebês têm a sorte de contar com uma mãe cuja adaptação ativa inicial à necessidade foi suficientemente boa. Isto os capacita a terem a ilusão de realmente encontrar aquilo que eles criaram” (1988c/1990, p. 135).

¹¹³. Optei por utilizar a palavra em inglês, que me parece traduzir de forma mais próxima o tom notadamente falsificado que permeava seu contato com o mundo.

Uma festa Acabou.

A noitecera, o consultório estava na penumbra e fazia mais de duas horas que estávamos juntas. Perguntei à *Carolina* se desejava prosseguir em um outro dia. Frente à sua negativa decidimos continuar mais um pouco. A figura seguinte era a da *Moça Jovem*. Vendo-a, *Carolina* não vacilou, afirmou que a sinceridade seria necessária, pois ali era inútil temer as palavras. Esta jovem era cheia de vida, a mulher fatal que ela sempre desejou ser, a:

“*Ta se*” : *tá se* achando, *tá se* sentindo.

Carolina passou a relatar o quanto apreciaria ser aquela que dominava, que tinha o poder, a mais bonita e lembrou-se de antes, ter vinculado seu insucesso ao fato do *poder* estar associado ao dinheiro. Como seus recursos financeiros eram escassos, *Carolina* apelava para atributos de outra ordem, esmerava-se nos cuidados com a aparência física. Ela reconheceu este apego, que se tornou desmedido na época em que conheceu *César* e ele passou a financiar seus desejos. Então, durante um pequeno período, *Carolina* disse-me, pôde sentir-se influente financeiramente, muito embora, na esfera amorosa, continuasse “*um caco*”. Usava roupas de grife, submeteu-se a uma cirurgia estética aos 30 anos, contou-me de novo, mas não podia aproveitar nada disso, da forma como queria, pois estava presa a um homem, era necessário frear sua vontade de sair e de conhecer outras pessoas.

Pareceu-me vê-la à época, com seu jeito impecável de se apresentar, o terninho *Maria Bonita*, o corte perfeito de cabelo, a pele de porcelana ornada por uma discreta maquiagem que ressaltava seus traços delicados. Estes eram os adereços usados como camuflagem para o caos que constantemente a espreitava, o qual, entretanto, transparecia na superficialidade de suas ações. Sob o calor desta lembrança, a brincadeira dela sobre o “*estar se achando*” ou “*estar se sentindo*” adquire outra conotação, como se estas expressões concentrassem a raiz de sua problemática existencial. *Carolina*, de fato, *se achava*, mas estava bastante distante de *ser* e o fato do mundo responder à imagem distorcida de si mesma, como se fosse autêntica, a desesperava, embora ignorasse o motivo de sua permanente insatisfação. Como Winnicott salienta, “a existência do falso *self* resulta em uma sensação de irrealidade e em um sentimento de futilidade” (1960/1990, p. 135).

Carolina prosseguia na rememoração de sua vida, correlacionando sua exacerbada necessidade de conquista:

... a uma espécie de prostituição, o apego desmedido ao deslumbramento de uma vida fácil, ligada aos bens materiais, à sensação de poder tudo.

Seu relato suscitou em mim uma pergunta, que mantive pendente: teria a *menina* que não pôde acreditar em *Papai Noel* precisado construir um universo de fantasias, assentado nas posses econômicas, imaginando que o dinheiro a manteria afastada das decepções?

Carolina, entretanto, ao equiparar-se a uma prostituta, chocou-se com o próprio enunciado. Aparentando um certo constrangimento, calou-se por segundos. A seguir, contou-me que um antigo amor a procurara recentemente, afirmando que, caso tivessem se casado, ela teria sido poupada de todos os contratempos, pois, não sendo uma pessoa ciumenta, ela teria toda a liberdade que desejasse. Só ali, ao contar-me o episódio, *Carolina* se deu conta da ambivalência da proposta. Por um lado, o rapaz oferecia-lhe o conforto material ambicionado e por outro explicitava a falsidade na qual o vínculo seria sedimentado.

... Se eu tivesse casado aos 20 anos, ele ia ser o *cornio* do pedaço, eu falei para minha mãe, é isto o que ele quis dizer?

Notando a contradição, *Carolina* questionou a idéia de ser necessário renunciar à autenticidade para alcançar o status almejado: marido bem posicionado, filhos, jóias, carro importado. Com *César*, porém, foi ao contrário.

No início, aquele homem, descreveu-me *Carolina* naquela tarde, apresentando-me outra vez sua história amorosa, atualizada. Como um prestidigitador, *César* tirava da cartola suas fantasias uma a uma e as realizava: quer como provisão substancial para as compras em butikues, quer sob forma de viagens para o Brasil e o Exterior. Havia também as recepções, os restaurantes de luxo, os hotéis de muitas estrelas que a faziam se sentir:

... Uma rainha, importantíssima!

Este mundo fascinante cegava-a para as muitas infidelidades de *César*, para as ausências e até para a relação dúbia com a ex-esposa. Das visitas aos países estrangeiros, guardou a emoção de ter visitado um parque só com montanhas-russas em Los Angeles. Seus olhos irradiaram felicidade narrando-me a experiência, como se lá estivesse novamente:

... Era o meu sonho, adoro aquilo, a adrenalina, o coração sobe, parece que vai sair pela boca, eu vivi esta fantasia, entende?.

Ao terminar, porém, *Carolina* estava abatida e afirmou que, caso eu perguntasse se faltava alguma coisa na vida dela, diria que sim. Lamentou profundamente a perda, irreversível, de sua juventude, julgando cruel a forma como se fora. Uma grande quietude invadiu a sala, envolvendo a ambas. Permanecemos assim, por quanto tempo não sei, assimilando emocionalmente sua comovente confiança.

Fui assaltada por um curioso sentimento, seu relato atingiu-me como se *Carolina* tivesse descrito o que ela poderia ter sido, caso as chances não lhe houvessem sido subtraídas pela vida. Pareceu-me que ela lamentava a ruptura gradual com um *si-mesmo* capaz de contatar genuinamente as pessoas. Pouco a pouco, suas relações haviam passado a conter tanto a emoção como a fugacidade de uma mera volta na montanha-russa que arranhavam sua alma, gerando um permanente desagrado. Procurando apaziguá-lo, *Carolina* ingressava mais e mais em suas fantasias efêmeras.

Ensimada ponderei sobre os ensinamentos de Winnicott (1960/1990) acerca dos quesitos necessários à sustentação da onipotência, condicionada a uma adaptação sensível da mãe às necessidades de seu bebê. Deste modo, a criança pode desenvolver a crença em uma realidade exterior que passa a existir e se comportar de maneira tal a atender seus apelos com uma precisão mágica. E é assim, graças à sensibilidade de uma mãe *suficientemente boa*, em cujo regaço o bebê pode depositar sua onipotência de forma confiante, que, pouco a pouco, a criança pode a ela renunciar. A mãe devotada vê sentido na onipotência do bebê e a alimenta, tonificando ali um ego incipiente com sua sustentação, e, ao mesmo tempo, favorecendo a emergência do *self* verdadeiro. Deste modo, nas palavras do autor:

... O *self* verdadeiro tem espontaneidade, e isto coincide com os acontecimentos do mundo. O lactente pode agora gozar a *ilusão* do onipotente criando e controlando, e pode então gradativamente vir a reconhecer o elemento ilusório, o fato de brincar e imaginar (...). (1960/1990, p. 133).

Indaguei-me se o passaporte para *Carolina* visitar esta região teria sido negado. Ou, quem sabe, uma vez lá, fora convidada bruscamente a sair, sendo preciso arrumar às pressas a bagagem e deixar para trás apetrechos que hoje lhe faltam.

Em meu consultório, a passagem do tempo parecia interrompida e, quando reencontrei o olhar de *Carolina*, apenas assinali o tom de queixume em sua voz pela perda de algo indefinível, mas valioso. Sim, houve muitos danos em sua trajetória e o principal deles ocasionado, ela distinguiu, pelo

fato de hiper valorizar a sexualidade em detrimento de um esforço que a teria levado a aquisições mais consistentes. Fiando-se unicamente na externalidade, equivocou--se pensando que o dinheiro traria colorido à opacidade de sua existência. *Carolina* tardou a notar que precisaria conquistar as coisas de maneira própria, sem depositar no outro a responsabilidade por seu destino.

Com suavidade, a conduzi à época de nossa convivência passada, quando o mito construído a respeito de si mesma começara a ruir e, gradualmente, percebera-se possuidora de uma máscara, que pouco ou nada dizia a seu respeito e vira-se despida de adjetivos substanciais. As vestes, os dispendiosos produtos de beleza, o seio com plástica, tudo isso se tornou secundário, e, aos poucos, emergira a vontade de criar um estofo diferente, reacendendo seu desejo de retomar os estudos.

A despeito do horário tardio, concordamos em sortear mais uma figura antes de encerrar o encontro. Era a prancha da *Reunião I*, um ambiente de trabalho, no qual se vêem reunidas várias mulheres e um homem. A imagem despertou-lhe correspondência imediata com sua falta de experiência nesta área, levando *Carolina* a indagar-me se poderia seguir este fio condutor. Diante de meu aceno afirmativo, discorreu livremente sobre seus anseios malogrados neste campo. Reafirmou seu pesar por ter se desviado do rumo esperado de uma jovem, cobrando-se por ter abandonado, de maneira precipitada, os estudos e começado a trabalhar muito cedo. Embora tenha reiniciado o percurso – “*como você sabe*”, dissera *Carolina* procurando reavivar minha memória acerca daquela etapa de sua vida – há uma defasagem inegável. Caso tivesse feito o contrário,

com quase 40 anos teria uma profissão, tornando escusado submeter-se à provas como aquelas a serem prestadas no domingo seguinte ao nosso encontro, com o fito de angariar um cargo público que lhe assegurasse alguma estabilidade no futuro. Interrompeu-se um pouco para mirar novamente a imagem em suas mãos. Balançou a cabeça e enfatizou a impossibilidade de criar uma história distanciada de sua realidade atual. Não tinha jeito, *Carolina* asseverou, apontando para a prancha e dizendo que a sala representava seu *lado* profissional e, conseqüentemente, uma certa frustração, pois paralelo à felicidade de ter vencido os obstáculos de sua própria insegurança e dos ciúmes excessivos de *César* para cursar o terceiro grau, convivia com a dúvida de ter escolhido a faculdade inadequada à sua aptidão e, pior que isso, com as constantes aguilhoadas de uma suspeita inquietante que a fazia colocar em xeque a existência de qualquer pendor. Ironicamente, sua escolha recaía de início sobre *Administração*, área que parecia acenar-lhe com um variado leque de perspectivas. De maneira gradual, deu-se conta de sua profunda incompetência neste campo, uma vez que não possuía a base necessária e, neste ponto, pude apreender uma transformação em seu relato: não obstante *Carolina* enfatizasse a fragilidade deste seu *lado* ou, mais fielmente, o fato de que nem sequer fora construído, era como se ela descrevesse parte de sua dramática existencial.

Vali-me de sua preciosa deixa para compartilhar com ela minha impressão de que ela usava a prancha para falar diretamente de si mesma, de necessidades e de aspectos muito relevantes de sua vida. Comentei que ela expunha vários acontecimentos que foram ou deixaram de ser feitos,

mas que eu sentia falta da presença dela em todos os fatos referidos. Disse-lhe, ainda que, para mim, ela parecia fazer trazer à baila expressivas questões existenciais que foram preteridas, com prejuízo de si mesma.

Ao pronunciar estas palavras, não estava só. Reproduzia, ao meu modo, a formulação de Winnicott (1988d/2002), a respeito do momento capital do desenvolvimento, quando a criança passa a reconhecer a alteridade dos objetos e do mundo fora de seu controle onipotente, aquisição condensada em uma única frase que o bebê, se pudesse falar, pronunciaria, segundo o autor: *eu sou!* A essência deste postulado, contudo, concentra-se nas prerrogativas necessárias à efetivação desta portentosa conquista:

Mas o importante é que EU SOU *não significa nada, a não ser que eu, inicialmente seja juntamente com outro ser humano* que ainda não foi diferenciado. Não é exagero dizer que a condição de ser é o início de tudo, sem a qual o *fazer* e o *deixar que lhe façam* não têm significado (1988d/2002, p. 9).

Ao término de seu relato, estávamos prontas para nos despedir. Acertamos um novo horário comum, para prosseguirmos na tarefa proposta.

Após sua saída, recolhi-me ainda habitada pela presença de *Carolina*. Repassei na lembrança suas tantas menções ao componente *ilusório*, numa tentativa de demarcar, talvez, uma ausência ou inconstância expressiva da sustentação deste elemento em um estágio crucial de sua trajetória. Sorri ao pensar na alegoria de sua escolha acadêmica, perguntando a mim mesma: o que estaria esta moça tentando *administrar?*

Uma estrela caiu.

Uma semana depois, encontramos-nos outra vez. *Carolina* estava um pouco agitada, desembaraçou-se de suas tarefas domésticas, com pressa, para chegar logo ao consultório. Assim que chegou admitiu ter refletido bastante durante aquele intervalo de tempo, nossos encontros estavam tendo importância vital para ela, admitiu. A probabilidade de seu próprio caminho, de poder contatar novamente seus sentimentos provocou uma intensa emoção em *Carolina*. Agradeceu diversas vezes pela chance, afirmando ter encontrado ali a força necessária à promoção de uma guinada em seu cotidiano. Dispusemo-nos a recomeçar, logo a seguir de um café.

Na primeira prancha daquela tarde via-se a face do *Homem Só*. *Carolina* fitou-a por vários minutos, quieta. Após alguns instantes, disse:

... Esta figura não me diz nada. É um homem. Um qualquer, anônimo. Alguém que você encontra na rua, que esbarra no seu carro. Sei lá. Um homem...

A imagem desta fisionomia masculina pareceu deixá-la confusa, sem palavras para descrever seus sentimentos. Acompanhei em silêncio o evento. Mantendo uma atenção firme naquele rosto, ela conseguiu enunciar, de repente:

... Parece um bandido. Tem os olhos expressivos e estes lábios largos me dão a idéia de uma pessoa má, tem cara até de estuprador.

Espantando-se com a própria afirmação, *Carolina* usando uma curiosa mescla de convicção e dúvida, destacou:

... Com certeza no meu balaio é alguma coisa a ver com a minha sexualidade, me remete àquela *coisa* de auto-agressão, por que será?

A seguir destas afirmações, houve nova fase de quietude, findada quando se lembrou de uma frase que sua mãe habitualmente repete: “*não se chuta cachorro morto*”. Talvez – começou a dizer devagar como se a construir uma hipótese – fosse este o sentido de sua espera, daquele estado de *suspensão* descrito no outro encontro comigo, quem sabe esteja à procura de localizar o momento certo para se desvincular “*do homem*”, seja do *César* ou de qualquer outro. Depois de tantos anos, cria conhecer tudo sobre ele, não havia mais surpresa, nem sonhos. Sentiu muita paixão, mas já não conseguia denominar o sentimento remanescente.

Partilhou comigo suas *conversas* consigo mesma, quando costumava se indagar se ainda gostaria de entrar numa igreja hoje, com 40 anos. Na seqüência, reafirmou seu imenso desejo de encontrar a felicidade de forma plena, desde a mais tenra idade. Com o passar dos anos, contudo, julga que não se deve procurar estas coisas, elas deveriam ocorrer com naturalidade. Lembra-se de seus dezessete anos, quando se apaixonou por *Carlino*¹¹⁴ que, curiosamente, constatou, tem a mesma inicial de *César*. Enlevada *Carolina* tentou transmitir-me o clima daquela relação:

¹¹⁴. Este nome é um deslocamento, cuja sonoridade abriga o real.

... Foi uma paixão de adolescentes, um sentimento puro, aquela *coisa* de *cabular* aulas para andar de mãos dadas nas alas da Cidade Universitária. Dar beijo, nem pensar!

Nostálgica Carolina prosseguiu contando que seu *Cândido* custou muito a autorizar o namoro e a entrada do rapaz em casa. *Carlino*, porém, recusou o convite, pois como *Carolina* não podia sair nos finais de semana, era comum tomar conhecimento, por intermédio de amigas, que o moço circulava com fulana ou beltrana e o que menos queria era assumir algum compromisso. Encontrou-se ainda uma vez com o namorado, quando, ela se lembrava com nitidez, ele assegurou-lhe merecer coisa melhor. Tomada por uma grande comoção, *Carolina* pranteou a decepção, que lhe parecia contemporânea, tal a intensidade da dor ainda ocasionada. Entre soluços, sublinhou que a vivência:

... É tão próxima que parece que eu saí agorinha daquela faculdade para te contar. Depois disso... Vieram os muitos homens, foram tantos que eu não saberia dizer o número exato.

Talvez, divaguei ensimesmada, no rosto deste homem da gravura se congregassem os traços de todos aqueles que passaram pela vida dela, quase sem deixar vestígios. Quiçá o caráter vertiginoso presente naquelas relações fosse uma forma não apenas de se agredir, como uma espécie de confirmação tresloucada da própria imagem que fazia de si? Se por um lado a rotatividade a protegia da vinculação, por outro sublinhava o problema de sua auto-estima, bastante tênue.

Carolina refletia, também absorta em suas recordações. Então, recobrou sua expressão de tempos atrás, sob a forma de uma pergunta para mim:

... Lembra quando eu dizia que era a *comedora*? E de que uma vez você me disse que eu me enganava, pois ao invés de estar *ferrando* o outro, era eu que estava me *ferrando*?

Sua lembrança adquiriu um vulto maior, tão logo partilhada. Constatou que uma atitude deste naipe perpassou toda sua infância e adolescência e sentiu-se muito triste por isso, apesar de se reconhecer diferente na atualidade. Dirigiu-me outra questão, que me pareceu muito próxima a situações identificadas por Winnicott (1971a/1984) como o cume das *consultas terapêuticas*, comunicações cujo caráter inequívoco nos leva a sagrá-las como autênticas expressões do *self*.

... Eu só me preocupava com a aparência, né? Com o *ter...*
e não com o *ser*.¹¹⁵ E isto foi uma violação.

Pensei de novo no conceito de falso *self*, pois *Carolina* abordou, sob várias perspectivas, a mesma problemática, a meu ver: sua luta pela realização de um *si-mesmo* autêntico, soterrado sob camadas de artificialismo, assim traduzida por ela:

¹¹⁵. *Grifos meus.*

... Eu busco, o que eu busco? É a realização afetiva, a profissional? E a realização do ser humano, será que é assim? A gente vem para cá, depois morre e só? Não pode ser só isso, eu procuro por algo mais, tem que haver um sentido maior.

A *violação* assinalada por *Carolina* assemelha-se, para mim, à situações que requerem a reorganização de defesas – em virtude de sucessivas falhas na função principal do falso *self* de criar condições para a emergência do verdadeiro *self* – contra aquilo que Winnicott (1960/1990) denominava “espoliação do *self* verdadeiro”. Em caso de dúvida, uma das saídas é o suicídio. O auto-aniquilamento, que abole o *self* total, no entendimento do autor, é, paradoxalmente, uma tentativa de garantia da sobrevivência do *self* verdadeiro. Sabemos, bem, contudo, que o suicídio não se restringe ao ato. No caso de *Carolina*, a transgressão de princípios arraigados em sua família, aos preceitos morais transmitidos por seu pai – cujo ápice foi a violência doméstica a qual se submeteu – provocou uma erosão devastadora em seu ser,¹¹⁶ mergulhando-a num embotamento constante, que se morte não era, tampouco era vida.

A proximidade da celebração de seus quarenta anos ressurgiu naquela tarde, imprimindo uma premência maior à procura de *Carolina* por um sentido existencial, apresentando-lhe a realidade inexorável da finitude e, ao mesmo tempo, a renúncia definitiva, segundo acreditava, de seu sonho

¹¹⁶. Vale sublinhar que estou trabalhando aqui com a idéia de uma sucessão de acontecimentos que contribuem para o estilhaçamento do *ethos* humano, conforme o Professor Gilberto Safra vem salientando tanto no LET (Laboratório de Estudos da Transicionalidade – PUC-SP), como nas aulas ministradas no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo.

de engravidar. O relógio denunciava para ela, a cada minuto marcado, creio eu, que havia pouco tempo agora, urgindo uma tomada de posição.

Lembrei-me de mencionar à *Carolina* a necessidade humana de encontrar expressão no mundo, como se estivéssemos sempre à espreita de uma oportunidade para reconhecer e expressar nossos talentos. Como resposta, *Carolina* passou a falar de suas origens, declarando estranhar seu gosto pela limpeza e organização, inversas à bagunça da casa materna. Jamais colocaria uma panela na mesa, exemplificou. Apesar de nunca ter freqüentado cursos de etiqueta, prestou atenção e aprendeu a dispor garfos, facas e copos corretamente. Numa hipótese de eu ir à casa dela, nunca me serviria sorvete no pote, ou uma sobremesa em prato lascado. São atividades prazerosas para ela, gosta de ver tudo limpo, arrumado, julga-se minuciosa e detalhista. E aí, se perguntou no que resultara tanto detalhamento, uma vez que se tornou uma *chata*, procurando sujeira pelos cantos, verificando o pó dos móveis, virando as roupas do avesso para examinar as costuras.

... Eu já falei isto aqui para você, a roupa pode estar bem costurada por fora, mas por dentro? Por dentro eu acho que é o principal.

Carolina pareceu, naquele instante, espelhar minha suposição, demonstrando com suas palavras intuir que o essencial não se encontrava no exterior, mesmo quando rotulado por uma grife de renome.

O homem, então, disse *Carolina* retornando à gravura:

... Remete-me a tudo que vivi e busquei e ao tanto que me violentei. Agora tenho consciência de estar infeliz, estou só protelando, pois moro de favor no apartamento do meu cunhado. Preciso encontrar meios de garantir meu próprio sustento. Só preciso, agora, arrumar o tabuleiro para dar o xeque-mate.

Carolina retrocedia à disposição organizada, seja da mesa, seja das peças. Recuperamos, juntas, a lembrança do tempo dispendido por ela, nos finais de semana, com a meticulosa limpeza dos azulejos ou das hastes do ventilador com cotonete, em um dos períodos em que tentou separar-se de *César* e voltara para a casa da mãe. Com aquele fazer compulsivo *Carolina* procurava calar o tumulto interno, a organização excessiva como uma face avessa de sua perdição naquele terrível momento. Com aquelas atividades frenéticas distraía-se de si e distanciava-se da própria experiência, com um alto ônus, porém.

Carolina com tanta dor guardada nos olhos lamentou:

... Você está certíssima em sua lembrança eu nunca quis encarar a realidade das coisas, eu sempre fugi, fiz cara de estátua, eu nunca encarei o fato, sabe? Eu jamais pensei que o futuro pudesse se voltar contra mim. E agora, ele virou meu carrasco, é o que está acontecendo.

O tempo passou na janela e agora *Carolina* vê.

Carolina tem notado mudanças no comportamento das pessoas, confessou-me constrangida. Quase de repente, passaram a tratá-la por senhora e, é inegável, o espelho mostra-lhe, a cada dia, nova ruga.

Sublinhei, de forma delicada, que não há como escaparmos destes reflexos. Ela acatou minha observação como verdadeira e adicionou estar atenta a seu apego no passado, talvez contraposto ao sentimento “*dos quarenta*” que é muito forte. Embora desconfiasse que diria uma besteira, como não queria esconder nada de mim, revelou, em seguida enrubescendo, seu temor de que o tempo restante fosse insuficiente para realizar aquilo que gostaria nos próximos dez ou quinze anos. Abaixando o tom de voz, advertiu que “*escancararia*” seu coração.

... Sabe? Sempre fui extremamente vaidosa e ciumenta, desde os tempos de criança, ficava inconformada quando ganhava uma blusa vermelha ao invés de azul, como a de minha irmã. Por que ganhei a vermelha? Sempre perguntava para minha mãe.

Seguiu contando ser habitual a repetição de episódios do tipo descrito acima, na família dela. Entretanto, a despeito do tom jocoso, continuava acreditando que sua irmã era mesmo a mais bonita e a mais protegida. Afinal, sempre teve a sensação de querer estar constantemente em primeiro lugar, tanto em termos afetivos como profissionais. Na verdade, sintetizou:

... Gostaria de fato era de ter sempre aos meus pés um homem que satisfizesse todos os meus desejos, que *babasse* por mim!.

Após a exclamação *Carolina* lembrou-se da discussão ocorrida entre ela e *César* durante o final de semana, quando lhe atirou no rosto que há doze anos ela aguardava uma única atitude, muitas vezes protelada por ele: a de assumi-la como esposa. Esperou este gesto dele, no fundo – constatou naquele instante, dirigindo-me um olhar profundo – era *apenas este* e não aconteceu. Calou-se um pouco, como se absorvesse o conteúdo daquela comunicação. Talvez, começou a dizer, titubeando. Quem sabe, nem quisesse mais. Após nova pausa, afirmou estar vivenciando um momento bastante singular, pois *César* não mais lhe despertava medo, constatação que tem um grande valor para si. Antes, ela anunciou, escolhendo as palavras com cuidado, como se jamais as tivesse dito nem para si mesma:

... Eu me sentia inferior diante dele, como se fosse um verme. Agora, porém, a presença dele não mais me inibe. Talvez... Minha mãe tenha razão. Se fico na relação ainda, é porque *não se chuta cachorro morto*.

Tudo isso foi dito rapidamente, como se *Carolina* quisesse fazer o máximo uso daquele nosso encontro e do espaço compartilhado, ciente de que o tempo passava ligeiro. Aceitando sua urgência, aquietei-me cedendo lugar à sua necessidade imperiosa de expressar os sentimentos, guardando minha impressão de que a certidão de casamento poderia ter um sentido mais profundo, para *Carolina*, além da legitimação de seu vínculo com *César*. Para seu ser, parecia-me adquirir contornos de um batismo, uma declaração pública de seu nascimento, ainda que na qualidade de esposa.

Em suma, um atestado de aceitação incondicional emaranhada no cerne de suas necessidades mais arcaicas.

Eu esperei um gesto durante anos... *Carolina* repetiu, e continuou falando seguindo o fio de suas recordações:

... Porque ele tinha saído do casamento anterior, alegando que a mulher dele não servia e depois foi aquele *casa e separa* interminável, toda aquela loucura e depois a doença dele. Eu queria que ele dissesse, *olha, espera um pouquinho, amanhã ou depois podemos nos unir, aguarda*. Eu queria muito uma pequena atenção, um mimo qualquer, podia ser um e.mail ou um botão de rosa, tanto faz, desde que existisse. Mas não aconteceu.

Respirou fundo, tentando ordenar sua fala convulsa. Acalmou-se um pouco e reconheceu que toda história tem duas versões, chegou até a brincar comigo dizendo que, se fosse o *César* a estar sentado ali, em seu lugar, certamente descreveria outra situação, lembrando-se, de repente, que ele vivia a ressaltar a ascendência italiana dela, cujos efeitos se expressam em *Carolina* por meio dos traços inflexíveis de sua personalidade e de sua intempestividade. Mas é o seu jeito, alegou firmemente, concluindo a frase:

... Quando eu vi a figura do homem, este homem não me dá nada, ou me dá tudo, não me remete a nada, ou me remete a tudo.

Pensei eu que o tudo fornecido por *César* transformara-se em nada, esgarçando-se na inconsistência do *ter* do qual era nutrido.

E *Carolina* ensaiava, pareceu-me então, um gesto próprio, rumo ao seu *ser*. Encerrando sua comunicação, quando eu estava para entregar-lhe a próxima figura, ela fixou bem o olhar em meu rosto, garantindo num tom que visava não deixar margem à dúvida:

... Eu não estou mais naquela: você tem que me amar, você tem que me amar.

O Pranto Nada Vai Ajudar.

Passamos à segunda figura daquele dia: *os operários. Carolina* sequer titubeou, bastou-lhe um olhar para dizer: “*esta é a construção de minha vida, a obra inacabada de minha vida.* Ali, na gravura, apareciam homens trabalhando, mas trazia para si a imagem, reconhecendo o quão pouco ou quase nada construiu, não traçou projeto para sua existência. Idealizara-se demais, preocupando-se apenas com o lado agradável da vida, ou com aquilo que julgava bom à época: ter namorados, ganhar algum dinheiro para sustentar suas vaidades, para conquistar mais homens. Porém, ela falou, com a voz entrecortada por um doloroso pranto:

... Ignorei a construção interna, o meu futuro. Jamais trabalhei meu alicerce, eu não fiz a minha laje nem pus o meu telhado, agora eu estou aqui, à mercê de chuvas e tempestades....

Ela se recostou na parede, chorando baixinho por um longo tempo. Condoí-me de seu desalento, enquanto refletia no que era, a meu ver, uma metáfora de aspectos expressivos de seu ser. Concebi uma cena, em minha mente: sem chão, sem teto e com frágeis vigas de sustentação, *Carolina* balouçava ao sabor dos ventos e convivia com uma indefinível, mas sempre próxima ameaça de uma borrasca, que poderia subtrair-lhe de vez o solo sob os pés.

Pensando alto, respondendo ao seu olhar, formei outra imagem que compartilhei com ela. Sua descrição evocara-me um prédio erguido às pressas, sem planejamento prévio e que fora abandonado antes das obras serem concluídas, apresentando-nos a visão de uma estrutura vazada, repleta de buracos. Completando meu traço, um pequeno rabisco feito no ar, *Carolina* declarou:

Por mais bonitinho que ele tenha sido por fora, hoje ele é completamente oco. Vazia, é assim que me sinto.

Carolina se confrontava, imaginei, com a precariedade de seus próprios recursos, que nela se expressava como uma espécie de letargia, tornando-a refratária à própria vida, como se estivesse imune aos eventos do mundo. Não era exatamente infeliz, segundo constatou, mas também há muito desconhecia a sensação de um frêmito de prazer percorrendo sua espinha. Por vezes, atribuía este seu estado à chegada na meia-idade, em alguns momentos julgara que tudo isso seria resultado de suas opções atabalhoadas. Em outros ainda, confidenciou com certa relutância, pois era a pior das alternativas, suspeitava que mesmo que tivesse estudado e seguido uma carreira, ou escolhido outro parceiro, ainda assim conviveria com esta opressão no peito, seria *a mesma coisa*, declarou, pois:

... A força do que não vivi, o que *eu não vivi tem força*.

A dramaticidade de sua frase surpreendeu-me, fazendo-me supor que, nos moldes do que Winnicott recolocou em 1965, *Carolina* fizesse alusão a acontecimentos que *não puderam ser vivenciados*, pelo simples

fato de não haver alguém lá para experimentá-los, uma vez que tiveram lugar em um estágio bastante primitivo do desenvolvimento. De acordo com esta hipótese, nestas fases arcaicas há determinadas agonias de tal magnitude, dentre elas o medo da loucura, que são da ordem do impensável. Nas palavras do próprio autor:

... Sua intensidade acha-se mais além da descrição e novas defesas organizam-se imediatamente, de maneira que a loucura, de fato, não foi experienciada. Por outro lado, contudo, *ela foi potencialmente um fato* (grifo meu, 1965a/1994, p. 100).

Retive comigo o forte sentimento de que *Carolina* evocava eventos deste porte, nos quais uma sustentação confiável falhou. Igualmente, guardei a impressão de que a premência em suas comunicações derivava de uma íntima crença de poder usar aquele preciso momento, de compartilhamento de experiências entre nós, para restaurar aspectos expressivos de seu *self* depauperado.

O Barco Está Partindo.

Nosso encontro estava quase acabando, só faltavam duas pranchas para serem apresentadas. Peguei a penúltima ilustração, a de um grupo de homens e mulheres juntos, que tanto poderia ser uma reunião de trabalho como de estudos. Também neste caso, *Carolina* classificou o encontro das pessoas como profissional, afirmando que aparentava ser uma reafirmação de que este seu lado estaria “*pegando forte*”. Acrescida, além disso, da necessidade de tomar decisões importantes. Reiterou sua grande insatisfação e insegurança neste âmbito, concomitante a um grande temor de jamais descobrir seu real interesse. Medo que a remeteu às sensações de infância, as quais:

... Tudo é desmesurado, os adultos são fortes, os móveis são grandes, a casa da avó é colossal. Hoje parece lógico, se pensarmos em nós mesmos tão pequenos em relação a tudo aquilo que nos circunda.

Seu receio tem, pois, esta dimensão, difícil de mensurar em palavras e, lentamente, *Carolina* começara a distinguir que não se limitava apenas ao âmbito profissional, acabava abrangendo outras áreas de sua vida: a afetiva, a familiar e a dos amigos. Ela garantiu estar convicta quanto à necessidade de efetivar certas medidas, para seu próprio bem. Quase sussurrando, ela preparou meu espírito para outra confidência, dizendo:

... Eu tenho muito medo de perder o César, estando com ele.

A seguir, *Carolina* sublinhou que este seria o momento propício para alterar o rumo de sua trajetória, de se separar de *César*, agarrar-se em alguma coisa, talvez uma meta profissional, principalmente para poder ainda preservar na lembrança boas recordações desta experiência. Apesar dos atropelos e das tempestades, *Carolina* destacou a importância deste vínculo em vida, justificando, de certo modo, sua dificuldade em rompê-lo, a despeito de todos os percalços que o permearam.

Percebi uma nítida transformação no rosto de *Carolina*, ante sua própria constatação da inexorabilidade deste rompimento. Com a voz triste, ela prosseguiu lembrando que a enfermidade dele não fora de todo uma surpresa, afinal fumando quatro maços de cigarro por dia, trabalhando como um louco e bebendo na mesma proporção durante anos, não se poderia esperar destino diferente. Ela o alertou muitas vezes para esta perspectiva, sem resultado. *César* parecia acreditar-se imune, chegava todas as noites embriagado em casa, isto quando eles estavam bem posicionados, ainda, na vida, pois residiam em um apartamento localizado em bairro nobre da cidade. *Carolina* começou a dizer que não deveriam ter se mudado para aquele lugar, bastante acima da *real* condição de *César*, mas era inútil agora, ela afirmou, advertindo a si mesma, elencar tudo o que não deveria ter havido, o fato é que foi assim.

Assinalei para *Carolina* que ela e *César*, pautados em suas próprias fantasias, pareciam ter vivido, de modo muito semelhante, um mundo inexistente, bem distante do que a realidade apresentava. Os desenganos intrínsecos à existência promoveram um abalo nestas crenças, tornando a

convivência mútua, em bases mais concretas, insustentável. *Carolina* meneou a cabeça, dizendo:

... Eu não gostaria de ver o *César* morrer, não gostaria. Ele foi uma figura muito importante em minha vida.

Absorvendo sua comunicação, fiquei a pensar se sua relutância seria pertinente à aceitação da *morte de uma relação encantada*, mas nada disse, aguardei que ela enveredasse pelo caminho que bem desejasse. Ela se calara, pensativa e, após alguns instantes, quando declarou que seria muito difícil até mesmo recuperar a emoção que sentia outrora por *César*, pareceu ecoar minha suposição. Pedi, então, licença para descrever seu final de semana, o que me fez assegurar-lhe a possibilidade de usar o espaço como melhor lhe aprouvesse. Seu pedido continha, em meu entendimento, um tom subordinado, que me instigou a seguinte questão: teria *Carolina* pré-estabelecido uma regra? a de se comportar bem frente a mim *sem poder ser ela mesma?*¹¹⁷

Ante minha *autorização*, ela contou-me, não sem antes de deixar ao meu critério usar ou descartar as informações, que ela e *César* haviam transado depois de um largo período de abstinência, decorrente do enfarto dele. Desde então, a relação sexual ficou muito limitada, ambos tinham medo de se excederem. Mas, desta vez foi, excepcionalmente, bom como há muito tempo não era. O contato andava morno, uma espécie de compaixão, sentimento muito diferente daquele grande fogo anterior, da

¹¹⁷. Tenho em mente a refinada formulação de Winnicott “Quero ser eu mesmo e me portar bem” (1962a/1990, p. 152), que alude, segundo creio, a linha demarcatória entre, de um

intensa atração física que os levava a transar todas as noites. *Carolina* declarou enfaticamente:

... Eu sempre gostei da coisa e encontrei um cara que me satisfazia, então era uma loucura.

Carolina, embriagada em suas recordações, prosseguiu o relato, enfatizando sua necessidade de viver emoções arrebatadoras, acaloradas, uma vez que a placidez jamais foi o seu ponto forte.

... A coisa para mim tem que ser forte, quando o prazer vem, quando eu sinto mesmo, derruba até prédio, não tem aquela de um *ai pequenininho*, tem que ser um *AI* com maiúscula mesmo para ter graça.

E tinha sido essa a sensação no sábado, embora fugaz. *César* sempre repetiu, contou-me, que ela possui um componente masculino muito forte, pois, ela resumiu em uma frase, com um indisfarçável ar de orgulho:

... Sabe aquela coisa de virar as costas depois de satisfeita?

Carolina afirmou prescindir daqueles momentos de troca e de carinho, tão valorizados habitualmente pelas mulheres. Para ela a relação tem começo, meio e o fim. Fim é *acabou e pronto*. Esta constatação gerou uma pergunta em *Carolina*, afinal, teria ela amado *César* ou fora uma paixão tão somente? Voltou a insistir na premência de sair em breve desta relação, para não ver *César* morto, temia vê-lo num caixão, não desejaria sequer

lado, adaptarmo-nos às exigências da cultura, permanecendo fiéis a nós mesmos *versus* a

presenciar outro enfarto, a probabilidade, sendo ele, também, diabético, é bem maior do que anteriormente. Entretanto, *César* não se dispõe a cuidar da saúde, nem a desenvolver atividades físicas. Por exemplo, ficaram sócios de uma academia, mas ele não a frequentou durante um ano. Foi apenas quando ela se determinou a ir sozinha que ele, por ciúme, começou a acompanhá-la. *Carolina* reiterou sua disposição de abandonar *César*, que, porém, convivia com sua vontade de que ele fosse feliz, pois se deu conta de uma insatisfação implícita nos atos dele, traduzida por *Carolina* na seguinte sentença:

... Por mais que a gente tenha se adorado e quase se matado, Jaci, e eu sei que nós tivemos uma grande história, agora acabou.

Segui o relato de *Carolina* percebendo as várias menções ao tema da iminência do rompimento, como se ela buscasse acomodá-lo em si mesma, expondo-o para mim de vários jeitos. Mantive em vista que, igualmente, nós estávamos prestes a nos despedir. Ela persistiu descrevendo os eventos do último final de semana. Logo depois de terem feito amor, um dos filhos de *César* telefonou para solicitar a compra de um ingresso para um show em um grande estádio. O comunicado sucinto de *César* provocou uma enorme discussão, pois *Carolina* pressentia que, como em muitas vezes anteriores, o menino terminaria prolongando a estadia, almoçando, passando o domingo com eles e exigindo uma carona de volta no final da tarde, com o pai. O problema não era a presença do *enteado*, mas sim o fato de *Carolina*

submissão reativa às demandas do ambiente.

se sentir desconsiderada, uma pessoa sem a menor importância e sem a mínima influência nas decisões e na vida de *César*, mesmo depois de tanto tempo de convivência. *Carolina* ficou furiosa por ser avisada, na última hora, dos compromissos assumidos por *César*. Foi este clima que fomentou as acusações de *Carolina* acerca de seus doze anos de espera por uma formalização da união deles que nunca chegou ao término. *Carolina* admitiu, uma vez mais, seu ciúme, reiterando seu desejo de exclusividade. Mas, no caso da relação dos dois, assegurou que só gostaria de ser comunicada, de terem um diálogo para decidirem juntos as coisas no que se referia à rotina doméstica. *César* acusou-a de egoísmo, de só pensar no próprio bem estar, mas, esta camisa, ela não vestiu. Ao contrário, lembrou-se das inúmeras vezes nas quais emprestou o carro para os filhos dele, tendo depois de ir buscá-lo no elegante bairro onde residiam, de táxi, e encontrá-lo sem uma gota de combustível, pois, segundo ela:

... Os meninos chupavam até os ossos do pai e continuam sendo assim até hoje, apesar das restrições financeiras. O *César* me critica por ser organizada demais, por querer tudo em ordem e vive dizendo que não gosta de programar nada com antecedência. Por isso, eu retruquei, encerrando a discussão: as coisas estão do jeito que estão.

Penso que, em um outro ângulo, *Carolina* enfocava o problema das falhas – no entendimento, no planejamento prévio, nas demonstrações de afeto – responsáveis pela erosão em seu relacionamento e em sua existência.

Só restava a última prancha. Ofereci à *Carolina* a oportunidade de uma interrupção, mas ela optou por seguirmos direto. Nesta imagem vislumbra-se uma mulher pensativa. *Carolina* emocionou-se, relacionando a figura com:

... A pureza do meu ser.

Lembrou-se da época em que conheceu *César*, das muitas esperanças perdidas. Esta evocação a conduziu novamente para o último sábado e relatou que, após a briga, resolveu ir visitar sua mãe para diluir um pouco a angústia. Expressou, de forma acalorada, o desejo de ter me encontrado logo a seguir para conversar, no próprio dia em que tudo aconteceu. Estava muito triste e decidira, num ímpeto, passar em frente à casa do namoradinho de adolescência e, de lá, visitou outras tantas lembranças de sua infância: a casa do *sapatão* que a agarrou no banheiro da escola – agora pode dizer isto, na época ficara muito assustada, era bastante inocente então – a farmácia em que trabalhou, a residência de uma amiga cujo paradeiro ignora. Anos depois, viu a moça homossexual em uma *Parada Gay*, notou, de relance, que estava acompanhada, mas só conseguia focá-la, em mil anos, não poderá esquecer aquele rosto masculinizado. No momento em que decidiu cumprimentá-la, foi interceptada pela chegada de *César* e constrangeu-se. Esta moça pertencia ao seu passado, assim como o rapaz a que se referira. Comovida *Carolina* continuou a partilhar expressivas recordações de sua vida.

Não se lembrava se havia perdido a virgindade com aquele primeiro namorado, houve outros namoros antes, mas não era isso que importava, mas sim o triste sentimento de perda de sua pureza, bem como de seu sonho de se casar virgem. Nem um, nem outro. Mas ela, naquele instante, desejava saber a razão de seu impulso ao regressar àquele lugar. *Carolina* ficou ofegante e, olhando-me fixamente, como a exigir uma resposta, exclamou:

... Ai, meu coração Jaci, nossa! Eu queria muito falar tudo isto para você, meu coração veio na boca, eu passei umas quatro vezes em frente da casa, nem sei se mora alguém lá, queria saber o que eu procurava lá.

Aguardei um momento e presenciei sua emoção. Transmiti-lhe minha impressão, de que ela, retornando ao lugar onde tudo começou, parecia ter regredido no tempo à procura de si mesma, daquela adolescente ingênua e expansiva. Relatando-me, contudo, podemos verificar que não estava sozinha neste percurso, durante todo o trajeto me levou como testemunha de seus passos, de sua tentativa de encontrar sentido para a dramática de sua existência, para a perda de valores tidos como fundamentais, como a virgindade, a honestidade e o amor de um homem simples, como era o de seu pai.

Respondendo às minhas palavras, *Carolina* pensou no noivo que desprezara no passado e que, até bem pouco, afirmava seu desejo por ela, acenando com mil promessas de realização sentimental. Entretanto, estas declarações lhe soavam como uma grande engodo, pois *Carolina* julgava ser

capaz, ao menos, de discernir que um rapaz, com dois casamentos desfeitos e quatro filhos, poucas chances teria para atender seu veemente anseio de ser a *número um* na vida de alguém.

Por outro lado, admitiu sentir que existia uma pendência entre os dois. Balançando tristemente a cabeça, falou quase para si:

... Não foi só a pureza que perdi, eu perdi a mim mesma, muito tempo atrás.

Não poderia negar, entretanto, que a insistência do rapaz mexeu com sua vaidade, apesar de estar convicta de que seria apenas uma *transadinha* e nada mais. E, encerrando o assunto, afirmou com ênfase:

... Esta consciência de que eu seria usada, me faz resistir aos apelos dele, pois não quero, nunca mais, ser submetida a situações que me degradem.

Eram quase 20h00. *Carolina*, após consultar o relógio, alongou o corpo, espreguiçou-se e anunciou, com um certo desagrado, que precisaria ir embora. Levantamo-nos e ela, num tom solene, assegurou-me da enorme relevância que estes encontros tiveram em sua vida, incitando novas reflexões e – esperava – mudanças expressivas. Ser-me-ia sempre grata, preservando-me em sua lembrança como alguém que muito a auxiliou a encontrar e valorizar a si mesma.

Fui tocada pela intensidade de seu apreço. Abraçamo-nos e ela prometeu telefonar-me, se precisasse de uma palavra especial. Ao vê-la afastar-se, permaneci alguns minutos na calçada, pensativa, perguntando-

me se o destino nos colocaria frente a frente outra vez e em quais circunstâncias. Sorri interiormente, reconhecendo em mim, por razões ignoradas, uma súbita necessidade de prever o imponderável. Voltou-me à memória a frase, várias vezes repetida por *Carolina*, uma espécie de justificativa para a conservação do vínculo com *César*: *não se chuta cachorro morto*. Mas, afinal, pensei, *César vive ainda*, mesmo que *Carolina* pareça incapaz de reconhecer nele algum vestígio da pessoa que ele foi, de vislumbrar em si algum resquício da amorosidade de tempos idos. A pulsação do vínculo é hoje arritmica, quase inaudível. O certo é que só dependerá dela ficar ou abandonar *César*. Contudo, desejei com sinceridade que, independente da decisão, o essencial é que advenha de um *gesto autêntico*.

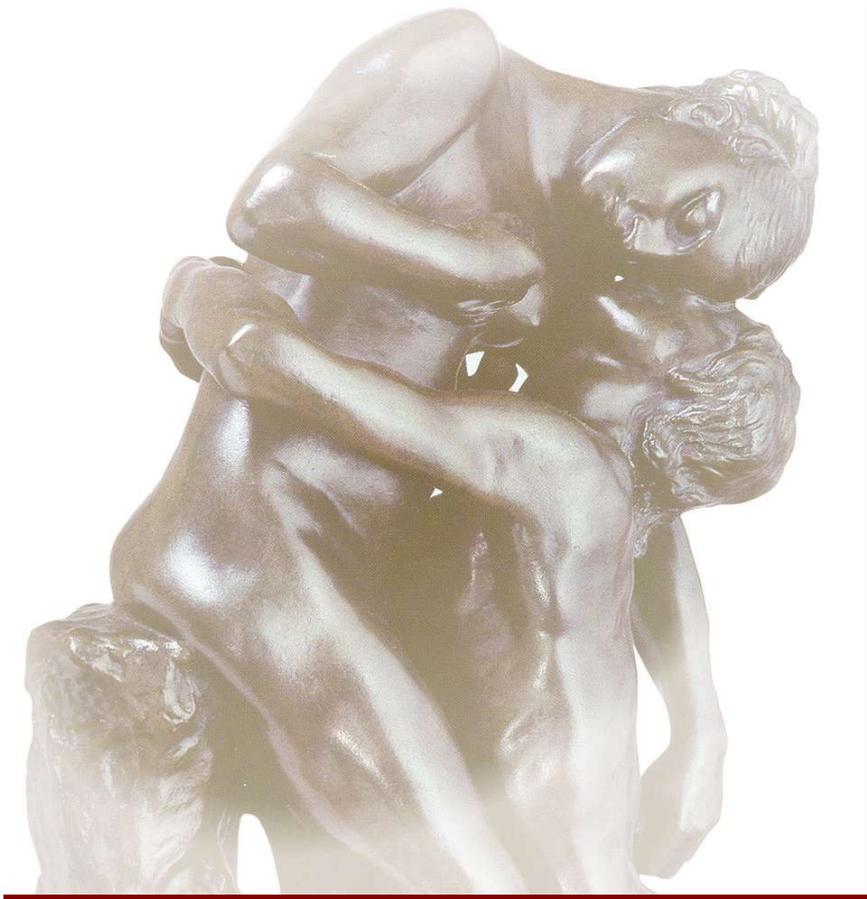
Durante o preparo de minha refeição noturna, notei o quanto estava ainda afetada pela presença de *Carolina*, tal a pregnância de suas comunicações. Reconhecendo a densidade das experiências compartilhadas, preencheu-me um sentimento de que ela pudesse se apresentar despida de alguns de seus disfarces habituais para transitar no mundo, desde seus mais íntimos anseios e sonhos às suas covardias e limitações. Do mesmo modo, emergiu a extensão de seu desamparo.

A veemência destas ocorrências inspirou-me um *uso*¹¹⁸ diverso de uma afirmativa de Lukács (1965) de que tão somente na concretude é possível a demonstração dos triunfos e derrotas do homem sobre o mundo.

¹¹⁸. A palavra *uso* é utilizada neste contexto consoante as formulações teóricas winnicottianas (1971d/1975).

Estou certa de que a sustentação fornecida nos encontros com *Carolina* criou um campo favorável para que o empenho humano aparecesse em toda a sua potência. Porém, estou ainda mais convicta de que foi ao fraquejar que a protagonista destes eventos dramáticos dos quais, como ouvinte privilegiada, fui coadjuvante,¹¹⁹ adquiriu elevada dimensão humana.

¹¹⁹. Emprego o termo *coadjuvante* como *adjetivo*: aquele (a) que coadjuva, auxilia ou concorre para um fim comum.



Desfecho

A pesar do título, longe de mim um remate. Ao contrário, a trajetória investigativa, descerrando sentidos sequer suspeitados, além de derribar algumas hipóteses cogitadas no início desta pesquisa, impulsionou-me a um movimento oposto, de abertura. Próxima do término, retorno ao começo e concordo, mais uma vez com Winnicott de que “... chegar a um fim é chegar a um início” (WINNICOTT, 1989/1994).¹²⁰

No princípio, meu intento era o de empreender um estudo das expressões da *Mulher*, entendida como *personalidade coletiva*, sobre o tema do padecer no âmbito amoroso, por intermédio de contatos pessoais. A

¹²⁰. Citação já referida (Clare Winnicott, 1989/1994, p. 3).

estratégia de pesquisa foi concebida tendo em vista a singularidade dos encontros aos quais estava me propondo e, para tanto, foi imaginada uma espécie de *intermediação* favorecedora de um campo propício ao surgimento das manifestações simbólicas a respeito desta temática.

O preparo da *materialidade* a ser ofertada para a *Mulher* implicou na seleção prévia de algumas cenas prosaicas do cotidiano contemporâneo, resultando na confecção de *sete pranchas* nas quais se estampavam várias pessoas em situações profissionais e de lazer. Dentre elas, a figura de uma mulher em atitude contemplativa que era para mim emblemática e eu a escolherei supondo que seria a mais afeita a instigar associações vinculadas ao problema enfocado. Acreditei, de forma equivocada, que os demais *quadros* não possuiriam o mesmo poder evocativo por mim atribuído àquela imagem em especial.

Na concretude dos encontros e das experiências inter-humanas, ao longo do percurso, evidenciou-se para mim a potência da metodologia norteadora de meu *Jogo do Rabisco* peculiar. O artifício investigativo terminou por surpreender o próprio investigador, pois a *Mulher* encontrou maneiras de se presentificar e de apresentar aspectos de sua subjetividade, de maneira bastante criativa, tomando, em cada *prancha*, elementos adequados à expressão de nuances diversas de sua *personalidade*.

A título ilustrativo, saliento a efígie do *peão*, localizada na *prancha da construção civil*, eleita pela *Maratonista* para acentuar *aspectos dissociados* ou *não acontecidos de seu self*, que apontou, em meu entender, para eventuais falhas no atendimento às necessidades básicas em estágios muito primitivos do desenvolvimento maturacional. Com igual intensidade,

causaram-me espanto as associações suscitadas por uma das pranchas de *reunião*, imagem para mim quase anódina e que serviu de mote para a *Maratonista* esquadrihar episódios cruciais de seu convívio matrimonial. Deste modo, minha preocupação originária mais centrada na idéia de um sofrimento amoroso como triangulação edípica e, portanto, relativo à *peçoas inteiras*, transformou-se à luz das formulações winnicottianas e conduziu-me para dimensões propriamente existenciais do ser.

Buscando subsídios para esta nova conjectura, procurei refletir sobre o apego amoroso em termos de relacionamento primitivo, e, em decorrência,



de *dependência quase absoluta*, levando em conta o postulado de Winnicott de que a constituição de qualquer pessoa, homem ou mulher, condiciona-se ao

suprimento básico das necessidades da criança no berço de seu desenvolvimento maturacional. Como se sabe, a presença, ausência, inconstância ou ocasionais falhas nesse provimento primordial ao bebê pela mãe, influirá de maneira substancial na qualidade de seus vínculos afetivos futuros.

Diferentemente de concepções psicanalíticas mais tradicionais, é imprescindível ressaltar, neste ponto, que, para Winnicott, o erótico não se constitui como terreno apartado do afeto humano. Para acompanhar o fio condutor das associações que serão propostas, será necessário deter-me

um pouco em algumas noções basilares do pensamento do autor. Em primeira instância, lembrando que Winnicott concebe o amadurecimento humano como um processo, ao longo do qual o bebê, auxiliado pelas condições auspiciosas do ambiente, estabelece, de maneira gradual, em resumo: a relação com a realidade externa, a integração do *si-mesmo* como unidade, a partir do estado de não-integração e o assentamento da psique no corpo (WINNICOTT, 1988e/1990, p. 119-120). Tais experiências vinculam-se ao *período da primeira mamada teórica*, compreendido como uma série de mamadas realizadas segundo um padrão. Com esta expressão, segundo acredito, Winnicott buscou enfatizar o caráter crucial da constância do ambiente na identificação e atendimento às necessidades básicas do bebê nesta etapa do desenvolvimento. É neste alicerce que brota a *ilusão*, terreno encantado no qual a criança onipotente necessita e o mundo atende, numa coincidência precisa, cuja consecução, a despeito de sua complexidade, está ao alcance de qualquer *mãe devotada comum*.

Nestes momentos de relativa tranqüilidade, advinda da satisfação das necessidades, deverá surgir uma progressiva tensão instintiva que, por sua vez, dará origem a efetivação da criatividade primária do bebê. Ambos os estados – tranqüilos e excitados – são necessários ao estabelecimento da continuidade de ser do bebê. É válido acentuar que o estado excitado lança as bases para o gesto pessoal e espontâneo que, num momento posterior, possibilitará à criança:

... Criar o mundo a partir do impulso originado de sua necessidade, ou, dito de outra forma, a partir de seu próprio gesto espontâneo. Assim, o processo de ilusão adquire configuração. (...). A integração dos estados tranquilos e excitados se constituirá no estágio da dependência relativa, quando o bebê, após ter vivido incontáveis situações de ilusão, for capaz de atravessar o processo de desilusão. No decurso deste processo, a necessidade será transformada em desejo (LESCOVAR, 2001, p. 133).¹²¹

No segundo estágio do desenvolvimento, o da dependência relativa, junto com a transicionalidade, estabelece-se a capacidade de estar só, o uso do objeto, a conquista do estágio do *Eu-Sou* e a fase de preocupação. Vale observar que Winnicott recolocou as questões desenvolvidas por Freud à luz de sua conceituação de *psique*, no que se refere à *elaboração imaginativa* das funções. Assim, em relação à fase oral, por exemplo, ele preconizou que as elaborações imaginativas *não poderiam ser eróticas* e nem sequer deveria-se levar em conta a existência de fantasias, em virtude de não haver ainda um *si-mesmo* constituído, ou um corpo integrado à personalidade total (LESCOVAR, 2001).

Estas idéias me foram inspiradas pelas histórias da *Mulher*, principalmente àquelas instigadas pela prancha *Os operários*. No conteúdo daquelas narrativas em especial, despertou-me a atenção a abundância de

¹²¹. O autor destaca que da experiência de excitação e de encontro com os objetos subjetivos, favorecedores da integração do bebê por suas próprias sensações e motilidade, há o retorno para o estado tranquilo, até que um novo impulso venha a emergir. Estas aquisições estão estreitamente associadas, pois a possibilidade de viver os impulsos acompanhados do gesto espontâneo como reais e pessoais vincula-se ao fato de, em algum momento, o bebê ter podido permanecer não-integrado, sob a dependência e o estabelecimento da confiabilidade. Por outro lado, são as experiências onipotentes e de criação que facultam o regresso gradativo ao repouso (LESCOVAR, 2001).

imagens alusivas às fundações, variedade de materiais passíveis de serem utilizados em assentamento de prédios, solidez ou instabilidade do solo, no caso da *Maratonista*. E, em *Carolina* incitando uma identificação direta com a sua dramática existencial – *a edificação precária e incompleta de sua vida* – provocando-me as reflexões que ora busco expor. Anuncio, desde já, que, embora plenamente cônica da existência, em todos os relatos, de conteúdos que facilmente poderiam ser interpretados no contexto da constelação edípica, tomei estes *acontecimentos* à luz da conceituação de Winnicott atinentes ao estágio da dependência relativa, no qual, conforme detalhado, *a noção do si-mesmo é ainda incipiente*. O Complexo de Édipo é uma configuração cuja prerrogativa é a capacidade do indivíduo já poder viver como uma unidade – uma pessoa total entre pessoas totais – com todos os percalços que o enfrentamento da alteridade requer. Esta argumentação, não é demais explicitar, voltada aos primórdios do desenvolvimento humano, enraíza-se tanto em minha clínica como em minha pesquisa e, além disso, pauta-se por uma concepção antropológica do homem como um ser criativo que tende naturalmente à realização de suas potencialidades, desde que lhe seja disponibilizado um ambiente facilitador.

Estou, portanto, trabalhando com a hipótese da *falta de amadurecimento de certos indivíduos, em virtude de não terem podido viver afortunadamente o período da dependência relativa*, no transcurso do qual a mãe deveria, de forma sensível, promover uma desadaptação gradual às necessidades de seu bebê. Winnicott evidencia que, neste estágio, a criança começa, de certa forma, a adquirir consciência de sua dependência,

tornando-se ansiosa, em um exemplo, quando um distanciamento da mãe superar a capacidade que tem de acreditar em sua sobrevivência e em seu retorno para o bebê (1963a/1990).

Retomando a questão da assiduidade do cuidado materno, a fase de transição entre a *dependência absoluta* e a *dependência relativa* requer da mãe uma dosagem acurada e sistemática da realidade, em um afinado diapásio com a necessidade da criança, sustentando a ilusão ou desiludindo-a e, em decorrência, protegendo-a de circunstâncias invasivas, tendo como perspectiva o custeio de um sentimento de continuidade do ser. Este delicado manuseio da realidade sutilmente instaura, no bebê, um sentimento de confiança no ambiente. A matéria-prima para essa confiabilidade localiza-se em área intermediária entre a criatividade primária e a percepção objetiva embasada no teste de realidade, concebida por Winnicott como a região dos fenômenos transicionais. Neste espaço potencial a mãe *suficientemente boa* instila, em repetidas doses, a esperança, que faculta ao bebê a crença de que encontrará no mundo o objeto de sua necessidade.

Este feito que consiste em fazer coincidir a apresentação do objeto com a prontidão do bebê para criá-lo, no tempo e lugar adequados é passível de ser realizada por uma mãe *suficientemente boa*, segundo Winnicott. Contudo, são a sensível adaptação e o preciso suprimento às necessidades do bebê, imprescindíveis à criação do fenômeno da *ilusão*, que devem ocorrer em perfeita conformidade com a apresentação do objeto, a meu ver, que conferem extraordinariedade à tarefa (WINNICOTT, 1971e/1975). Conforme afirma o autor em outro texto:

... Isso é algo que não pode ser feito por pensamento, nem pode ser manejado mecanicamente. Só pode ser feito pelo manejo contínuo por um ser humano que se revele continuamente ele mesmo (...). o que uma criança consegue é justamente aquilo de que ela precisa, o cuidado e atenção de alguém que é continuamente ela mesma (1963a/1990, p. 83).

Neste enfoque, os sucessivos descompassos nesta delicada cadência, vital para a integração do *self*, lançam o bebê no terreno das agonias intoleráveis, ansiedades típicas dos estágios primitivos do desenvolvimento que, para sua contenção dependem de uma adaptação *suficientemente boa* da mãe e seu amparo é indispensável para mitigar as invasões ambientais, de tal modo a favorecer ao bebê a conservação do sentimento de continuidade de ser.¹²² Uma exposição desmedida a intrusões e a conseqüente reação a elas desfazem este estado e lançam o bebê num universo de ansiedades inomináveis, sentimentos que, na pena de Winnicott, se traduzem como desintegração, queda eterna em um espaço sem limites ou ausência de orientação.¹²³

Acredito que experiências deste quilate deixem marcas e influam, de maneira mais ou menos vigorosa, nos relacionamentos afetivos posteriores

¹²². Embora utilizadas em outro contexto, creio ser lícito reproduzir aqui as palavras de Winnicott: "... todos os indivíduos buscam, na verdade, um novo nascimento, no qual a sua linha de vida não seja perturbada por uma quantidade de reações maior do que pode ser experimentada sem que ocorra perda do sentimento de continuidade da existência pessoal" (1949/2000, p. 271).

¹²³. Vale enfatizar, contudo, que a ambiência *suficientemente boa* não imuniza ninguém de forma definitiva, já que o desenvolvimento do ser humano é permanente, em consonância com o postulado winnicottiano. Assim, qualquer pessoa, em circunstâncias-limite da existência – de resto análogas às intrusões prematuras – pode novamente se deparar com sentimentos de despersonalização ou desrealização, concernentes a aspectos não constituídos do *self*. Para um estudo mais minucioso, reportamos o leitor aos artigos de Winnicott: *A integração do ego no desenvolvimento da criança* (1962b/1990), *O medo do colapso* (1963b/1994) e, principalmente, *A psicologia da loucura: uma contribuição da psicanálise* (1965a/1994).

podendo se constituir em fonte de intenso padecer. O grau de interferência condiciona-se tanto aos traços peculiares à história e aos recursos de cada *personalidade* como, naturalmente, à intensidade das violações do ambiente.

As considerações explanadas levaram-me à apreciação de que *em determinadas modalidades de vínculo a dependência possa estar mascarada pelo erotismo*. No enfoque ora em perspectiva, contudo, o verdadeiro erotismo demanda um *self* bem constituído, em termos de uma vivência de continuidade de ser que faculte ao indivíduo o amor como gesto espontâneo. Para que um encontro genuíno aconteça é imperioso que os dois componentes da dupla tenham obtido, no curso existencial, provisões adequadas às suas necessidades primordiais, quesito cujo preenchimento não se equipara a um atestado de imunidade perene.

Ante o imponderável da vida, todavia, qualquer um dos membros do par é passível de entrar em contato com áreas mais regredidas do desenvolvimento e, em caráter transitório, exigir o funcionamento do parceiro em uma modalidade relacional afinada com o momento. O apelo, entretanto, nem sempre é atendido, uma vez que implicam uma grande sensibilidade e capacidade devotada, similares àquela atenção dispensada pela mãe ao seu bebê. Nestas circunstâncias, restaria à pessoa lançar mão de recursos decorrentes de um suprimento ambiental suficientemente bom em seu próprio *armazém*, probabilidade que diz respeito ao relacionamento entre pessoas inteiras.

A compreensão desta dramática humana, cuja abordagem implica delicado manejo, foi abordada em inúmeras passagens da obra de Winnicott, como no trecho onde ele, em decorrência de seu postulado de

que as etapas primitivas do desenvolvimento permanecem sempre vigentes, alerta o leitor de que no atendimento de qualquer indivíduo, independente da faixa etária, pode-se deparar com os tipos mais variados de necessidades ambientais, da mais tenra a mais sofisticada etapa. Deste modo, o cuidado a qualquer paciente exige uma atenção acurada à *idade emocional do momento*, de maneira tal a viabilizar um ambiente compatível a tal condição (1988a/ 1990).

Na perspectiva do autor ninguém é refratário à vivência de sentimentos de despersonalização, pois:

... Muito do que chamamos sanidade é, de fato, um sintoma, carregando dentro de si o medo ou a negação da loucura, o medo ou a negação da capacidade inata de todo o indivíduo de estar não-integrado ou despersonalizado, e sentindo que o mundo não é real (1945/2000, p. 225).

Estas formulações levaram-me a refletir que qualquer um, frente a eventos análogos a *vivências de ruptura significativa da continuidade de ser*, pode defrontar-se com agonias impensáveis, em virtude de alguns aspectos de *self* que não tiveram condições de se constituir. Para tanto, é indiferente se a ocorrência é um episódio de amor, um súbito rompimento, um aborto ou um luto, bastando que reporte o indivíduo aos estágios fundamentais de sua subjetividade. O contexto específico de minha averiguação levou-me a supor que certos momentos, situações ou vínculos, guarnecidos de uma certa tonalidade que guarde íntima vinculação com instabilidades emocionais remotas têm função preponderante na eclosão súbita de agonias intoleráveis.

Sejam experiências relativas a uma dissonância reiterada entre expectativa e atendimento, a interposição desastrada do gesto materno que intercepta/adultera o movimento criativo do bebê ou um desacerto que, ao estender por demais o cuidado, termina por retardar ou tolher o necessário processo de desilusão e o gradual contato com a realidade.

Se minha ponderação for procedente, em associações afetivas coloridas por estas nuances, o contato com o par em sua alteridade não dominada desperta, por uma conjunção intrincada de fatores, sentimentos relativos a eventuais falhas na transição do estágio da *dependência absoluta* para a *dependência relativa*. Nesta complexa rede, para minha pesquisa, o problema do relacionamento com a realidade externa tem papel preponderante.

Winnicott, num texto primoroso (1988e/1990) discute este tema, certamente aflitivo para todo ser humano, iluminado por sua conceituação relativa aos primeiros contatos com o mundo externo, mediados pela mãe, naquilo que se convencionou denominar “primeira mamada teórica”.¹²⁴

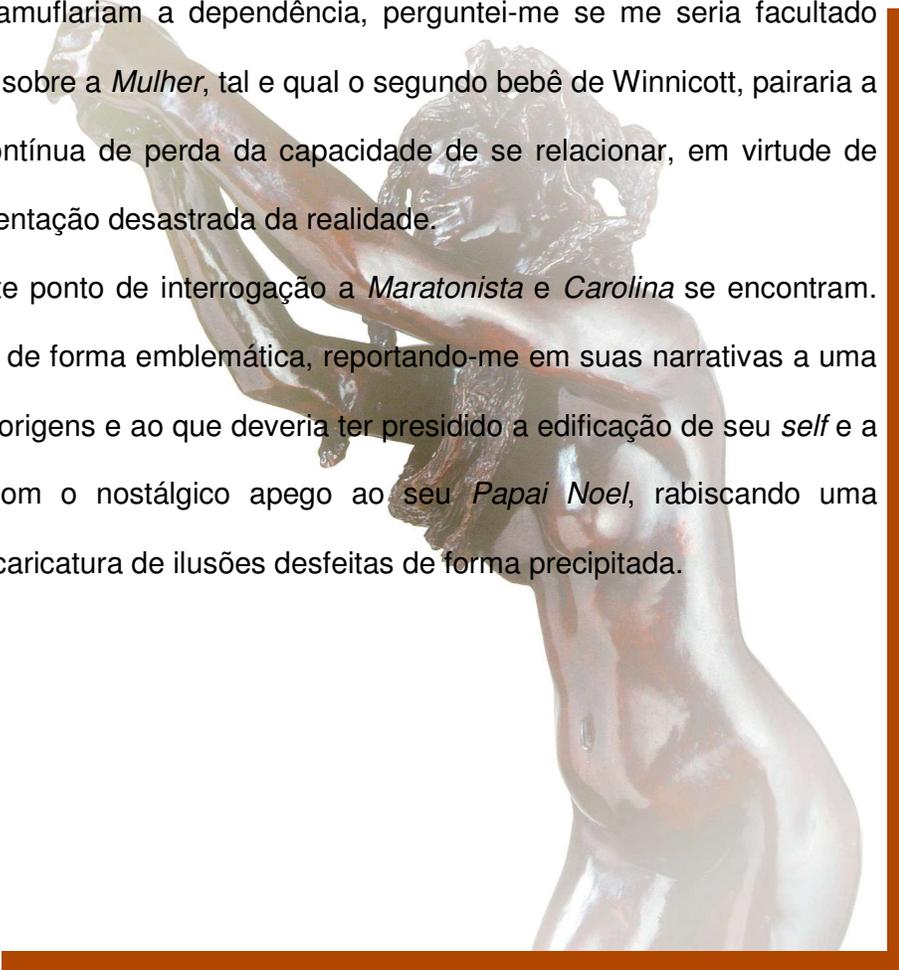
Segundo o autor, em síntese, um bebê afortunado é capacitado, por intermédio de uma adaptação suficientemente boa às suas necessidades, a ter a ilusão de encontrar na realidade aquilo que criou. Um segundo bebê, ambientado em situações menos venturosas, seria afligido por uma grande ansiedade, perturbado com a idéia de não haver um contato direto com a realidade externa. Sobre ele, pairaria sempre a ameaça de perda da capacidade de se relacionar. Quanto ao terceiro, a apresentação do mundo

¹²⁴. Valho-me do esclarecimento de Winnicott: “... não há dúvida de que se a primeira mamada ocorre satisfatoriamente, estabelece-se um contato, de modo que o padrão das mamadas se desenvolve a partir dessa primeira experiência (1988e/1990, p. 120).

foi desleixada e assim, com um prejuízo severo, o bebê quase careceria da capacidade de ilusão de contato com a realidade externa. Capacidade tão frágil que uma frustração pode romper, originando, por exemplo, uma doença esquizóide.

Levando em conta esta instigante proposição acerca do real e cotejando-a com o argumento de que certos vínculos, pretensamente eróticos, camuflariam a dependência, perguntei-me se me seria facultado supor que, sobre a *Mulher*, tal e qual o segundo bebê de Winnicott, pairaria a ameaça contínua de perda da capacidade de se relacionar, em virtude de uma apresentação desastrada da realidade.

Neste ponto de interrogação a *Maratonista* e *Carolina* se encontram. A primeira, de forma emblemática, reportando-me em suas narrativas a uma busca das origens e ao que deveria ter presidido a edificação de seu *self* e a segunda com o nostálgico apego ao seu *Papai Noel*, rabiscando uma dramática caricatura de ilusões desfeitas de forma precipitada.



Distante de mim, afirmei, um fechamento. No registro destes encontros, incontáveis *fisionomias* se refletem, homens e mulheres de meu tempo cujas histórias residem agora nestas páginas, à espera que outros a descubram e, quem sabe, as contem outra vez.

No entanto, reluto em despedir-me da *Mulher*, pois intensa foi nossa convivência. A esta altura da jornada, sinto ser inevitável um movimento de retrocesso sobre meus próprios passos, pois reconheço profundas transformações resultantes do meu percurso investigativo, no que se refere à fonte inspiradora desta dissertação.

A pesquisa do *viver amoroso de mulheres* e de sua eventual vinculação com o sofrimento, em primeira instância concebida em termos de *pessoas inteiras*, contemplava, de maneira conseqüente, as vicissitudes inerentes à constelação edípica. Porém, o *acontecer humano* concreto revelou aspectos inusitados, afeitos à imaturidade associada ao desenvolvimento emocional infantil. Durante os encontros com a *Mulher* foram-me apresentadas formas de padecer, análogas aos estágios da constituição do *self*, cuja expressão foi favorecida, acredito eu, pela mediação de minhas *pranchas-rabisco*.

Além disso, o aprofundamento de meus estudos da *personalidade coletiva*, orientados por uma concepção de homem como um ser essencialmente social, refinou minha suposição preliminar, de que o contexto característico a cada século influiria tanto na tonalidade dos vínculos afetivos da *Mulher* contemporânea como em sua figuração no imaginário coletivo. Dentre tantas contribuições, elegeria como insígnia a formulação de Winnicott (1968b/1999), na qual ele destacou, precisa e

poeticamente, a função primordial da ambiência materna, por intermédio da qual o mundo é apresentado ao bebê, com as matizes próprias ao seu tempo. Adaptando o conceito à nossa realidade, sem precisar recorrer a distâncias incomensuráveis, é inegável o fosso existente entre nascer em um lar da Zona Sul de São Paulo ou em uma favela da periferia da mesma cidade. Ou ainda, como ele afirma:



... Posso ser uma pessoa convencionalmente suburbana, ou um bastardo. Posso também ser filho único, filho mais velho, o do meio entre cinco filhos, ou ainda o terceiro de uma série de quatro meninos. Tudo isso tem importância e faz parte de mim (WINNICOTT, 1968b/1990, p. 80).

Estas idéias carregam uma série de questionamentos. Se for verdade, conforme esbocei neste trabalho, que, em termos de seu viver amoroso, a *Mulher* da atualidade lida com as agruras derivadas de aspectos de *self* irrealizados, quais seriam as outras conseqüências que derivam de seu enraizamento *nesta sociedade, nos costumes próprios a nossa cultura e a esta era?*

Torna-se imperioso, sob este enfoque, indagar-me em que medida os acontecimentos do mundo das últimas cinco décadas afetaram a *Mulher* que, além de *sofrer* por amor, lida com outros males oriundos da assim chamada modernidade, que hoje tem similar magnitude em sua existência.

A *Mulher* contemporânea,¹²⁵ ciente de suas responsabilidades, política e socialmente ativa, culta, com autonomia financeira, com uma vivência sexual e amorosa que lhe poderia facultar escolhas mais afortunadas, essa mesma *Mulher* acessa a Internet várias vezes ao dia e é bombardeada de informações que mal tem tempo para assimilar. Enquanto come um lanche apressado, muitas vezes ela prepara um relatório para a diretoria da empresa e, em paralelo, atende ao celular para receber a notícia de que o filho pequeno arde em febre na escolinha. É tarde para acionar o ex-marido, a empregada há muito foi para casa, nem pensar em pedir ao chefe para sair mais cedo e compartilhar com a colega da baia ao lado é impossível, pois ela, talvez, exultasse com a perspectiva de ocupar o seu cargo, bem remunerado, aliás, mas totalmente discordante de sua realidade emocional, que lhe sinaliza um risco permanente de falência de recursos.

Em alguns momentos, oprimida pelo peso de tantas responsabilidades acarretadas pela emancipação feminina, ela, nostálgica, talvez pense na avó tricotando placidamente na varanda de uma casa que dispensava grades de proteção, onde o trânsito dos vizinhos era livre e o

¹²⁵. Ao leitor cuidadoso não escapará que uma sociedade de classes comporta muitas *Mulheres contemporâneas* e, mesmo que todas possuam televisão em suas moradias, é inegável que a inserção em determinada categoria social – trabalhadora, média ou dominante – leva a *Mulher* a habitar diferentes mundos, conforme reiterei ao longo deste trabalho, norteada pela concepção de Bleger (1963/1989) referente à necessidade de jamais desvincular o indivíduo das condições reais e concretas de sua existência.

contato humano vivificante. O distanciamento de experiências desta natureza torna sua vida opaca.

Há também muitas *Maratonistas* e *Carolinas* que despendem seus dias em busca de algum afazer que dê sentido à sua existência, convivendo, elas também, com um agudo e incômodo sentimento de inutilidade, que tolda seus dias. Quem sabe, por vezes, umas e outras se perguntem se suas antecessoras, mulheres de tempos antigos, seriam mais felizes, abrigadas na redoma da sociedade na qual estavam inseridas, sem direito ao voto e submetidas a um regime patriarcal que determinava de maneira firme todas as escolhas, delimitando com clareza os papéis de cada membro da família.

Mas, como se torna evidente nesta perspectiva que estou considerando, desde épocas imemoriais o ser humano sofre o impacto dos acontecimentos próprios a seu tempo e, assim, também nossos antepassados se debateram procurando solver seus dramas existenciais.

Há, contudo, segundo creio, uma especificidade de nossa era, que eu denominaria de *hiper exposição à realidade* de cuja contundência nossos ascendentes parecem ter sido poupados. Os avanços tecnológicos, que de certo geraram benefícios, por outro lado nos sujeitam a assistir às ocorrências do mundo em tempo real, perturbadora dimensão impotente, avessa a qualquer possibilidade de participação real, transformadora. Atualmente, o acesso a qualquer informação é imediato, basta lembrar das torres gêmeas desabando diante de milhões de espectadores estarecidos que, nos dias seguintes, com pânico crescente, acompanharam passo a passo o arranjo de estratégias militares para a ocupação de outros países,

bem como a disseminação de um clima de terror ímpar. Lembro que Benjamim (1936/1996) já alertava, cerca de setenta anos atrás, para o perigo representado pelas informações céleres, que banalizam o conteúdo dos acontecimentos. As notícias, antes, viajavam de carruagens ou navios e, quando transmitidas, consideravam o tempo próprio à cada comunidade. Hoje, os *tempos* são outros e as pessoas são constantemente desrespeitadas em sua singularidade.

A clínica contemporânea tem nos apresentado as ressonâncias desta época, sob a forma de queixas, cada vez mais freqüentes, referentes a sentimentos de vacuidade existencial, de falta de sentido, de ausência de objetivos, de sensações de pânico. São assíduas as descrições de um medo exacerbado que o simples existir provoca, as probabilidades de refúgio são cada vez mais esparsas e o contato inter-humano precário.

Parece-me que a busca premente, similar a dos anjos de *Asas do Desejo*,¹²⁶ é pela perspectiva de se sentir real, experiência que, conforme concebe Winnicott, é diametralmente oposta a *existir*. O sentir-se real se condiciona ao viver e se relacionar com o mundo e os objetos como *si-mesmo* e, ainda mais, a possuir um *self* para o qual retrain-se (1971h/1975).

Faltam espaços de amparo, nos quais o *self* possa se recolher, campos transicionais para o restabelecimento de suas potencialidades inatas. Em decorrência, observa-se um incremento de *viventes*, pessoas que, como seres fantasmagóricos, parecem trespassadas pela realidade e cujo senso de enraizamento no mundo é nulo.

¹²⁶ . *Asas do Desejo*, de Win Wenders.

Sinto que estou pronta, finalmente, para despedir-me da *Mulher*, pois, agora, consigo conceber uma resposta caso uma jornalista viesse hoje ao meu encontro, curiosa quanto ao resultado de minha investigação sobre o desgosto amoroso da mulher contemporânea. Quase, certamente, eu diria que o queixume afetivo pode dissimular carências de outra ordem.

E que, neste tipo de sofrimento se irmanam homens e mulheres, uma vez que ambos são filhos destas décadas, seres humanos que se ressentem das contingências que o pertencimento a este entorno acarreta. Circunstância que a sensibilidade poética de Clarice Lispector conseguiu condensar:



(...) A condição humana não se cura, mas o medo da condição é curável (1984, p. 241).

Referências

- AB´SÁBER, T. A. M. Psicanálise dos Pokemons. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, São Paulo, p. 16-19, 30 abr. 2000.
- ALVES, D. *O desencontro marcado: a velha-mulher-nova e o machão-moderno*. Petrópolis: Vozes, 1985. 232 p.
- BARUS-MICHEL, J. *Le sujet social. Étude de psychologie sociale clinique*. Paris, Dunod, 1987.
- BENJAMIM, W. (1936). O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 10. reimpressão. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 199-221.
- BLEGER, J. (1963). *A psicologia da conduta*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 242 p.
- BLEGER, J. (1968). Psicanálise do enquadre psicanalítico. In: _____. *Simbiose e Ambigüidade*. 3. ed. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. 400 p.
- BRANDÃO, J. S. Ulisses: O Mito do Retorno. In: _____. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 287-327, v. III.
- CASTRO, T. *O Som do Pasquim: Grandes entrevistas com os Astros da Música Popular Brasileira*. Disponível em: www.geocities.com/BourbonStreet/Delta/5840/font_lupic.htm
- CICERO, A. (1987). Guardar (Poema). *Folha de São Paulo*. Folhetim, São Paulo, página B.12, 02 jan.1987.
- DELBÉE, A. (1982). *Camille Claudel, uma mulher*. Tradução de Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 407 p.
- D´ ALLONES, R. *La démarche clinique em sciences humaines*. Paris: Dunod, 1999. 220 p.
- FERREIRA, A. B. H., *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. 34. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, J. C. Enlaces. *Tempo Psicanalítico*. Rio de Janeiro, Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, 2002, n. 34, p. 65-91, 2002.
- FERREIRA, J. C.; VAISBERG, T. M. J. A. Abordagem psicanalítica do singular plural: A *Mulher* e a experiência amorosa. In: VAISBERG, T. A.; AMBROSIO, F. F. (Orgs.). *Apresentação e Materialidade*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003a. p. 121-140.

FERREIRA, J. C.; VAISBERG, T. M. J. A. O amor violenta: dom de iludir. In: VAISBERG, T. A.; AMBROSIO, F. F. (Orgs.). *Trajetos do sofrimento: rupturas e (re) criações de sentido*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003b. p. 122-137.

FERREIRA, J. C.; VAISBERG, T. M. J. A. O Cavaleiro Solitário. *Cientefico*. Salvador, Ano IV – v. I – jan/jun/2004. p. 148-158.

FERREIRA, J. C.; VAISBERG, T. M. J. A. O que era vidro se quebrou. *Revista Portuguesa de Psicossomática*. Porto. Sociedade Portuguesa de Psicossomática, V. 6, n. 1, jan/jun 2004. p. 75-86.

GAULEJAC, V. *La nevrose de classe*. Paris: Hommes et Groupes, 1987.

GRANATO, T. M. M. *Tempo de Gestar: Encontros Terapêuticos com Gestantes à luz da Preocupação Materna Primária*. São Paulo: Landmark, 2002. 129 p.

HOMERO. *Odisséia*. (em versos). Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 199-?. 317 p.

HUTCHINSON, A . (1981). *S. Maria Callas, a mulher por trás do mito*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 375 p.

KHAN, M. M. R. (1971). Introdução. In: WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p.11-52.

LEFÈVRE, F., LEFÈVRE, A. M. C., TEIXEIRA, J. J. V. *O discurso do sujeito coletivo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. 138 p.

LESCOVAR, G. Z. *Um estudo sobre as consultas terapêuticas de D.W. Winnicott*. 2001. 319 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2001.

LISPECTOR, C. (1969). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 174 p.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 780 p.

LISPECTOR, C. (1977). *A hora da estrela*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 98 p.

LUKÁCS, G. Narrar ou Descrever. In: _____. *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1965. p. 43-94.

MACHADO, M. C. L., VAISBERG, T. M. J. A. Transicionalidade e Fisionomia Coletiva. In: VAISBERG, T. A.; AMBROSIO, F. F. (Orgs.). *Apresentação e Materialidade*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p. 60-65.

NÉRET, G. *Auguste Rodin*, esculturas e desenhos. Tradução de Sandra Oliveira. Lisboa: Taschen, 1997. 96 p.

POLITZER, G. (1928). *Crítica dos fundamentos da psicologia: psicologia e psicanálise*. Tradução Marcos Marcionilo e Yvone Maria de C. T. da Silva. São Paulo: Unimep, 1998. 194 p.

SAFRA, G. *A face estética do self*. Teoria e Clínica. São Paulo: Unimarco, 1999. 164 p.

SAFRA, G. A vassoura e o divã. *Percurso*. Revista de Psicanálise, São Paulo, Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*, Ano 09, n. 17, p. 69-74, 2. sem/1996.

SALGADO, S. *Êxodos*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000. 432 p.

SILVA, G. F. *Ser e Fazer: Proposta de uma leitura winnicottiana com a fundamentação teórica do uso de "técnicas grupais"*. 2000. 119 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

SILVA, M. E. L. Pensar em Psicanálise. In: _____. (Coord.). *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papyrus, 1993. p. 11-25.

SCOTT, R. *Blade Runner*. [Filme-vídeo]. Produção de Michael Deeley, direção de Ridley Scott. EUA, Warner Brothers Co. 1982. 1 cassete VHS / NTSC, 117 min. color. son.

SPINARDI, L. *Exercícios de Levitação*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2002, 98 p.

TARDIVO, L. S. P. C; VAISBERG, T. M. J. A. Natureza e esportes ou violência e drogas? A juventude no imaginário de jovens indígenas aculturados. In: *Psic*. São Paulo, Revista de Psicologia da Vetor Editora, Ano 02 – n. 2/3, p. 26-37, 2001.

TAVOLA, A. *Artur da Távola escreve sobre Lupicínio Rodrigues*. Disponível em: <http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.9910/0356.html>

VAISBERG, T. M. J. A. Da questão do método à busca do rigor: a abordagem clínica e a produção de conhecimento na pesquisa psicanalítica. In: VAISBERG, T. A.; AMBROSIO, F. F. (Orgs.). *Apresentação e Materialidade*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p. 36-43.

VAISBERG, T. M. J. A. A Disputa de Guarda sob um Olhar Winnicottiano. In: III CONGRESSO IBERO AMERICANO DE PSICOLOGIA JURÍDICA, 2000, São Paulo. Anais do III Congresso Ibero Americano de Psicologia Jurídica. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2000. p. 366-369

VAISBERG, T. M. J. A. *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de Psicopatologia*. 1999. 197 f. Tese (Livre Docência em Psicopatologia

Geral I e II, Departamento de Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

VAISBERG, T. M. J. A. *Estratégias clínicas e estratégias de pesquisa*. Reuniões semanais do *Ser e Fazer*. Laboratório do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2002d, mimeo. 04 p.

VAISBERG, T. M. J. A. Marionetes em consultas terapêuticas: a teoria dos campos na fundamentação de enquadres transicionais. In: BARONE, L. M. C. (Coord.). *O Psicanalista: Hoje e amanhã - O II encontro psicanalítico da teoria dos campos por escrito*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002b. p. 203-220.

VAISBERG, T. M. J. A. *A representação como escudo: a visão metapsicológica*. Reuniões semanais do *Ser e Fazer*. Laboratório do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2002a, mimeo. 84 p.

VAISBERG, T. M. J. A. *O sofrimento humano e a busca de enquadres diferenciados da psicanálise do self à luz da Psicologia Clínica Social*. Projeto Temático Fapesp, São Paulo: 2002c, mimeo. 80 p.

VAISBERG, T. M. J. A. O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: projeção e transicionalidade. *Psicologia USP*. São Paulo, v. 6, n. 2, p. 103-127, 1995.

VAISBERG, T. M. J. A.; CORREA, Y. B.; AMBRÓSIO, F. F. Encontros Brincantes: O uso de procedimentos apresentativo-expressivos na pesquisa e na clínica winnicottiana. In: IX ENCONTRO LATINO AMERICANO SOBRE O PENSAMENTO DE D. W. WINNICOTT, 2000, Rio de Janeiro. *Anais Grupo de Estudos Psicanalíticos*. Rio de Janeiro: [S. ed.] 2000. p. 331-341.

VAISBERG, T. M. J. A.; MACHADO, M. C. L.; AMBROSIO, F. F. A alma, o olho e a mão: Estratégias metodológicas de pesquisa na psicologia clínica social winnicottiana. In: VAISBERG, T. A.; AMBROSIO, F. F. (Orgs.). *Trajetos do sofrimento: rupturas e (re) criações de sentido*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p. 06-16.

VITALI, L. M.; VAISBERG, T. M. J. A.; OLIVEIRA, A. S. B. *Doença crônica, evolutiva e fatal: consultas terapêuticas coletivas no cuidado emocional dos profissionais de saúde*. Arquivos de Neuropsiquiatria. Jornal Oficial da Academia Brasileira de Neurologia, São Paulo, 2002. No prelo.

WINDERS, W. *Asas do Desejo*. [Filme-vídeo]. Direção de Win Wenders. ALE. VIDEO ARTE. 1987. 1 cassete VHS / NTSC, 128 min. color. son.

WINNICOTT, C. (1989). D. W. W. Uma reflexão. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 03-13.

WINNICOTT, D. W. (1988a). O ambiente. In: _____. *Natureza humana*. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 173-180.

WINNICOTT, D. W. (1988b). O ambiente saudável na infância. In: _____. *Os Bebês e suas Mães*. 2. tiragem. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 53-59.

WINNICOTT, D. W. (1971c). O brincar. Cap. III e IV. In: _____. *O Brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p. 59-93.

WINNICOTT, D. W. (1958). A capacidade para estar só. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. 3. ed. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 31-37.

WINNICOTT, D. W. (1959-1964). Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. 3. ed. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p.114-127.

WINNICOTT, D. W. (1968b). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: _____. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 98 p.

WINNICOTT, D. W. (1971f). A criatividade e suas origens. Cap. V. In: _____. *O Brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p. 95-120.

WINNICOTT, D. W. (1963a). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. 3. ed. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 79-87.

WINNICOTT, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 218-232.

WINNICOTT, D. W. (1988e). Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____. *Natureza humana*. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 119-135.

WINNICOTT, D. W. (1960). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. 3. ed. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p.128-139.

WINNICOTT, D. W. (1962b). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. 3. ed. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 55-61.

WINNICOTT, D. W. (1968a). A interpretação na psicanálise. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 163-166.

WINNICOTT, D. W. (1971a). Introdução. In: _____. *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Tradução de Joseti Marques Xisto Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1984. p. 9-19.

WINNICOTT, D. W. (1964-1968). O jogo do rabisco. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 230-243.

WINNICOTT, D. W. (1971b). A localização da experiência cultural. In: _____. *O Brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p. 133-143.

WINNICOTT, D. W. (1988d). A mãe dedicada comum. In: _____. *Os Bebês e suas Mães*. 2. tiragem. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 01-11.

WINNICOTT, D. W. (1963b). O medo do colapso. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 70-76.

WINNICOTT, D. W. (1949). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 254-276.

WINNICOTT, D. W. (1962a). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. 3. ed. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p.152-155.

WINNICOTT, D. W. (1971e). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. Cap. I. In: _____. *O Brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p. 13-44.

WINNICOTT, D. W. (1941). A observação de bebês numa situação estabelecida. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 112-132.

WINNICOTT, D. W. (1971h). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. Cap. IV. In: _____. *O Brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p. 153-162.

WINNICOTT, D. W. (1965c). O preço de desconsiderar a pesquisa psicanalítica. In: _____. *Tudo começa em casa*. 3. ed. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 171-182.

WINNICOTT, D. W. (1965a). A psicologia da loucura. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 94-101.

WINNICOTT, D. W. (1971g). Sonhar, Fantasiar e Viver. Cap. II. In: _____. *O Brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p. 45-58.

WINNICOTT, D. W. (1971d). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. Cap. VI. In: _____. *O Brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p. 121-131.

WINNICOTT, D. W. (1965b). O valor da consulta terapêutica. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Artes Médicas, 1994. p. 244-248.

WINNICOTT, D. W. (1988c). O Valor da Ilusão e os Estados Transicionais. In: _____. *Natureza humana*. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 126-135.

YANOMAMI, D. K. *Sonho das origens*: depoimento. [set.1988]. Maloca do Watoriki, Roraima. Recolhido e traduzido por Bruce Albert.